

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Programa de Pós-Graduação em Educação

Doutorado em Educação



CARTAS DE *LIBERTAD*
EM UMA PRIMAVERA ROTA

Ariel Salvador Roja Fagúndez

Pelotas, setembro de 2019

ARIEL SALVADOR ROJA FAGÚNDEZ

CARTAS DE *LIBERTAD*
EM UMA PRIMAVERA ROTA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação, sob orientação da Professora Doutora Denise Marcos Bussoletti.

Pelotas, primavera de 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

F111c Fagundez, Ariel Salvador Roja

FagCartas de Libertad em uma primavera rota / Ariel Salvador Roja Fagundez ; Denise Marco Bussoletti, orientadora. — Pelotas, 2019.

Fag107 f.

FagTese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

Fag1. Educação. 2. Cartas. 3. Escrita da história. 4. Ditadura uruguaia. I. Bussoletti, Denise Marco, orient. II. Título.

CDD : 370.9



Fonte: Planella, L. (Fotógrafa) - Inverno de 2017.

Para plantar la bandera con la luz de tu sonrisa

ROJA, Ariel Salvador Fagúndez. Cartas de Libertad em uma primavera rota. Orientadora: Denise Marcos Bussoletti. 2019. 107 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

Resumo

A partir da leitura de cartas escritas por Ruben Eriberto Roja, entre os anos de 1972 a 1985, emitidas do interior do Estabelecimento Militar de Reclusão Nº 1, mais conhecido como presídio de Libertad, localizado a poucos quilômetros da capital do Uruguai, Montevideú, desenvolvi uma escrita de tese movida pela recorrente pergunta: Como contar essa história? Fundamentado nas Teses sobre o conceito de História, de Walter Benjamin, e na montagem literária como método proposta por ele, tramei uma narrativa que se reivindica como outra História, articulando literatura e teoria. Para tanto, estabeleci um diálogo com autores platinos, como Eduardo Galeano, Júlio Cortázar e em especial Mario Benedetti, somados a outros autores que em comum possuem a experiência do cativo em Libertad. O processo de escrita foi desenvolvido a partir de fragmentos literários em correspondência com fragmentos de cartas de Ruben, entrecortadas por textos autorais que, em seu conjunto, mostram a articulação entre a concepção de História proposta por Benjamin e algumas das inquietações que me afligiram e me afligem enquanto professor de História e como alguém atingido pelas consequências desse momento histórico.

Palavras chave: Educação. Cartas. Escrita da História. Ditadura uruguaia.

ROJA, Ariel Salvador Fagúndez. Cartas de Libertad en una primavera rota. Orientadora: Denise Marcos Bussoletti. 2019. 107 f. Tesis (Doctorado en Educación) - Programa de Posgrado en Educación, Universidad Federal de Pelotas, 2019.

Resumen

Apartir de la lectura de cartas escrita por Ruben Eriberto Roja, entre los años de 1972 a 1985 emitidas desde el interior del Establecimiento Militar de Reclusión N°1, más conocido como cárcel de Libertad, localizado a pocos quilômetros de la capital del Uruguay, Montevideo, desarrollé una escrita de tesis motivada por recurrente pregunta: ¿Cómo contar esa historia? Fundamentado en las Tesis sobre el concepto de historia de Walter Benjamin y en el montaje literário como método propuesto por él, tramé otra Historia articulando literatura y teoría. Para tal propósito, establecí un diálogo con autores rio-platenses con Eduardo Galeano, Julio Cortázar y en especial Mario Benedetti, sumados a otros autores que, en común, poseen la experiência del cautiverio en Libertad. El processo de escritura fue desarrollado a partir de fragmentos literários en correspondencia con fragmentos de cartas de Ruben, entrecortadas por textos autorales que en su conjunto muestran la articulación entre la concepción de Historia propuesta por Benjamin y algunas de las inquietaciones que me aflijieron y me aflijen como profesor de Historia y como alguien afectado por las consecuencias de ese momento histórico.

Palabras clave: Educación. Cartas. Escritura de la Historia. Dictadura. Uruguay.

ROJA, Ariel Salvador Fagúndez. Letters from Libertad on a spring break. Advisor: Denise Marcos Bussoletti. 2019. 107 f. Thesis (Doctorate in Education) - Graduate Program in Education, Federal University of Pelotas, 2019

Abstract

From the readings of letters written by Ruben Eriberto Roja, between 1972 and 1985, issued from the interior of the nº 1 Military Prison, better Known as Penal de Libertad, located a few kilometers from the capital of Uruguay, Montevideo, I developed a thesis writing motivated by the recurring question: How to tell this story? Based on Walter Benjamin's theses on the concept of History, and on the literary montage as his proposed method, I came up with a narrative that claims itself as another history articulating literature and theory. In order to do so, I established a dialogue with authors from Rio de la Plata, such as Eduardo Galeano, Julio Cortázar and especially Mario Benedetti, in addition to other authors who have the experience of captivity in Libertad in common. The writing process was developed from literary fragments in correspondence with Ruben's letter fragments interpreted by authorial texts that, together, show the articulation between Benjamin's conception of History and some of the concerns that afflicted me and still affect me as a teacher of history and as one struck by the consequences of this historical moment.

Key words: Education. Letters. History writing. Uruguayan Dictatorship.

SUMÁRIO

AS CARTAS (LAS HOJAS SECAS DE OTOÑO – Em que introduzo o tema das cartas e as contextualizo)	9
Sinais de fumaça (de como obtive as cartas, como as utilizei a luz do referencial teórico e como foram organizadas)	10
CORREIO DO TEMPO (Em que conto mais do referencial teórico e do método)	20
CARTAS DE LIBERTAD EM UMA PRIMAVERA ROTA (Em que conto essa história)	32
Intramuros (Esta noite estou só).....	32
Feridos e contundidos (Fatos Políticos).....	36
“Seu” Roja (Derrota e rota).....	39
Exílios (Cavalo Verde).....	41
Beatriz (As estações).....	43
Intramuros (Como andam seus fantasmas?)	44
O outro (Única testemunha).....	48
Exílios (Convite cordial).....	50
Feridos e Contundidos (Uma ou duas paisagens).....	52
Dom Roja (Uma culpa estranha)	53
Intramuros (O rio)	55
Beatriz (Os arranha-céus)	57
Exílios (Vinha da Austrália).....	58
O Outro (Querer, poder, etc.).....	61
Feridos e contundidos (Um medo terrível).....	62
Intramuros (O complementar).....	63

Exílios (Um homem no saguão).....	68
Beatriz (Este país).....	69
Don Roja (Loucos lindos e feios).....	70
Exílios (A solidão imóvel)	73
O outro (Titular e suplente)	74
Intramuros (O balneário).....	75
Beatriz (Uma palavra enorme).....	77
Feridos e contundidos (Verdade e prorrogação)	78
Don Sixto (Notícias de Ruben).....	79
O outro (Embasbacado e tudo)	80
Beatriz (a poluição)	81
Intramuros (Uma mera possibilidade)	82
Don Roja (Um país chamado Nelly).....	85
Beatriz (A anistia).....	87
Feridos e Contundidos (Merda de vida)	88
Don Roja (Remover os escombros)	90
Extramuros (Fasten seat belt)	93
Beatriz (Os aeroportos).....	94
Extramuros (Arrivals Arrivées Chegadas)	95
VOLVER A LOS DIECISIETE (Em que retomo o voo e estabeleço algumas considerações)	96
PUNTO FINAL.....	98
REFERÊNCIAS.....	103
ANEXO.....	106

PÁSSAROS PROIBIDOS

Nos tempos da ditadura militar, os presos políticos uruguaios não podiam falar sem licença, assoviar, sorrir, cantar, caminhar rápido nem cumprimentar outro preso. Tampouco podiam desenhar nem receber desenhos de mulheres grávidas, casais, borboletas, estrelas ou pássaros. Didaskó Pérez, professor, torturado e preso por ter ideias ideológicas, recebe num domingo a visita de sua filha Milay, de cinco anos. A filha traz para ele um desenho de pássaros. Os censores o rasgam na entrada da cadeia. No domingo seguinte, Milay traz para o pai um desenho de árvores. As árvores não estão proibidas e o desenho passa. Didaskó elogia a obra e pergunta à filha o que são os pequenos círculos coloridos que aparecem nas copas das árvores, muitos pequenos círculos entre a ramagem: – São laranjas? Que frutas são? A menina o faz calar: – Shhhh. E em tom de segredo explica: – Bobo. Não está vendo que são olhos? Os olhos dos pássaros que eu trouxe escondidos para você.

Eduardo Galeano



AS CARTAS (LAS HOJAS SECAS DE OTOÑO)

"lá onde meu pai está, o outono chegou bem agora e ele escreveu que está muito contente porque as folhas secas passam entre as grades e ele imagina que são cartinhas minhas". Beatriz (As estações)¹

Eduardo Galeano narra uma curiosa história que teria ocorrido em um pequeno povoado do interior do Uruguai. Nessa cidadezinha, vivia um solitário e idoso senhor, que apenas saía de sua casa para ir ao banco retirar sua aposentadoria. O ancião despertava a curiosidade de todos, e corria a crença entre os moradores do vilarejo de que ele guardava em sua residência um valioso tesouro. Alguns ladrões da capital, ao tomarem conhecimento dessa história, foram até o povoadinho e aproveitaram uma rara oportunidade em que o velho senhor não estava em sua casa para invadi-la.

Reviraram tudo e só encontraram um antigo baú de madeira fechado por um robusto cadeado. Resolveram, então, levar a arca e abri-la em segurança, longe do local do furto. Quando abriram, ficaram surpresos ao descobrir que ela estava repleta de cartas de amor que o idoso recebera ao longo de toda sua vida. Os bandidos resolveram devolvê-las, uma a uma, postadas ao endereço do solitário senhor a cada semana. Desde então, contam que o velhinho passou a esperar ansiosamente por cada segunda-feira. Revigorado, corria feliz ao encontro do carteiro, ávido por ler cartas de sua amada.

Algo semelhante ao conto de Galeano tem ocorrido comigo desde o momento que me dediquei a esta investigação. O texto *Personagens em busca de um autor* propõe algumas reflexões a respeito de pesquisas com base em acervos familiares. Discute acerca de questões epistemológicas quando o objeto de estudo é algum parente próximo. Também faz um convite a pensar sobre as relações entre memória e história, realidade e ficção. A leitura de *O Estranho de Freud*, que compõe o artigo, conclui que não é em vão que se dá vida a uma personagem. *Nem impunemente*².

Compartilho do mesmo sentimento desde o momento em que um conjunto contendo centenas de cartas, correspondências de mão única (apenas uma não é do remetente), datadas entre os anos de 1973 a 1985, chegaram até minhas mãos. A epistolografia abrange um período que corresponde aos anos de ditadura civil-militar na República Oriental do

¹Mario Benedetti, *Primavera num espelho partido*, 2009, p. 26.

²Eliana Marta Teixeira Lopes. *Personagens em busca de um autor*, 2007, p. 21.



Uruguai (1973-1985), país de origem desses documentos, e, em que seu redator, cumpria pena por sedição política desde 1972. Ele era o detento número 038 do Estabelecimento Militar de Reclusão Nº 1, mais conhecido como Presídio de Libertad, localizado nas cercanias de Montevideu.

A respeito das peculiaridades dos regimes de exceção na América Latina, San Martín destaca o caso uruguaio no qual: *A diferencia de otras dictaduras del Cono Sur en las que se practicaron fusilamientos sistemáticos (Chile) o desapariciones forzadas masivas (Argentina), la modalidad represiva que caracterizó al régimen uruguayo fue el encarcelamiento masivo y prolongado. Así lo prueban las estadísticas que indican que en 1976 Uruguay tenía el índice más alto de prisioneros por cantidad de habitantes de toda América del Sur. Cerca de 5.000 personas fueron procesadas por la Justicia Militar, debiendo sumarse a esta cifra los aproximadamente 3.700 casos de detenidos que no fueron procesados, pudiendo tratarse de horas o de meses*³.

Essas cartas recentemente vieram à luz⁴. Sobreviveram ao tempo que sempre as ameaçou. Resistiram a não imagino quantas tentativas de descarte de material acumulado em caixas, guardadas por alguma razão já esquecida. Agora respiram sobre minha escrivanela, esperando pacientemente o momento de serem lidas (uma a uma) e devidamente preservadas. Salvas da destruição inevitável que muitas vezes esse tipo de documentação sofre à medida que os seus guardiões vão envelhecendo ou falecendo. Porém, tal como palavras aladas, aguardam novos ventos para alçar voo e assim, quem sabe, possam ter a sorte de germinar em novas primaveras.

O redator das cartas, Ruben Roja, é assim um personagem que ainda busco compor em meio aos resquícios de uma das piores consequências impostas por regimes autoritários: a propulsão ao silêncio. Buscando a um, encontrei a vários outros, inclusive a mim. Contemplo-os (e a mim) como em um retrovisor, um espelho partido, a história de minha família, de meu país de origem e de uma época não muito remota.

Sinais de fumaça

As cartas chegaram com atraso e em dois momentos. É mais correto dizer que elas me foram entregues passados muitos anos. Havia transcorrido mais de 47 anos desde que algumas delas foram escritas. Nunca fui o

Retrovisor é passado. É de vez em quando do meu lado. Nunca é na frente. É o segundo mais tarde, próximo, seguinte. É o que passou e muitas vezes ninguém viu. Retrovisor nos mostra o que ficou, o que partiu. O que agora só ficou no pensamento. Retrovisor é mesmice em dia de trânsito lento. Retrovisor mostra meus olhos com lembranças mal resolvidas, mostra as ruas que escolhi calçadas e avenidas. Deixa explícito que se vou pra frente, coisas ficam pra atrás. A gente só nunca sabe que coisas são essas. (Trechos do poema Retrovisor, do grupo Teatro Mágico).

³ Magdalena Broquetas San Martín, *Liberalización económica, ditadura y resistencia (1965-1985)*, 2008, p. 199.

⁴ No decorrer da investigação, muitos outros materiais, como jornais, fotografias, fitas-cassete e artefatos diversos foram cedidos por familiares, configurando um verdadeiro tesouro e compondo, na expressão de Rilke, meu patrimônio histórico, cultural e natural – muito embora eu não seja um poeta e nem assim tão jovem.



destinatário original. Portanto, elas fizeram um longo caminho. O primeiro conjunto de cartas como pombos mensageiros, havia cumprido seu percurso original, chegaram ao destino, voltaram para casa de onde o remetente havia sido arrancado em uma madrugada de outono de 1972. Eram mensagens escritas principalmente ao pai de Ruben que foram formando, ao longo do tempo, um relato escrito em primeira mão, sobre a experiência de um homem privado de liberdade. As mensagens são carregadas de reflexões, confissões e de apoio mútuo; um para suportar o isolamento imposto pelo regime prisional, o outro para enfrentar um câncer, diagnosticado logo após a prisão do filho.

Essas mensagens são sobreviventes, alcançaram chegar, muitas outras não tiveram a mesma sorte, foram rechaçadas pela censura, pela autocensura, extraviadas. “Acidentes” que resultavam em perdas. Pássaros perdidos que não cumpriram o seu destino.

O próprio redator, depois de regressar do inferno, tentou organizar essas correspondências, recolhendo-as da casa do pai e levando-as consigo para a capital, Montevideu. Contudo, *la suerte no le quiso dar un sol*. Qual teria sido sua intenção primeira? Por que as guardou? Entre as cartas que trabalhei, encontrei uma em que se observa uma anotação feita por Ruben, em tinta preta, diferente da tinta azul do manuscrito. Uma anotação feita a posteriori, com a seguinte indicação: “primeira carta”. Ela pode ser identificada pelo código de transferência, que à continuação explicito melhor, como sendo a carta G-15. É uma carta singular em vários aspectos, primeiro por não conter data, o que sugere ter sido entregue em um dia de visitas. Não apresenta a identificação numérica do detento, nem tampouco de onde escreve, mas, pelo conteúdo e informações contidas em sua redação, permite supor que foi a primeira mensagem escrita por Ruben tão logo tenha sido transferido de Durazno, departamento localizado no interior do Uruguai, para o Estabelecimento de Reclusão N°1 de Libertad, departamento de San Jose, localizado a aproximadamente 60 km de Montevideu, a sudoeste do país. A carta é escrita em frente e verso, contrastando com as padronizadas cartas dos anos de 1980, resultantes das rígidas normas que gradativamente foram sendo implementadas para a correspondência dos reclusos.

Cartas escritas dentro de estreitos limites. Documentos que atestam, entre tantas coisas, a luta pelo íntimo exercício da liberdade, de defesa de valores pessoais e coletivos contra todos os mecanismos de despersonalização

As normativas impostas à população carcerária eram rígidas, burocráticas, sob constante controle e censura, normas que foram sendo alteradas em algum ou outro item com o decorrer do tempo, conforme as conveniências do sistema prisional e o momento político por que atravessou o país ao longo do período ditatorial. Mais informações podem ser obtidas no livro *Vivir en libertad* (2003), de Phillips-Treby e Walter Tiscornia.



que caracterizam essas instituições; cartas de um preso, mas não de um submetido. Registros feitos a mão, de um período em que as palavras perderam a liberdade e até mesmo esta, o seu significado. Guardá-las também foi um ato de resistência. Esses escritos ficaram adormecidos. Eventualmente consultados pela herdeira desses documentos, Ana Agóglia Roja, esposa e companheira de Ruben na maior parte dos dez anos de sua vida pós *Libertad*. Guardou-as quem sabe para o filho do casal. A vida de Ruben foi por muito tempo silenciada, num primeiro momento pela condição de preso político, e posteriormente por seu precoce falecimento em 1995.

Lidas e remexidas, embaralhadas ao acaso, perdendo outra vez sua ordem cronológica original, esse conjunto de cartas foram-me entregues todas de uma só vez. Atendiam agora a outro propósito, e, naquele ato de entrega, no gesto de concessão para esta pesquisa, sua antiga depositária, confiou-me *las palabras echas en libertad*. Desde então, assumi o compromisso de fazer com que elas retomem a sina peregrina, que sigam no seu voo.

Por intermédio delas, em escrita de pesquisa, pretendo demonstrar a *necessidade política e ética da rememoração, portanto da necessidade de uma outra escritura da história*.⁵ A vitalidade dessas mensagens reside justamente por serem cartas abertas. E que proveito pode-se extrair de mensagens de um morto? Morto para a vida social, vida em família, vida em liberdade. Morto em vida. *A presença da morte e a articulação com a negatividade, são um dos principais temas do pensamento de Walter Benjamin*.⁶ Mensagens de um preso político. Benjaminamente, indago: acaso temos hoje presos políticos? Ou ainda, não serão todos os presos, políticos? Para a escrita que desenvolvi, busquei amparo na obra ficcional de Benedetti por entender que ela *alcança a universalidade das contradições humanas, em sua ampla rede de significados. Ao tratar do preso exilado, por exemplo, não se restringe apenas ao exilado político, vítima da opressão do sistema, mas toca, de modo perspicaz e contundente, no exílio nosso de cada dia, nas múltiplas faces da incomunicabilidade que nos fazem sofrer, talvez, do mal maior: o do aprisionamento do ser em seu cárcere interior, estrangeiro a tudo e a todos*.⁷

E é assim que, partindo da leitura destas cartas, relacionando-as com livros, em especial a obra de Benedetti Primavera num espelho partido

⁵Jeanne Marie Gagnebin. *História e narração em Walter Benjamin*, 1994, p. 6.

⁶Sabrina Sedlmayer; Jaime Ginzburg. *Walter Benjamin: rastro, aura e história*, 2012, p. 7.

⁷Maria Célia Martins. *O preso que sonhava*, 2012, s/p.



(1982), recortes de jornais, objetos e outras formas em registro há muito tempo guardados em gavetas ou esquecidas em caixas no fundo de algum armário familiar, arrisco redação pretensamente nova para temas bastante antigos. No entanto, esses vestígios cobram vida, ressurgem do passado, do abandono e do esquecimento, exigindo redenção, ou rememoração. Processo que pode ser melhor compreendido através de um fragmento de Benjamin, anterior a escrita das *Teses sobre a História*⁸, mais especificamente no ensaio *Fragmento teológico-político, onde estão algumas chaves desta desconcertante experiência anamnética. Ali ele distingue uma ordem profana, que é a da felicidade dos vivos, e uma ordem messiânica, que também leva em conta a felicidade dos mortos. [...] Se os mortos não importam, então, a felicidade não é coisa do homem, mas do sobrevivente. Se importa a vida de todos, então, relacionaremos a vida frustrada dos mortos com os interesses dos vivos, negando-nos a seguir um projeto que pressupõe o desprezo pelos caídos. Quando damos o passo de esquecer a morte, perpetramos um crime hermenêutico que se soma ao crime físico*⁹.

Por serem partes de uma história que requer ser ouvida, demandam outro tempo, outro ritmo, como o de que se vale o cantar paciente das ondas para nos fazer silenciar e sentir o mar.

Muito antes de ler, antes de escrever, antes mesmo de ver, é pela audição que percebemos o mundo. Por isso escutar é imprescindível e desacelerar se faz necessário. Um tempo de escrever, um tempo de ler, um tempo do escutar, pois é disto que se trata, de reaprender também a ouvir, ou criar as condições para escutar. *Porque el que no sabe, no escucha*¹⁰. Talvez (e na esperança) de que com este aprendizado possamos evitar reviver o paradigmático pesadelo ilustrado pela história como testemunho narrada por outros, como Primo Levy¹¹ quando *insiste, sobre a vontade nazista de destruir a possibilidade mesma de uma história dos campos. Eles deveriam se tornar duplamente inenarráveis: inenarráveis porque nada que pudesse lembrar sua existência subsistiria e porque, assim, a credibilidade dos sobreviventes seria nula. O pesadelo comum que assombra as noites dos prisioneiros no campo – retornar, enfim, à sua própria casa, sentar-se com os seus, começar a contar o horror já passado e ainda vivo e notar, então, com desespero, que os entes queridos se levantam e se vão porque eles não querem nem escutar e nem crer nessa narrativa*¹².

Ou, quem sabe, para ter que ainda responder a outras mais pragmáticas

⁸Walter Benjamin. As teses sobre o conceito de História, 1985.

⁹Reyes Mate. Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito da História”, 2011, p. 30.

¹⁰Néstor Ganduglia. Historias mágicas del Uruguay interior, 2017, p. 15.

¹¹Primo Lewy. Os afogados e os sobreviventes, 2004.

¹²Jeanne Marie Gagnebin. Lembrar escrever esquecer, 2006, p. 46.



perguntas, tais como: E o que isso tem a ver com a Educação? Recordo o contexto em que escrevo para responder com outro questionamento: não será a Educação uma das primeiras áreas a sofrer ataques em governos autoritários? Outra possível resposta e talvez mais evidente, seria recordar a consabida expressão de que a área da Educação se permite abraçar a todos os temas, ou apontar para a experiência de vida e de cárcere de um educador, de um professor primário como foi Ruben, como ele próprio se mostra por entre os parágrafos selecionados para compor meu conjunto de “notas”, como demonstrarei a seguir. Sem nenhuma intenção de resposta fácil, permito-me dizer, que tudo o que virá a seguir é resultado também do esforço por tentar narrar. Uma história que pretende se mostrar pelo espaço das linhas e entrelinhas e que aceitei como um grande desafio.

O segundo conjunto de cartas foi-me entregue quando a leitura das primeiras estava em andamento. Foram entregues ao final de um, entre tantos, (re)encontro familiar, que esta pesquisa também proporcionou. Meu primo Gustavo, filho de Blanca Roja e Albino Aquino, ao final de um jantar de despedida (uma noite antes de embarcar em viagem de retorno à outra margem onde agora tenho ancorada minha vida), me entrega dois pacotes contendo dezenas de cartas destinadas a sua residência e outro conjunto destinadas a Maria Soledad, que morava em Durazno, interior do Uruguai. Algumas das cartas remetidas a sua irmã casula alcançaram a ser publicadas, dez anos após do falecimento de seu redador, em uma coluna de um semanário local. A seção recebia o sugestivo nome de *Cartas Abiertas*¹³. Mais uma evidência de que esses escritos carregam em si a vitalidade e o potencial de alçar muitos voos.

As cartas de Ruben sempre foram cartas abertas, visto que eram revisadas por toda a sorte censores, em busca de palavras proibidas e porque essa liturgia carcerária sempre é compartilhada, como pude perceber ao longo desta pesquisa e que aos poucos pretendo revelar mais ao leitor. Mas houve cartas que jamais chegaram ao seu destino, pelas mesmas razões. E outras, porque ficaram em alguma gaveta ou apenas no desejo de escrever.

Compreendo e defendo que as cartas são documentos de uma época que nos permitem ver nas entrelinhas a face oculta de um período que insiste em retornar. Propiciam, por certo, uma série de análises que podem ir muito além das severas restrições impostas pelo regime, tanto dentro como

A descrição dos personagens citados pode ser encontrada no artefato apêndice intitulado Juntando os cacos, onde faço uma rápida apresentação dos principais destinatários das cartas de Ruben.



¹³Semanario Pagina Cero. Año I – Numero 12 – Setiembre de 2005 – Durazno, p.



fora dos limites de *Libertad*. Entre outras, as mensagens das cartas estão, em um primeiro olhar, carregadas de recomendações acerca da construção de boas relações, que deveriam ir muito além dos laços familiares, porém, sendo cartas destinadas a parentes, reforça constantemente o pedido pelo bom convívio doméstico, pela integração pautada pelo entendimento, pelo respeito mútuo, pela solidariedade entre as pessoas. Através das cartas, Ruben lembrava constantemente a importância do diálogo, do tempo compartilhado com os demais, chamando a atenção para as coisas simples da vida, essas a que ele estava privado, como um abraço. Essas coisas simples que o tempo devora. De forma pedagógica, aproveita temas prosaicos para propor reflexões acerca da sociedade como um todo. E muito mais.

Mais que rememorar os mortos, a melhor forma de fazer justiça a essas vidas é atentar para suas súplicas a felicidade presente, *este instante privilegiado no qual a vida e a morte podem se encontrar sem ódio, até sem angústia, no qual as palavras da história, bruscamente, se detêm, com o risco de soçobar, com o risco de renascer*¹⁴.

As cartas ainda continuam chegando, sempre com atraso, mas a cada leitura tornam-se mais atuais. Compostas de uma sabedoria popular, mesclada com a poética que permitia dizer do inefável, convocando a uma constante reflexão. *Para mim, pessoalmente, a única função da filosofia é ensinar-nos a encarar a vida com mais despreocupação e alegria do que o vulgar homem de negócios*¹⁵. Não há passado um só dia sem que aquelas palavras peregrinas não tenham iluminado meu andar. Desejo nesta narrativa redimir as palavras nascidas livres. Devolver-lhes o voo, interrompido por tanto tempo enjauladas em envelopes de papel azul. Do conjunto total de cartas, utilizei para este trabalho 125 correspondências. Todas elas foram lidas, relidas, transcritas e algumas traduzidas.

Após ter realizado a transcrição e releitura de cada uma de todas as 125 correspondências, com inspiração benjaminiana, resolvi agrupar o total de 275 fragmentos extraídos das cartas de Ruben Roja, divididos em quatro categorias (*Pájaros; Sombras; O educador e Esperanza*) e duas sub-categorias (*Livros e filmes e El cumple de Sole*), que se encontram a disposição do leitor na sessão de anexos.

Em *Pájaros*, categoria em que reúno, como um colecionador de parágrafos, a redação poética que Ruben utiliza. É pelo canto dos pássaros, seus hábitos, sua aparência que o redator também estabelece uma relação com o tempo intramuros, esse tempo que passa suspenso. É pelos pássaros

¹⁴ Jeanne Marie Gagnebin. História e narração em Walter Benjamin, 1994, p. 7.

¹⁵ Lin Yutang. A importância de viver, 1959, p. 12.



que anunciam novas estações que Ruben alimenta suas esperanças: *A pesar de que hoy domingo, por acá, el tiempo no puede ser peor, hemos tenido dias muy lindos. Primaverales. Las golondrinas ya han hecho su aparición y com éllas, renace la esperanza de verte aparecer viejo, cualquier miércoles de estos*¹⁶.

Em *Sombras* estão reunidos diversos fragmentos que deixam entrever as condições severas a que estavam submetidos os detentos e seus familiares. Por vezes, a escrita parece dúbia; em outras é bem explícita a respeito das consequências do prolongado isolamento. Fragmentos de uma escrita que sugere mais do que revela.

Em *O educador*; selecionei as manifestações mais significativas a respeito de como o redator via e entendia o papel da educação, embora a vocação de Ruben esteja presente em todas as suas cartas. Ruben chegou a lecionar em uma pequena “escolinha” montada na penitenciária com o propósito de alfabetizar companheiros. Com essa atitude, Ruben mostra ser um desses inconformados, dedicando-se a uma tarefa política, solidária, contra todas as severas restrições impostas pelo sistema carcerário destinado a presos políticos.

Em *Esperanza*, congreguei as palavras de otimismo e fé escritas por Ruben que sempre apontaram por um futuro melhor, na crença de dias melhores, apesar das circunstâncias.

Em *Livros e filmes*, busco desenhar um guia de leituras e atividades recreativas como os filmes que lhes era permitido o acesso. Que recurso que dispunham para manter a mente ativa. E *El cumple de sole*; acompanho o envolvimento de Ruben em torno da celebração dos quinze anos de sua irmã, Soledad.

Esses fragmentos formam, por assim dizer, o fichário ou “*working léxicon*”, um grande arquivo em forma de “hipertexto”, que é o banco de dados e a “caixa de construção”¹⁷ de que me utilizo para esta escrita e que podem ser consultados nos anexos. Wille Bolle (2018), em nota introdutória ao segundo volume na edição de Passagens, de Walter Benjamin, lançada pela UFMG, demonstra como o crítico alemão organizava suas “*notas e materiais*”, parte central e mais volumosa das Passagens. *O manuscrito é constituído de 426 folhas soltas, dobradas, resultando em fólhos de 14 x 22 cm. Benjamin escreveu nos lados 1 e 3 de cada fólho, deixando em branco os lados 2 e 4*¹⁸.

O termo em diminutivo é adotado por Ruben como se depreende do fragmento abaixo:
Empecé enseñando a leer a un compañero del piso. Luego la escuelita progresó ya que se le incorporó otro alumno de otro piso. Finalmente fue clausurada... Es una verdadera lástima. Duró lo que un lirio. Cuando conversamos de ello con el compañero del sector dice:
- Hasta la 30 llego. - Aludiendo al librito de lectura y los signos por el conocidos o aprendidos, unos diez en total. - Utilizaba un método muy simple. Analítico totalmente. Explicé las vocales y lentamente íbamos incorporando las consonantes. Cada signo con las cuatro formas que presenta (manuscrita y de imprenta). - Para mi también constituía un entretenimiento porque aparte las clases (que duraban una hora), tenía que hacer o hacia bandas de papel con leyendas de palabras o pequeñas oraciones ilustradas, para la tarea de globalización. [Bandites] que se colocan en lugares muy vistos en la celda. Esta forma de "propaganda subliminal" no es nada nuevo. Supongo que recordarás de nuestra infancia las leyendas con frases tales como "Sean los orientales tan ilustrados como valientes". A lo que el Pelo con su incorrigible tendencia al agravio o a la cachada transformó en "...tan ignorantes como sínicos". En fin, cada uno con su interpretación de la historia, que es una de las ventajas que nos da la Democracia.
DS. 33, I, 12-19
Ov ainda
E...JA Blanca le comentaba que habia empezado a enseñar a leer a un compañero. Una hora de clase por dia. Después me pusieron otro alumno y después... me clausuraron la escuelita. No sé lo que habrá pasado.
DS. 38, I, 36-39

¹⁶ DS. 27; 2, 44-47.

¹⁷ Wille Bolle. Título. Em Nota introdutória: Passagens, 2018. p. 653.

¹⁸ Ibid., p.



Por orientação imposta à correspondência dos reclusos, Ruben escrevia em apenas um dos lados da folha, contendo no verso superior da mesma apenas a identificação do remetente. Em cartas que não seguiram essa orientação, adoto a letra “b” minúscula para indicar o verso da folha. Os documentos foram organizados em três pastas respeitando o nome dos respectivos proprietários desses manuscritos, denominadas: *Dom Sixto*, (doravante identificadas pelas iniciais “DS”); contendo 54 cartas, todas escritas por Ruben, a exceção de uma, justamente a última dessa série, escrita por meu avô, Sixto Roja (identificada por DS-54). A numeração respeita a ordem em que foram aleatoriamente retiradas de seu conjunto original e lidas ao sabor do acaso. Adoto o mesmo procedimento para as cartas destinadas a Maria Soledad para a pasta que leva o seu nome, e para as que estavam em posse de Gustavo Aquino (identificadas, respectivamente, pelas iniciais “S”, contendo 38 cartas; e “G” com um total de 34 cartas).

Como código de transferência, menciono primeiro a letra que identifica a pasta; na sequência, o número que indica a ordem da carta, seguido do número que assinala folha, seguida da numeração assinalando as linhas a que corresponde o fragmento. Assim, por exemplo, quando Ruben nos diz em um fragmento extraído do arquivo “o educador” que *para nosotros siempre la mejor edad es la que estamos vivendo y prepararnos para la venidera lo sea aún más. ¿por qué no es así? Aquí tocamos la responsabilidad de una sociedad en la que estamos insertados. Hay cosas como decíamos en la anterior que nosotros por ahora no podemos cambiar, pero que debemos tener claras y resueltas en nuestro interior.* [G. 2; 2, 47-51] do qual se pode depreender: pasta Gustavo, carta dois, segunda folha, entre as linhas 47 a 51. Ou ainda quando também nos diz: *el magisterio es muy hermoso y la educación es la mayor tarea. Si veía con buenos ojos el que hicieras medicina era mas que nada pensando en el tan necesario "deste-le". Pero la medicina se parece mucho con la docencia verdadera. Sólo que esta cura al educando, de espíritu; promoviéndolo a su realización como hombre. La privación de tan noble actividad, ha sido mi mayor renunciamiento.* [DS. 4; 1, 32-38] = pasta Don Sixto, quarta carta, primeira folha, entre as linhas 32 a 38. A numeração das linhas se referem às cartas transcritas, que naturalmente diferem da ordem das linhas de uma carta manuscrita. As cartas originais foram todas digitalizadas, frente e verso (algumas



com seus respectivos envelopes, que por si só abririam outro capítulo nesta história). Seguindo o caminho da montagem literária, essas referências serão indicadas em notas de rodapé.

Diante da tarefa de buscar narrar esta história, surgem inquietações, reações e impressões que perpassam e perpassarão as linhas e entrelinhas desta pesquisa. E se uma dificuldade maior pudesse ser apontada, talvez esta seja a dimensão que assume o registro acadêmico quando a exigência é defrontar-se com o passado do pesquisador, narrador. Portanto, trata-se de empreender uma jornada (outro sentido da mesma viagem) há muito postergada, embora muito desejada, por este que se reivindica autor, pesquisador, narrador.

Esta tarefa de narrar escolhe a forma de exposição através de fragmentos, que retornarão no decorrer do texto em relação com o campo teórico. Fragmentos como estilhaços de um espelho. Assim, esta escrita aponta para caminhos possíveis de abordagem de diferentes temas. Fragmentos que nas escolhas deste narrador brincam com os reflexos, com as imagens, por vezes distorcidas e/ou ampliadas pelo contexto em que essa escrita transcorreu ou foi disparada ao longo desta investigação, iniciada um ano antes do golpe de 2016 no Brasil.

Reafirmo, tomando as palavras de Benjamin, que *o método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os*¹⁹.

Pela montagem literária, assim, seguirá a busca da melhor expressão e do esforço narrativo através dos caminhos imbricados entre recordações pessoais, relatos de familiares, documentos e a literatura como suporte para a escrita da história pretendida. Uma tentativa de encontro, através do texto, com as palavras, seus sons e silêncios narrativos.

Escrever é trabalho que exige tempo de maturação. É árduo o ofício de tornar-se um pesquisador, um narrador, um autor, sem perder a condição de ser também um artesão das palavras. Sentir a perturbadora quietude que antecede o repousar da ponta do lápis maculando o papel, imprimindo pensamentos com prudência. Recuperar o potencial das palavras, devolver-lhes a substância e quem sabe, assim, recompor a linguagem que nos difere entre as criaturas do criador.

Buscarei as palavras que também caibam em linhas contadas (e talvez

¹⁹Walter Benjamin. Passagens, 2006. [N. 1a, 8], p. 764.



isso fique melhor entendido mais tarde) e que atendam as normas necessárias ao universo acadêmico, com o cuidado atento de preservar a vida latente que transborda por entrelinhas e nos espaços em branco das páginas que se anunciam. Exercício vertiginoso, que faz tudo girar, numa constante e infinita mescla de elementos, sensações e emoções que exigem serem ditas, pronunciadas, ainda que em sussurros. Palavra que funde e retoma, dizendo que o seu criador é também criatura, partícula agitada e parte integrante do mesmo composto. É neste tempo e espaço em que a fala não contempla, e a palavra não basta... E é justamente nesse aí, nessa falta de expressão, nesse nó na garganta, nessa mudez, que desejo romper em um forte e sonoro grifo.

Para tanto, resolvi apresentar esta narrativa por meio de três movimentos. Os títulos adotados para cada um deles reverencia o autor platino que sempre me acompanhou ao longo desta jornada: Mario Benedetti. Assim neste primeiro movimento, intitulado *As Cartas*, tratei da correspondência particular de Ruben associada a imagem criada por Benedetti pela voz de sua personagem Beatriz no capítulo *As estações: (La hojas secas de otoño)*.

No próximo movimento, homenagem novamente Benedetti com o nome de um de seus livros: *Correio do tempo*, em que busquei tratar do objeto, mais do método e de sua fundamentação e amparo; e como terceiro movimento intitulado *Cartas de Libertad em uma primavera* rota, em que busquei a narrativa através do recurso da montagem e pela literatura de Benedetti e de outros autores, entrecruzados pelos fragmentos das cartas de Ruben Roja e por ensaios que produzi ao longo deste doutorar. Isto tudo como uma maneira de buscar a questão primeira que sempre me moveu: como narrar esta história?

Exprimir a palavra, extrair seu universo. O esforço pela realização é belo e assustador. É por intermédio das palavras que sublimamos nossas dores. (*Cuidado com as palavras, – ouço-me dizer...*). Digito, apago, reescrevo... Reações repetidas, resultantes de um duelo entre o palpitar dos dedos e do peito. Paro e respiro fundo.

Expressar é uma conquista e o corpo todo padece. Sinto o respirar e novamente a vertigem recomeça na busca pela palavra exata, em um exercício de lapidação da palavra, ao recordar aquelas que como aves mensageiras ousaram chegar. As palavras lidas, as palavras mudas, as palavras caídas e as outras tantas abraçadas, afeto em vocábulos redigidos com a mão esquerda, a mais próxima ao coração de onde pulsam... Palavras caras, palavras doloridas e esperanças, mas palavras únicas como a palavra *Libertad*, ou as palavras de *Libertad*.

Como demonstro em foto que introduz este trabalho, feita em Punta del Diablo, no inverno de 2017, em um dos retiros para leitura e escrita indolente. Nessa ocasião, ainda não contava com as cartas mas a leitura de Primavera em um espelho partido de Benedetti, ampliava a minha imaginação a respeito das possíveis consequências vividas em nosso núcleo familiar, a exemplo do que ocorria na obra ficcional.

Faço aqui referência a obra Primavera con una esquina rota (1982) de Mario Benedetti, traduzido para o português como Primavera num espelho partido.



CORREIO DO TEMPO

Isto não é uma história. Isto é história.

Isto é história e, no entanto o que tenho ao meu dispor é a memória, noções fugazes de dias tão remotos, impressões anteriores à consciência e à linguagem, resquícios indigentes que insisto em malversar em palavras¹. É uma história simples, mas um escritor profissional deveria saber que numa narração verossímil, o tudo está no que parece nada². Será por intermédio dessa narrativa, de pessoas comuns com suas vidas prosaicas que desejo mostrar, mais que descrever, um dos aspectos menos estudados da filosofia de Walter Benjamin, sua teoria da narração³. Será a história de uma família, como no dramático romance de Gorki, A mãe (1907). Há muito em comum entre elas. Máximo Gorki narra a fascinante luta revolucionária em sua Rússia czarista vista a partir da ótica familiar e dos trabalhadores. Ou seja, gente humilde, sem privilégios.

Acredito que o que comove o coração humano em um país comove-o em outro qualquer⁴, pois para o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história⁵.

O suporte na literatura é por entender que somente ela poderia me devolver a ambivalência das palavras, buscando seus sentidos mais abrangentes e quem sabe assim alcançar a escrita imagética que o *pescador de pérolas*⁶ tanto instigava, em oposição a uma concepção de *tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado de “agoras”*⁷ (jetztzeit), e também por crer que *sujeitar os assuntos humanos a fórmulas exatas demonstra já uma falta de senso de humor e, portanto, falta de sabedoria*⁸.

O que busco narrar teve seu lugar e seu tempo no lá atrás, embora tempo e lugar definido não sejam aqui o que mais importe. Trata-se de um tema bastante pessoal, extraído do acervo da minha vida e que me conduziu à pesquisa neste doutorar, ou seria melhor dizer nesse purgar? Pois para chegar até aonde pude chegar, foi necessário *despir-me de tanta roupa alheia*⁹... E sim, estou nu.

A necessidade de contar me fez buscar aliados. E foi assim que Walter Benjamin surgiu nesta pesquisa como um encontro inevitável. O desconhecimento sobre o crítico alemão e suas teorias da história foi, até aqui, uma lacuna perceptível em minha formação como licenciado em História.

¹ Julián Fuks. A resistência, 2015, p. 23.

² Eduardo Galeano. As palavras andantes, 1994, p. 13.

³ Walter Benjamin. Obras escolhidas VI, 1994, p. 7.

⁴ Lin Yutang. A importância de viver, 1959, p. 3.

⁵ Walter Benjamin. Obras escolhidas VI, 1994, p. 223.

⁶ Hannah Arendt. Homens em tempos sombrios, 2008, p. 208.

⁷ Walter Benjamin. Obras escolhidas VI, 1994, p. 229.

⁸ Ibid., p. 6.

⁹ Julio Cortázar. As babas do diabo. Em: As armas secretas, 2001, p. 60.



Como é possível que um dos principais teóricos do século passado que dedicou sua vida à elaboração de um arcabouço teórico sobre uma nova compreensão do nosso tempo tenha sido por mim tão ignorado? O que não me redime da minha omissão em buscar assimilar sua teoria do conhecimento e as suas possibilidades na compreensão de uma realidade que teve lugar e ainda se manifesta no presente¹⁰. *El pasado está delante*¹¹. Nestas últimas décadas, parece que ficamos sentados, passivos na arquibancada a ver o monstro emergir da lagoa.

Diante disso, a leitura da teoria benjaminiana foi quem me possibilitou o encontro com uma outra história como narrativa. Redescobri um reencantamento com o passado, por intermédio de uma nostalgia que nos permita uma tomada de consciência diante da eminente vitória do inimigo, um compromisso com a luta dos que nos antecederam e que nos *hermana* no tempo. Para isso, se faz necessário um despertar que permita romper com a *crosta de ideologia que nos impede de ver a realidade*¹².

*A teoria do conhecimento de Benjamin arranca o passado frustrado desse estupor ao descobrir vida nessas mortes. Os projetos frustrados que foram esmagados pela história estão vivos em seus fracassos como possibilidade ou como exigência de Justiça*¹³. Entender a potencialidade do passado é o compromisso que Benjamin conclama a todo historiador que se considere comprometido com essas demandas. Um compromisso para que sua atuação política possa estar orientada em apontar para todas as possibilidades frustradas contidas no sussurro de sepultadas vozes que se fazem ouvir pela legitimidade de suas causas nos que hoje os recordam e ou cantam.

É o poder da centelha de que fala Benjamin em sua Tese VI sobre a história. Se o presente tem uma possibilidade latente que vem de um passado que não pôde ser, podemos imaginar, então, um futuro que não seja projeção do presente dado, mas do presente possível.

Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo “tal como ele propriamente foi”, significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo. Importa ao materialismo histórico capturar uma imagem do passado como ela inesperadamente se coloca para o sujeito histórico no instante do perigo. O perigo ameaça tanto o conteúdo dado da tradição quanto os seus destinatários. Para ambos o perigo é único e o mesmo: deixar-se transformar em instrumento da classe



¹⁰ Reyes Mate. Op. cit., p. 18.

¹¹ Joan-Carle Mèlich. La lectura como plegaria, 2015, p. 49.

¹² Reyes Mate. Op. cit., p. 11.

¹³ Reyes Mate. Op. cit., p. 23.



*dominante. Em cada época é preciso tentar arrancar a transmissão da tradição ao conformismo que está na iminência de subjugar-la. Pois o Messias não vem somente como redentor; ele vem como vencedor do Anticristo. O dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente àquele historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer*¹⁴.

Löwy define Benjamin como um literato filósofo dedicado à história da cultura que visa nada menos do que uma nova compreensão da história humana, e complementa; *sua reflexão constitui um todo no qual arte, história, cultura, política, literatura e teologia são inseparáveis*¹⁵.

Por sua crítica à cultura, por ter vivenciado os principais acontecimentos do início do século passado na condição de observador privilegiado quando os sinos badalaram a meia-noite, Walter Benjamin é um referencial imprescindível. Mas onde e como tudo isto se relaciona com esta proposta de investigação?

Contar uma história... Uma e outra e tantas repetidas vezes contar. Essa é a nossa profissão como educadores, essa é a nossa forma de luta.

Galeano nos diz em seu livro dos abraços (2010), que o narrador é *um homem, ou mulher grávido de muita gente. As pessoas lhes saem pelos poros. Assim são representados, em figuras de barro, os índios de nuevo méxico: o narrador, aquele que conta a memória coletiva, está todo brotado de pessoinhas*¹⁶. Considero que assim também é Primavera num espelho partido (1982), de Mario Benedetti, uma obra grávida de muitas pessoinhas. O escritor uruguaio alcança explorar várias formas narrativas para tratar o tema que permeia todo o seu romance: a experiência do exílio. O enredo é composto por seis segmentos narrativos, onde cada um imprime um ponto de vista diferenciado a respeito das consequências vivenciadas em um núcleo familiar com a ruptura que se impõe à vida de todos ao serem atingidos pela brutalidade e pela estupidez, o combo que acompanha toda e qualquer ditadura. Ao longo do livro, esses segmentos, como estilhaços de um espelho, apresentam-se intercalados em capítulos, em diferentes formas narrativas, diferentes vozes de indivíduos que se conectam de alguma maneira ao drama vivido pelo personagem principal do romance.

Essas vozes podem ser identificadas pelos seguintes capítulos: *Intramuros/Extramuros*, escrito em primeira pessoa, traz a experiência de

¹⁴ Michael Löwy. Walter Benjamin: Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”, 2005, p. 65.

¹⁵ Ibid., p. 14.

¹⁶ Eduardo Galeano. El libro de los abrazos, 2010, p.6.



Santiago, cidadão uruguaio e militante que cumpre pena no Estabelecimento Militar de Reclusão nº 1 de *Libertad*, durante a última ditadura civil-militar que ocorreu naquele país (1973 a 1985). A narrativa do personagem assume forma epistolar dedicada aos membros de sua família que estão exilados na Argentina. São reflexões e confissões proporcionadas pela vida que transcorre inerte exilada do mundo, o olhar intramuros com exceção dos dois últimos capítulos finais (Extramuros), quando Santiago retoma a liberdade; *Feridos e contundidos*, momento em que surge o núcleo familiar de Santiago, Graciela, sua esposa e Beatriz, sua filha, que vivem a experiência de adaptação ao desterro; ao tempo suspenso, a espera de algo; Dom Rafael, pai de Santiago, outro segmento escrito em primeira pessoa, expressa as reflexões de um professor na casa dos sessenta para setenta anos, que busca adaptar-se ao exílio forçado e ao cotidiano da violência a que seu filho está submetido. Sua narrativa é marcada pela maturidade e profunda reflexão sobre os acontecimentos que marcaram sua vida em particular e a de gerações como a dele, a do seu filho e de sua neta;

Exilios, que traz o próprio autor que narra crônicas do próprio exílio e de outros expatriados na época da ditadura. Ao fazer uso desse recurso, o autor alcança um efeito semelhante ao da “quebra da quarta parede”, expondo a realidade em meio a um livro de ficção sem que seja prejudicado o fluxo narrativo – pelo contrário, esse recurso apenas o enriquece. É praticamente um alerta ao leitor de que apesar de ser uma obra ficcional, a situação vivida por todos no livro é muito realista¹⁷. Beatriz; filha de Santiago, uma menina de aproximadamente 6 a 7 anos de idade, que empresta leveza ao romance com o seu olhar infantil, lúdico e sarcástico próprio da criança, e o *Outro*, em que surge Rolando Asuero, amigo de Santiago, que compõe esse núcleo de exilados que buscam recompor suas vidas estilhaçadas.

Respaldaado pela literatura de Benedetti, o que lhes apresento é uma escrita que busca tramar literatura com a teoria, uma diferente forma de narrar a história. Será também uma escrita resultante de uma longa viagem, que deixa suas marcas, e que se reconhece por suas cicatrizes, por percorrer caminhos delicados que não se fazem sem dor e por isso solicitam sensibilidade, semelhante ao que encontramos no livro de autoficção de Julián Fuks, *A resistência* (2015). Julián trata do resgate histórico e emocional de uma família marcada pelo processo de adoção de um filho e pela fuga de

¹⁷ Entrevista de Julián Fuks à TAG Curadoria, em fevereiro de 2019.



uma ditadura militar, neste caso a Argentina. A obra é classificada como pertencente ao gênero auto-ficcional, que mescla dados reais da biografia do autor com ficção, *propondo novos significados para esse estilo que é uma das grandes tendências artísticas na contemporaneidade*¹⁸. Assim como sugere o título do seu livro, reconheço que também tive a minha parcela de relutância para tratar deste tema. Contar essa história trazia o temor de perder a quem se buscava e *sinto que o perco a cada frase*¹⁹.

O que estabeleço não deixa de ser um jogo, uma conversa com a narrativa ficcional de Benedetti, onde entrelaço a elas elementos reais como as palavras de Ruben Roja extraídas de sua extensa correspondência com os seus familiares, emprestando mais realismo ao romance, recriando, por vezes, situações que se espelham na obra do escritor platino, e também na de outros como Marcelo Estefanell (2007), Carlos Liscano (2001), Maurício Rosencof (1989), Susana Pacifici (2015), Phillipps-Treby e Tiscornia (2003), autores que possuem em comum a experiência da clausura em *Libertad*. Nesta narrativa, desacralizo a obra de Benedetti como desacralizo as cartas de *Libertad*. Indago o mundo com uma tesoura em busca de fragmentos, dos pedaços, que me ajudem a compor esta narrativa, interpondo diversas vozes, mostrando um pouco mais desses estilhaços, mantendo a crucial *pergunta sem resposta: o que resta de quem passou pelos porões da ditadura? Depois da violência e de tamanha humilhação, como acreditar no sonho? Em quem se transformam os presos políticos torturados? Em quem se transmutam seus amigos, conhecidos, familiares, filhos, amores? O que não se vai e permanece íntegro, após tantos exílios? Enfim, o que sobra de um espelho, quando ele se parte?*²⁰

Quanto ao roteiro por onde acompanhar esta narrativa, explico que sigo a ordem do sumário do livro *Primavera num espelho partido*. Benedetti divide o livro em 45 capítulos, dos quais me utilizo de 37. Os títulos indicam o narrador representado por uma das seis formas anteriormente descritas, compondo um coro de vozes sob regência do autor. Cada título é acompanhado de um subtítulo, assinalado entre parênteses, indicando o tema. Nos capítulos intitulados *Intramuros* substituo o personagem de Benedetti (Santiago), por Ruben Roja, por razões evidentes. Já nos capítulos intitulados *Don Rafael*, optei por denomina-los “Don Roja”, para fazer referência aos patriarcas Sixto Ermitaño Roja, pai de Ruben e de Ariel Roja Portes, meu pai.

¹⁸ Entrevista de Julián Fuks à TAG Curadoria, em fevereiro de 2019.

¹⁹ Julián Fuks. *A resistência*, 2015, p. 23.

²⁰ Maria Célia Martins. *O preso que sonhava*, 2012, s/p.



O capítulo intitulado “Seu” Roja é um reconhecimento e uma singela homenagem que faço ao meu velho. O mesmo ocorre em relação a minha mãe no capítulo Don Roja (Um país chamado Nelly). Em suma, subverti esses títulos e as vozes dos personagens de Benedetti.

Nos capítulos intitulados *Beatriz*, por respeito a fascinante e encantadora personagem de Benedetti, optei por mostrar ao leitor algumas imagens, que ajudam a compor esta história.

Nos demais capítulos, apesar de manter os títulos originais, tomei a liberdade de incluir textos que produzi ao longo desta investigação, como ensaios, como um exercício de escrita autoral e demonstração das diferentes alternativas pelas que busquei, no transcorrer deste doutorado, responder a recorrente pergunta “como contar?”. Neles, apresento essas diferentes formas de narrar esta história sempre dinâmica e acrescida de novos nuances, novas pistas e mediada pelo contexto em que esta escrita transcorria. Todos os fragmentos acrescidos ao texto de Benedetti serão referenciados em notas de rodapé. Outras informações mais extensas aparecerão como notas à margem ou pequenos bilhetes guardados em livros deixados em páginas que tornem seu encontro casual. Para este capítulo em particular, a letra inclinada será mantida apenas para as citações em espanhol. Alguns desses fragmentos serão traduzidos e disponibilizados ao leitor na forma de notas. Com relação às citações retiradas das correspondências de Ruben Roja, passo a utilizar os códigos de transferência anteriormente descritos.

Assim, busco desenvolver uma escrita que se mostre atenta aos detalhes e aos instantes de perigo, pois *a realidade se move; o que teve lugar está vivo. Isto é muito fácil de entender se pensarmos no destino do passado vitorioso: vive na posteridade não só porque é recordado e celebrado, mas porque seu triunfo foi uma dessas pedras angulares sobre as quais foi construído o presente. O problema é com os perdedores. Estes, ao perder, ficaram de fora do desenvolvimento histórico. Seu passado se converteu em algo inerte quase natural. A teoria do conhecimento de Benjamim arranca o passado frustrado desse estupor ao descobrir vida nessas mortes. Os projetos frustrados dos que foram esmagados pela história estão vivos em seus fracassos como possibilidade ou como exigência de justiça. Quem se acerca deles não ouvirá o eco de sua própria voz, mas se sentirá convocado como juiz para que faça justiça numa demanda da qual ele não sabia nada. Chegamos assim à ideia de que a realidade é facticidade e também possibilidade.*²¹

Assim serão apresentados para a versão impressa. Para a versão digital serão disponibilizados QR Codes que darão acesso aos referidos documentos.

Encontrei inspiração para esta forma de apresentação no livro *S*, do cineasta J.J. Abrams e escrito pelo romancista Doug Dorst, publicado no Brasil pela Editora Intrínseca que conta a história de dois leitores que dialogam pelas margens de um livro intitulado *O navio de Teseu*, escrito por um personagem fictício de nome Straka.

²¹ Reyes Mate. Op. cit., p. 23.



Há histórias que não fizeram parte da História e que podem ser narradas sob outra perspectiva, composta de pedaços, fragmentos, que se interligam, permitindo diferentes percursos a partir de um mesmo ponto.

Uma narrativa ao sabor de minhas reminiscências e em diálogo com a história, fazendo uso dessas *diferentes formas de a filosofia benjaminiana conviver com a questão do tempo, na interrogação acerca da sobrevivência de uma época em outra, o estranhamento diante daquilo que no tempo resiste ao poder destruidor do tempo e caminha em sentido contrário ao da morte*.²² São registros que condensam diversos sentimentos e com eles também vou, aos poucos me escrevendo.

Através dessas cartas, aspiro a reconstituir caminhos que articulem *historicamente o passado, como propõe Benjamin, rememorando as palavras pela caligrafia de alguém que assume a sua experiência de sofrimento, e que luta contra as suas causas, constituindo-se, portanto, no sujeito que Walter Benjamin considera capaz de compreender o que deve ser compreendido. O sujeito que pode conhecer o que os demais ignoram, portador de um olhar carregado de experiência e projetado sobre a realidade que todos habitamos.*

Uma teoria do conhecimento tem que lidar com assuntos tais como interrogar-se sobre o que significa a realidade, levantar a questão da possibilidade do conhecimento, sua fundamentação, etc., isto é, tem que refletir sobre o sujeito que conhece, a realidade que quer conhecer e a relação entre sujeito e realidade. Isto é o que constitui “a armação teórica” que Benjamin necessita para analisar politicamente o tempo que lhe tocou viver. [...] Quando ele pensa em um sujeito capaz de compreender o que deve ser compreendido não está pensando nesse ser moderno que atingiu a idade adulta ao fazer uso público, crítico e autocrítico da razão. Com esse famoso sujeito iluminado sucedeu o mesmo que com os lotófagos de que fala Ulisses: alimentavam-se de flor de lótus que produzia amnésia e, conseqüentemente, a ilusão de felicidade. Esqueciam-se, então, de regressar, condenando-se à infelicidade.²³ Desejo assim, dar anima a *las palabras de libertad, echas en libertad* que sobreviveram ao tempo e se atualizam por tratar do essencial para um materialista histórico: o homem.

Singelas cartas, erguidas como pequenas lamparinas fazendo crer que *mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos,*

²² Olgária Matos. Prefácio de Passagens de Walter Benjamin, de Pierre Missac, 1998, p. 10.

²³ Reyes Mate. Op. cit, p. 21-22.



*e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca de alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra*²⁴. Lamparinas acenando aos naufragos desde o centro da tormenta de doze anos, reafirmando suas crenças na *vida justa dos homens junto a outros homens*²⁵. Manuscritos exilados do tempo, porém atuais e carregados de vitalidade, emprestando alento para os dias que vivemos... *Ouvir o apelo do passado significa também estar atento a esse apelo de felicidade e, portanto, de transformação do presente, mesmo quando ele parece estar sufocado e ressoar de maneira quase inaudível*²⁶.

Dentro de uma perspectiva tridimensional do tempo, divago em uma interação constante entre a história e o que meu núcleo familiar lhe tocou viver e também estabeleço algumas reflexões acerca do atual momento por que atravessa o Brasil após o golpe de 2016 e a sensível deterioração do Estado de Direito que culminou recentemente com a eleição de um candidato de extrema direita, portador de um discurso nostálgico acerca dos anos de chumbo referentes à última ditadura civil-militar no Brasil e na América-Latina. No momento em que é deflagrada uma agenda extremamente conservadora e retrógrada para os próximos quatro anos de mandato, na qual a área da educação vem sendo e será o centro de debates diante da nova orientação político-ideológica que o país decidiu tomar, agora pela vontade das urnas.

Como já dito, é a partir da perspectiva benjaminiana que busco compor as narrativas contidas em rastros pelas cartas (artefatos, fotografias, relatos pessoais e memórias presentes em minha história de vida), que me permitam vivenciar a experiência da escrita de tese tendo como eixo central o questionamento: Como narrar essa história?

Assim, o foco é não somente o que ocorreu, mas também o que se sucedeu e sucede, partindo daquilo que o narrador experiencia, enquanto também autor, escre(vi)vendo – recordando, (re)visitando, (re)escrevendo, (re)lendo e (re)descobrimdo – episódios que ocorreram e estão ocorrendo ao longo do processo de construção dessa narrativa.

A linearidade que se possa atribuir é errante, seguirá por diferentes desvios na tentativa de decifrar *não só o rastro na sua singularidade concreta, mas também tentar adivinhar o processo, muitas vezes violento, de sua produção involuntária*²⁷. Quantas vidas não se encontram perdidas,

²⁴ Hanna Arendt. Op. cit., p. 9.

²⁵ Jeanne Marie Gagnebin. Lembrar escrever esquecer, 2006, p. 12.

²⁶ Ibid., p.12.

²⁷ Ibid., p.113.



quase esquecidas no fundo de alguma gaveta? Por tudo isso se faz necessário tomar fôlego, respirar diante de tanta verdade... Verdade numa história quase esquecida, quase deixada de lado, quase apagada pelo tempo que passa e que consome a tudo e a todos.

Busco a narrativa por entre pequenas minúcias, entre os resíduos da dura batalha do cotidiano, o nó que permite entrelaçar todos os detalhes, pois também entendo que *conhecer é dispor de uma agudez visual capaz de ver algo insólito em objetos, situações ou acontecimentos que todos vemos*.²⁸ É desta forma, tentando ser fiel ao método benjaminiano, que pretendo dar atenção à imensidão contida nessas pequenas *dimensões*.

Benjamin, numa carta a Scholem, datada de 26 de julho de 1932, fala, ou seja, de *seu sucesso nas pequenas dimensões e seu fracasso nas grandes. Para ele o historiador e o sociólogo devem descobrir nos fatos ou nos objetos de aparência insignificante (e o dever do cronista é jamais negligenciá-los) o germe ou o reflexo de construções ambiciosas*.²⁹

Elaborar o passado a partir de restos, tomando o conceito benjaminiano de *Spuren*, entendido como *aquilo que resta de um passado, de uma trajetória, pode constituir uma base para tentar compreender o que ocorreu a um indivíduo ou a uma sociedade*. As relações entre memória, história e testemunho estiveram e estão permeadas ao longo das linhas desta narrativa.

A ideia também é justamente propor algo como um jogo, tendo a história como um tabuleiro que permite diferentes possibilidades, conforme vão sendo dispostos sobre si esses pequenos vestígios do cotidiano, capazes de moverem-se em diferentes sentidos. Isso se verá melhor no segmento intitulado *O outro*.

Sabemos, por Missac, da importância lúdica e reflexiva que exerciam os jogos sobre o pensamento de Benjamin, entre os “*Tipos*” benjaminianos, *o jogador ocupa um lugar preponderante. Não como central, mas como viés*.³⁰ Missac compara o pensamento de Benjamin ao movimento do cavalo de xadrez, um dos jogos de reflexão que ocupou a atenção do filósofo alemão por toda sua vida. Utilizar-se do jogo para possibilitar a surpresa, que estimula o reflexionar e se destina a *domesticar o choque*.³¹

Partindo dessa reflexão é que os impulsos para a escrita desses fragmentos em narrativa aparecerão, como já dito, entrecortados com diferentes elementos, como poesias, trechos de Cortázar, Benedetti, Rosencof,

²⁸ Reyes Mate. Op. cit., p. 22.

²⁹ Pierre Missac. Passagem de Walter Benjamin, 1998, p. 63.

³⁰ Ibid., p. 99.

³¹ Ibid., p. 103.



Galeano³² e outros autores. Recorro, portanto, a literatura, letras de músicas, reportagens de jornais, fragmentos filosóficos que se interligam, tendo por vezes, o acaso por bússola. O amparo na literatura pretende ir no muito além das informações que eventualmente possam oferecer. Observei e observo no estilo narrativo de diversos autores, em especial os platinos, não somente algumas referências que me auxiliaram na construção de uma escrita autoral.

Como consequência, anuncio que também serão fragmentados os resultados narrativos, traduzidos em escrita como experiência, ou uma interpretação narrativa da perspectiva benjaminiana de escovar a história a contrapelo. Uma perspectiva que, sem perder a dimensão do todo, reivindica sua relevância pela memória, permitindo a consciência de que podem existir e existirão outras e outras infíndas análises dentro desse mesmo jogo reflexivo e interpretativo.

Uma escrita intermitente, permeada de intervalos, que por vezes parece imitar o movimento de enxadristas. Afinal, fui aos poucos entendendo que essas pausas são necessárias e dizem muito, é preciso respeitá-las e compreendê-las. Através deste aprendizado, fui também acatando que existe muita sabedoria contida nesses hiatos de tempo em que ficamos a sós com as palavras. Compreendo que é nesses intervalos que podemos exercer o sagrado exercício da escuta do tempo, através também da leitura silenciosa, de uma leitura orgânica que aos poucos se incorpora no agir. Nada mais distante da felicidade do que a contradição entre o que se pensa e o que se faz.

Foi uma longa viagem, como já referi. Pior, quando o narrador retorna e reconhece que não dispunha de muita coisa quando tudo isso teve início. Nada mais que alguns restos de histórias que ouvi através de meus familiares e uma velha cuia que servia de suporte para muitas lembranças. O que me orientava, ou melhor, instigava, na busca por informações eram os indícios de que nestes restos existia algo que não foi possível apagar através do tempo: ou que existia uma história por contar.

O que lhes apresento aqui é um pouco desta tentativa e dos seus limites entre formas possíveis de contar uma história. *Um dos buracos negros do pensamento de Benjamin é certamente, e apesar de várias interpretações simpáticas, mas redutoras, sua teoria da história, mais especificamente da escritura da história e de sua ligação com uma prática trans-*

Benjamin ressalta a importância do acaso em um processo investigativo quando compara a atividade do historiador materialista ao de um arqueólogo, explicando que... se deve proceder com cuidado, espalhar muita terra, voltar aos mesmos pontos e retomar as buscas, ir segundo um mapeamento preciso, mas também confiar no acaso. Sobretudo, como "num bom relatório arqueológico", não se deve só identificar o que foi achado, mas também anotar com precisão todas as camadas que tiveram que ser atravessadas, marcar no "chão de hoje sitio e lugar" (im heutigen Boden Ort und Stelle) onde foi escavado. (GAGNEBIN, J-M. Apagar os rastros, recolher os restos, In: SEDLMAYER, S, GINZBURG, J (Org.) - Walter Benjamin: rastro, aura e história. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2012. p.35.

³² As referências foram apresentadas em notas anteriores ao longo deste texto.



formadora, ao mesmo tempo redentora e revolucionária.³³

Amparo minha sequência narrativa através do sumário e da escrita de Benedetti, no entanto o impulso para a escrita por diversas vezes foi orientado pelo acaso, do lampejo de que nos fala Benjamin, dos agoras, que fugazes se mostram e se escondem, nos obrigando a peregrinar por reminiscências que vão constituindo diversas possibilidades, vários caminhos. *Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta etc.; essa dinâmica ilimitada da memória é a da constituição do relato, com cada texto chamando e suscitando outros textos.*³⁴ Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é a dialética – não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta – somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é: não arcaicas), e o lugar onde as encontramos é a linguagem. [...] ³⁵ pois, como já dizia Guimarães Rosa, se é verdadeira, bela é a história, se imaginada, ainda mais.

Confesso que nesse percurso procurei pela carta que me traria alguma resposta concreta para tantas perguntas abstratas e fui percebendo que essas respostas só seriam encontradas se eu permitisse que as palavras alçassem vôo por aquelas janelas de papel. E, foi naquele momento que surgiu o pássaro, um pássaro que ironicamente estava estampado de imediato, muito bem camuflado, aliás, não o via, mas resta o consolo, e imagino escutar o seu canto, que irônica e tristemente repete: *hecho en libertad.*

O canto do pássaro atravessou grades, pulou os muros, driblou os olhos atentos dos censores e da guarda, a ameaça dos castigos. Trouxe seu canto através do som incessante que parece produzir a quietude estampada na página pelas suas asas abertas. Há quem diga que este estranho pássaro só pode ser visto por aqueles que permitam seu coração bater em voo. Há quem o tenha escutado e diga que ele canta as histórias dos amanheceres e entardeceres, canta ainda com nostalgia o rio que o viu crescer livre, mas também canta do mar e sua imensidão.

Dizem que este pássaro, assim como outros pássaros, é mensageiro.

Nos domínios de que tratamos aqui, o conhecimento existe apenas em lampejos. O texto e o trovão que segue ressoando por muito tempo.
[N 1,] B. Walter, Passagens UFMG, 2018. p. 759.

Faço referência ao envelope que acompanha a carta S.21, um envelope produzido na serigrafia da própria instituição pelos reclusos. No verso, onde consta o remetente há uma marca oval em tinta preta, imitando um céu de cera, no seu interior, como uma marca d'água, pode observar-se a figura de um pássaro de asas abertas e a seus pés a inscrição *echo en libertad*. Sobre a confecção do envelope, Ruben nos diz: El sobre de esta carta de pronto te gusta para conservarlo. Fue dibujado por los compañeros y representa como ves, la bandera artiguista, al tiempo que cada uno de los colores intenta mostrarnos el perfil del prócer. Los compañeros hicieron además en recordación del natalicio del héroe, una exposición de manualidades. Lo que se vió allí fue maravilloso. (S.21; I, 47-52).



³³ Jeanne Marie Gagnebin. História e narração em Walter Benjamin, 1994. p. 1.

³⁴ Walter Benjamin. Obras escolhidas VI, 1994, p. 13.

³⁵ Walter Benjamin. Passagens, 2018. p. 766-767.



Para que veja os mundos do mundo, mude os seus olhos. Para que os pássaros escutem o seu canto, mude a sua garganta.³⁶

Enfim, se sigo pela escrita de pesquisa em busca deste canto, é porqueantes busquei incessantemente em cada palavra os abraços.

E não é que agora, para encontrá-los (os abraços, o canto, as palavras e as cartas), essa ave maldita me convida a embarcar em outra viagem, Viagem por um trem noturno, onde pelas janelas das páginas, algumas das cartas se mostrarão, como paisagem ao leitor. Uma escrita que sugere mais do que revela.

O ato de ler, assimilar e simultaneamente tentar escrever sobre o que ainda recordo, não tem sido uma tarefa simples. Mais que *volver* e revolver, trata-se de devolver, o que complexifica muito a tarefa, pois percebo que escrever é uma possibilidade de completar algumas lacunas do que me constituiu e me constitui como narrador desta história. Então, é aí que faltam palavras ou compreendo que elas não poderão vir isoladas. Muitas expressões carecem de complemento, pois, como nos lembra Galeano, *a palavra Recordar deriva do Latim re-cordis, que significa voltar a passar pelo coração*.³⁷

Quando a palavra/memória está em disputa, é sinal de que a tempestade não dissipou ou se aproxima mais uma vez, antecipando o crepúsculo.

E mais uma vez... por onde iniciar? *¿Quizás tomando un mate? Así, despacito, con su tiempo y dejando que su espíritu hable.* Tomar um mate. Tomar a palavra. Ambas exigem o cuidado de não queimar a língua.



³⁶Eduardo Galeano. O caçador de histórias, 2016. p. 229.

³⁷Eduardo Galeano. El Libro de los Abrazos, 2010.



CARTAS DE LIBERTAD EM UMA PRIMAVERA ROTA

Um canto de pássaro. Um estampido. O silêncio... É ele que ainda habita aquela casa da esquina que agora abre suas portas e convida ao leitor a que entre. Ande por seus corredores, escute seus móveis, sua tênue luz, a poeira suspensa, observe os objetos e as fotos. Escute-os. Embarque e deixe-se levar em uma longa viagem de retorno. Para onde?

Para onde seu coração o levar, lá estarão seus pés. Para entender a história que aqui irei apresentar, é necessário desprender-se de nomes, datas, e locais. Tudo começa quando as coisas ainda não tinham nome e nos perdemos entre tantos.

Para meu pai, que assim como Benedetti também era de Paso de los Toros e era boa gente

Intramuros (Esta noite estou só)

Esta noite estou só.¹ *Sentirse completamente solo y aislado, lleva a la desintegración mental, así como la falta de alimentos lleva a la muerte.*² Tédio, neste exílio inesperado, chamado clausura. Meu companheiro (algum dia você saberá seu nome) está na enfermaria. É boa gente, mas de vez em quando não é tão mau ficar sozinho.³ *Estoy en el segundo piso del Establecimiento Militar de Reclusión N°1, conocido como Penal de Libertad. Tengo veinte nueve años y soy el recluso número 038.*⁴ Você pode dizer que 12 anos, 4 meses, e 20 dias é tempo demais para se pensar. E tem razão.⁵ *Es que llevo casi 13 años preso y que esa situación me permite ver las cosas de una manera que posiblemente no poseería de no ser así. Aquí se da un permanente revisar con espíritu crítico como nos planteamos la relación entre nosotros y con nuestra familia.*⁶ Aproveito para escrever porque há lua. E a lua sempre me tranquiliza, é como um bálsamo. Além do mais, ilumina, mesmo que precariamente, o papel, e isso tem lá a sua importância porque não temos luz elétrica a essa hora. Nos dois primeiros anos não havia nem mesmo a lua, de modo que não me queixo. Sempre tem alguém que está pior, como concluía Esopo. E até pior do que o pior, concluo eu.⁷ *Tenían cine, los del cuarto. Noche por medio toca a nuestra planchada. Hoy es en el sector A y por eso te estoy escribiendo despues de cena.*⁸

É curioso. Quando alguém está fora e imagina que, por uma razão ou outra, poderia passar vários anos entre quatro paredes, pensa que não conseguiria aguentar, que seria simplesmente insuportável. No entanto, é

Liscanos era o recluso 490 e Ruben Roja o nº 038. Os números de identificação, segundo revelam PHILLIPPS-TREBY e TISCORNIA (2003) foram designados por rigorosa ordem de chegada à penitenciária de Libertad, que chegou a abrigar 2.873 detentos. A data exata da prisão de Ruben e sua posterior transferência do estabelecimento militar de Durazno, interior do país, para Libertad, são tema de controvérsia entre familiares. Nesta pesquisa não foi possível obter essa informação. Porém, em carta, datada de 26 de setembro de 1974, Ruben comenta que estava perto de completar dois anos de prisão em Libertad, o que permite imaginar que ele estava na penitenciária aproximadamente dois meses antes que Liscano.

Ruben Eriberto Roja foi retirado de sua casa por tropas do exército na madrugada de 11 de maio de 1972. Permaneceu detido na base da aeronáutica em Durazno por aproximadamente 6 meses e posteriormente foi transferido para o Establecimiento de Reclusão Militar Número 1, de Libertad, em San José, de onde foi libertado no dia 10 de maio de 1985.

¹ Mario Benedetti. Primavera num espelho partido, 2009, p. 9.

² G. 7; 1, 45-47.

³ Mario Benedetti. Op. cit, p. 9.

⁴ Carlos Liscano. El furgón de los locos, 2014, p.181.

⁵ Mario Benedetti, op. cit., p. 9.

⁶ DS. 21; 2, 51-54.

⁷ Mario Benedetti, op. cit., p. 9.

⁸ G. 19; 1, 20-22.



suportável, como pode ver. Eu, pelo menos, suportei.⁹ “*Aquí te vás a pudrir, Pichi*”, me dijeron. “*Te vas a pudrir en vida, hijo de puta, y si sobrevivís vás a estar tan viejo y choto que no vas a poder ni mear solo, maricón. Sin embargo, desde entonces supe que iba a sobrevivir, supe también que iban a ser muchos años de duro cautiverio y que había que desarrollar rápidamente una estrategia para contrarrestar todas las agresiones y las amenazas que vendrían*”¹⁰. Recuerdo cuando, conocida la pena, me preguntaste si iba a estar tantos años¹¹. Recuerdo te contesté que no, pero si debía estarlos lo estaría. Lo que importaba era cómo estarlo. Tratar de no conciliar con el mal, vivir con dignidad, buscar ser mejor. Entonces el tiempo que parece totalmente perdido no lo será tanto. Y será en muchos casos ganado. Mostrará que aún en condiciones muy adversas el camino de la superación es posible¹². Não nego que passei por momentos de desespero, além daqueles em que o desespero inclui sofrimento físico. Mas agora estou me referindo ao desespero puro, quando se começa a calcular, e o resultado é esta jornada de clausura multiplicada por mil dias. Apesar de tudo, o corpo é mais adaptável do que o espírito¹³. *Las actitudes correctas o incorrectas nos moldean. Es lo que realmente nos hace mejor o peor*¹⁴.

*He regularizado el sueño*¹⁵. O corpo é o primeiro a se acostumar aos novos horários, a suas novas posturas, ao novo ritmo de suas necessidades, a seus novos cansaços, a seus novos descansos, e seu novo fazer e a seu novo não fazer¹⁶. *Es ya casi la hora de la cena y si recién me pongo a esta tarea que habitualmente me lleva la mayor parte del domingo, es debido a que anoche quedé de guardia en la celda de un compañero enfermo y en consecuencia se autoriza a descansar durante el día*¹⁷.

Se tem um companheiro, você pode, inicialmente, considerá-lo um intruso. Mas pouco a pouco vais se transformando em interlocutor¹⁸. *Nosotros no siempre andamos cero Kilómetro. Hay veces que andamos médio rayados; como decimos aquí a ciertos estados que generalmente tratamos de racionalizar. Pues no siempre las causas aparecen a simple vista. A veces hay que hurgar y hurgar en uno mismo o con la ayuda de los compañeros. Cuando esos estados, generalmente pasajeros, se tornan crônicos, entonces es de apretarse, pues te podés enfermar. ¿Comprendés no?*¹⁹

O de agora é o oitavo. Creio que me dei bastante bem com todos²⁰. *Estamos ahora en el piso cinco, en el sector A, celda 21 del ala izquierda. Eso sí, nos separamos de Pilín que está en el ala de enfrente*²¹.

Há aproximadamente dois meses não tenho notícias suas. Não pergunto o que hove porque sei o que houve. E o que não.²² *Cartas hace*

⁹ Mario Benedetti, op. cit., p. 9..

¹⁰ Marcelo Estefanell. El hombre numerado, 2007, p. 9.

¹¹ G. 8; 1, 12-13.

¹² G. 10; 2, 61-66.

¹³ Mario Benedetti, op. cit., p. 9.

¹⁴ G. 10; 2, 59-61.

¹⁵ S. 7; 2, 70.

¹⁶ Mario Benedetti, op. cit., p. 9.

¹⁷ S. 17; 1, 8-11.

¹⁸ Mario Benedetti, op. cit., p. 10.

¹⁹ G. 3; 1, 16-21.

²⁰ Mario Benedetti, op. cit., p. 10.

²¹ DS. 29; 1, 10-11.

²² Mario Benedetti, op. cit., p. 10.



*bastante no recibo. La última fue la de Papito del 11 de marzo*²³ *No sé si no habrán llegado o simplemente no han escrito. Por favor, no se entienda como reproche. Saben lo que sobre el particular pienso. Se escribe si se tiene ganas. Y si no, no. Mi caso es distinto, a pesar de ser quien menos elementos tiene a transmitir*²⁴. Dizem que dentro de uma semana tudo se regularizará outra vez. Tomara. Não sabe como uma carta é importante para qualquer um de nós.

Quando tem recreio e saímos, sabe-se imediatamente quem recebeu carta e quem não. Há uma estranha luz nos rostos dos primeiros, embora muitos tratem de esconder sua alegria para não entristecer ainda mais os que não tiveram essa sorte²⁵. Yo voy todos los días durante una hora, a enseñar a leer a un compañero que no sabe. Es el momento mas lindo del día. Espero que dentro de algunos meses pueda escribir a su familia²⁶. De nuevo hoy no tuvo visita, el compañero. *De nuevo como en los tiempos de Mosquito y de nuevo yo dando manija para que escriba, pues claro sin visitas y carta se hace difícil hacerlo*²⁷.

Nas últimas semanas, por razões óbvias, todos estávamos com caras jururus, e isso também não é bom. De modo que não tenho resposta para nenhuma de suas perguntas, simplesmente porque careço de suas perguntas.

*Esta son ideas escritas un poco a la disparada, como cuando a último momento del martes te enterás que no hay carta para mi*²⁸.

Quería simplemente preguntar pelo Velho. Há muito que não me escreve. E neste caso tenho a impressão de que não existe qualquer outro motivo para que eu não receba cartas. Somente faz muito tempo que não me escreve. E não sei o porquê. Repasso às vezes (só mentalmente, é claro) o que consigo lembrar de ter escrito em algumas de minhas breves mensagens, mas não acho que houvesse nelas nada que o ferisse. Você o vê com frequência? Outra pergunta: como está indo Soledad na escola?²⁹ *Soledad, y esto tiene que quedar entre nosotros, como sabe casi siempre doy razón a los gurises, cuenta cosas en la que espera aunque no lo diga, a mi manera, interceda ante Uds. Debemos hacer buen uso de este hecho pues de lo contrario haría mal en contarselos. ¿No? Y Sole perdería la poquita confianza que há tratado de ir ganando. Se comprende?*

Maria Soledad Rosano é entitada de Sixto Ermitaño Roja, pai de Ruben. Filha de Elima Rosano, segunda esposa de Don Sixto com quem teve mais um filho Daniel Camilo Rosano Roja. Soledad contava com pouco mais de três anos de idade quando em uma madrugada de setembro de 1972 Rubem foi arrancado de sua casa por forças do Exército. Ela acompanhou tudo, segundo lhe contam, pois não tem memória desses acontecimentos, apenas memórias por ouvir dizer.

²³ DS. 52; 2, 47-48.

²⁴ DS. 36; 1, 8-11.

²⁵ Mario Benedetti, op. cit., p. 10.

²⁶ G. 23; 2, 71-74.

²⁷ S. 35; 2, 50-52.

²⁸ G. 2; 2, 66-67.

²⁹ Mario Benedetti, op. cit., p. 11.



*No vayan a pensar que no calibro bien sus manifestaciones. Pero para el niño es muy importante sentirse escuchado, atendido. Hablar con quien conparta sus inquietudes. Yo le decía que en Uds. debía ver amigos compañeros. Y les mostraba como charlaban estos papás con sus hijos. Uds, logicamente deben empeñarse en alcanzar ese objetivo, que como decías vos, no es fácil*³⁰. Em sua última cartinha, tive a impressão de notar certa ambigüidade em suas informações. Você já percebeu o quanto sinto sua falta? Em que pese é uma das faltas às quais nem o espírito nem o corpo se acostumaram. Pelo menos até hoje. Chegarei a habituar-me? Não creio. Você se habituou?³¹

³⁰ DS. 18; 1/2, 34-48.

³¹ Mario Benedetti, op. cit., p. 11.



Feridos e contundidos (Fatos Políticos)

– *¡Mirá esta!* Disse, estendendo com a mão direita uma velha cuia em desuso ao garoto que contava com vinte e poucos anos.

– *¡Fijate en los detalles!* Dizia isso, enquanto continuava a procurar outros objetos sobre sua lareira. Buscava pistas entre vários souvenirs, fotos e outras tantas cuias usadas que ali repousavam.

El viejo era assim. Tinha essa capacidade de fazer contos com uma narrativa performática. Quando tomava a palavra, o tempo tinha outro ritmo, sua voz serena, seu olhar grave, eram desprovidos de qualquer austeridade. Seu sorriso largo convidava ao diálogo.

– *¿Que ves ahí?* *¿*Identificastes algo? Voltando-se para o rapaz, após ter encontrado a velha fotografia que estava procurando. O rapaz seguia olhando a cuia em silêncio. – *El parreral!* Respondeu com o entusiasmo de quem encontra algo familiar, e sem tirar os olhos do objeto, abriu um sorriso hereditário.

– *¿Y qué más?* Insistiu o Velho. – Tengo casi todos los mates que usé en mi vida. Me gusta guardarlos. Pero este... Este é especial. Fez uma breve pausa e, inclinando levemente a cabeça e passados alguns segundos, disparou: – *Te voy hacer un cuento...*

E assim, com essas palavras, aquelas duas gerações, separadas além do tempo e da geografia, sentaram-se diante daquela singela lareira. Sem apuro em sua narrativa, o Velho inspirou e, em silêncio, observando a cuia ainda nas mãos do jovem, ficou pensativo. Parecia buscar em suas recordações o ponto exato por onde dar início ao seu relato. Enquanto isso, simultaneamente, remexia a bomba como quem revira a memória, serviu mais um amargo ao seu curioso interlocutor. A conversa que iria ter lugar era sobre um mate, já em desuso porque continha uma rachadura que o inutilizava, porém era o artigo mais precioso de decoração mantido por *El Viejo*. No entorno daquela simples cuia rachada, havia uma narrativa expressa em gravuras feitas em alto relevo que contornavam todo o porongo. O artefato apresentava em seu entorno duas cenas consecutivas. Em ambas, o tema era alegre, festivo. Em uma delas era possível distinguir uma família viajando em um fusca, com a "vaca" completamente abarrotada, percorrendo uma estrada do litoral do Uruguai. Havia riqueza de detalhes que não apenas descrevia a paisagem: a vegetação, os pinheiros que margeavam a estrada, notava-se também a presença do mar – que segundo *El viejo*, era uma das paixões de Ruben, o autor da obra –, na linha do horizonte desse mar, uma embarcação.



– *Me acuerdo que luego que salió del penal, y pudo alquilar una casa, él me llevó a mirar por una ventana, de la cual se podía ver el mar. claro que tenías que sacar más de medio cuerpo para afuera y mirar entre los rasca cielos, pero decía con alegría: "¿Viste? Tengo vista al mar!".* Riu com nostalgia e retornou à narrativa do objeto que estavam analisando. Observou que os integrantes do automóvel foram retratados como se postados para aquele registro, mostravam-se eufóricos com a viagem.

– *¡Esto lo hizo él! ¿¿¿Lo podes creer?!?! Lo hizo cuando estaba en el Penal. ¿Vos fuistes alguna vez a Libertad?* Perguntou, franzindo o cenho e levando a bomba à boca, censurando os lábios após ter se atrevido a tocar no tema. O rapaz respondeu em silêncio acenando com a cabeça negativamente.

– *Bueno.* Seguiu o Velho, após nova pausa. *El tema es que él estaba en Libertad y en su momento de actividad recreativa, y lo hizo. Supongo que le contaron como fué la primera Navidad en que estuvieron todos! Menos él, por supuesto. Pero fijate! És como si estuviera! Como si hubiera participado de todo! Mismo no estando presente, encontró una manera sencilla de participar dessa reunión de la familia.*

A segunda cena representava a festiva recepção feita ao grupo de viajantes em sua chegada ao destino. Aos poucos, o jovem ia reconhecendo ambientes, lugares e minúcias que abriam caminho em sua memória, como que descortinando dentro de si lembranças confusas de um passado não muito distante. Da mesma forma que antes, ele observava e ouvia.

Naquela segunda cena, era possível identificar no plano de fundo um casal de adultos de braços abertos, margeados por um par de crianças. O filho do casal anfitrião mostrava-se receptivo, ao passo que a menina, mais retraída, parecia agarrada à cintura da mãe. Sem dúvida, essa era uma característica marcante de Soledad: sua timidez. O autor da obra não se restringiu apenas em retratar os personagens daquela cena, ele também imprimiu traços de personalidade, como fez ao estampar *El Tata*. O rapaz o identificou imediatamente abrindo um sorriso. Na imagem ele segurava um copo em uma de suas mãos, e usava uma boina.

– *No le podía faltar el vino al Tata!* Observou o rapaz com alegria.

Todos foram representados sob o parreiral; o mesmo que abrigou tantos assados ou jantares em noites cálidas de dezembro. Ao lado da velha *parrilla* e junto a esta, um balcão, onde ali se identificava um termo e um mate pronto. Uma cena típica de qualquer domingo no interior daquele país. No primeiro plano desta cena, a família de viajantes corre para o encontro



familiar também erguendo os braços. O rapaz olhava a todos os detalhes da gravura com curiosidade e encantamento. Ouvia com atenção as explicações de cada desenho e não interrompia seu narrador para não retirá-lo daquele transe performático. Sentia vontade de indagar muitas outras coisas que iam além do objeto e fazia isso com os olhos. Sentia-se constrangido para fazer algumas perguntas por imaginar que isso seria revolver o delicado passado e, por isso, não as fez.

– *El viejo*, por seu turno, parecia esperar com alguma ansiedade que elas fossem feitas. E nesse jogo de interpretação de olhares e gestos que permeavam as pausas silenciosas daquela conversa, interrompidas pelo ronco de mais um mate sorvido ou o crepitar do fogo, ambos tentavam estreitar o distanciamento provocado pelo tempo e pela ausência imposta. Naquela conversa e naquele objeto, estava o registro de parte de suas histórias. Uma história feita dessa forma, de retalhos de conversa e fragmentos, como quem espera entre as pausas de cada mate, matar a sede e juntar as peças daquele enorme quebra-cabeças.



“Seu” Roja (Derrota e rota)

*O essencial é adaptar-se. Já sei que com essa idade é difícil. Quase impossível. E contudo. Afinal de contas, meu exílio é meu.*¹ E o que são exílios? Sócrates preferiu a morte. O que é então sobreviver a eles? Como era migrar de uma ditadura a outra? Resta-me agora atirar-me ao tapete da sala e brincar com sua neta, assim como ele fazia lá pelo início dos anos 70. Essa é uma das lembranças mais felizes que guardo; o seu retorno a casa, seu evidente cansaço, mas a sua espontânea disposição *en jugar*. Lembro dele brincando, dele contente, mas também lembro que seus olhos eram então uma triste cortina de pálpebras, mas tão largo era seu recolhimento, tão ressonante seu silêncio, que parecia ocupar o espaço inteiro e nos coagir também a calar.² Nem todos têm um exílio próprio. A mim quiseram empurrar um alheio. Tentativa inútil. Transformei-o em meu. Como foi? Isso não importa. Não é um segredo nem uma revelação. Eu diria que é preciso começar apoderando-se das ruas.³ “Foi assim, ainda lembro”, certa vez me confessou: Rua da Saudade número 43. A empresa que o contratou tinha um escritório nesse endereço (Dizem que saudade é uma palavra que só existe no português). Ali ele selou seu novo destino, e o dos demais que por seu amor, foram poupados da brutalidade do mundo. A quem, é o que pergunto, quem se interessaria hoje por tão mesquinhos meandros de um tempo distante, e a resposta que meu pai repete é uma absurda mescla de devaneios e lucidez: as ditaduras podem voltar, você deveria saber. As ditaduras podem voltar, eu sei, e sei que seus arbítrios, suas opressões, seus sofrimentos, existem das mais diversas maneiras, nos mais diversos regimes, mesmo quando uma horda de cidadãos marcha às urnas bienalmente – é o que penso ao ouvi-lo mas me privo de dizer, para poupá-lo da brutalidade do mundo ou por algum receio de que não me entenda.⁴ Quando optou por *irse a la mierda*, el “Coco” escreveu: *Estuve observando en el mapa Passo Fundo, próximo destino del nómade de mi hermanito. Está lejos, pero no tanto. Bien al norte de Rio Grande y figura con las características de Livramento, como ciudad. Lamentablemente no se ve ningún río importante en las proximidades. El que veo mas próximo es el Pelotas que ha de ser un poco como bañarse en el Uruguay, que no es otra cosa que el cielo azul que viaja, por tierra brasileña. Siempre hablando de ríos. Es que Pueblo sin ríos...*⁵ Apoderar-se da rua... É somente quando alguém chega a perceber que uma rua não lhe é estrangeira que a rua para de vê-lo como um estranho. E assim com todo o resto. No princípio andava

Em junho de 1972, Ariel Roja portes, meu pai, recebe uma oferta de trabalho no Brasil. A obra da empreiteira que o contratou dedicava-se a construção de rodovias em Sant’Ana do Livramento, o que he permitiu manter a família no lado uruguaio da fronteira até meados de 1975 quando migramos para Santa Catarina. Na ocasião em que fomos viver na fronteira, contava com 4 anos de idade.

Rua da Saudade, número 43 em Sant’Ana do Livramento, era o endereço da empresa Planisul, empresa que contratou Ariel Roja Portes, como descreve na entrevista a mim concedida: Yo tuve la suerte que la empresa que me trajo, era la Planisul. Era una empresa del Montepio da familia militar, y en esa época se torno más fácil. Mas, complicado un poco si. Pero teniendo un trabajo, teniendo un contrato de trabajo. Entendistes? Un cara venia con un contrato de trabajo le falcilitaban 100 por ciento las cosas. La própria empresa se interesaba en agilizar la documentación. Que ni un jugador de fútbol, en seguida le hacen la documentación para que empieze a jugar.

// Apelido familiar de Ruben. //



¹ Mario Benedetti, op. cit., p. 17.

² Julián Fucks, op. cit., p. 30.

³ Mario Benedetti, op. cit., p. 17.

⁴ Julián Fucks, op. cit., p. 40.

⁵ S. 35; 2, 67-73.



com uma boina, como convém, talvez, aos seus sessenta e poucos anos. Mas não era coisa da idade. Era uma consequência do desalento. Lá, sempre fazia o mesmo caminho ao voltar para casa. E aqui isso lhe fazia falta. As pessoas não entendem esse tipo de nostalgia⁶. *Nunca más volvió, nunca más fué para el Uruguay, comentó*⁷ a Velha laconicamente, ao recordar o dia em que o velho tomou a decisão de deixar o país. Talvez tenha sido por isso que recorreu à boina. Para amenizar tantas surpresas. Ou talvez para que os compatriotas que ia encontrando lhe dissessem: “Mas, seu Roja, lá o senhor não usava boina”, e ele pudesse responder: “Bem, vocês também não usavam *la bufanda de la tristeza*”⁸. Ao lembrar que, por diversas vezes, lhe deixei claro que eu não queria ter saído, que não estava feliz... Confesso que ao recordar esse instante desejei me flagelar. E foi o que fiz, me castigando de uma forma estúpida, como de costume. Me castiguei sem piedade, estupidamente, como já disse, a ponto de sentir a pulsação da dor, ardência em carne viva... Desejei que aquela marca se mantivesse ali, para me recordar. Era um misto de raiva, amor ferido, e um enorme pedido de desculpas. De rota vem derrota, já sei. Nossa derrota pode não ser total, mas é derrota. Já tinha entendido, mas pude confirmá-lo totalmente quando dei minha primeira aula. O aluno pô-se de pé e pediu permissão para perguntar. E perguntou: “Mestre, por que razão seu país, uma democracia liberal estabelecida, passou tão rápido a ser uma ditadura militar?” Pedi que não me chamasse de mestre. Não é nosso costume. Mas pedi isso apenas para poder organizar a resposta. Repeti o consabido: que o processo começou muito antes, não na calma, mas no subsolo da calma⁹.

⁶ Mario Benedetti, op. cit, p. 17.

⁷ Entrevista com Ariel Roja Portes.

⁸ Mario Benedetti, op. cit, p. 18.

⁹ Ibid., p.19.



Exílios (Cavalo Verde)

Dizem que os historiadores narram as guerras que não foram. Porém, eu estava na sala de jantar quando a Guerra Fria sentou à mesa e distribuiu silêncios em sopas amargas. O meu relato é exógeno, de quem vê de fora, porém estando por dentro. É uma história contada às avessas, pelo olhar do anjo da história, a partir de fragmentos que compõe um enorme quebra-cabeças sempre incompleto, posto que cada uma das peças se interliga com tantas outras permitindo diferentes paisagens. E é imperativo lembrar que há peças até hoje desaparecidas. Quando ocorreram os fatos que aqui pretendo descrever, foram eles, os protagonistas desta história, cada um dos que eu consiga mencionar. Eles ainda guardam silêncios. Às vezes parece que baixam a voz para mencionar um episódio específico, às vezes gaguejam, largam relatos pelo meio, e tenho a nítida impressão de que ainda temem os nossos ouvidos – de que ainda somos, aos olhos deles, crianças a serem poupadas da brutalidade do mundo, ou mesmo perigosos agentes duplos que acabariam por entregá-los sem querer¹. O ponto de partida para esta narrativa foi uma cuia de mate. Quantas histórias contidas no seu entorno. Paro, respiro fundo, parece que irá faltar fôlego. “Tranquilo, con calma” – ele disse, me auxiliando a recuperar o fôlego após quase ter me afogado. Para alcançar aquelas respostas, seria necessário empreender uma verdadeira jornada, as denúncias veladas no entorno do mate eram apenas o começo. Respiro fundo mais uma vez. Já terá passado uma hora? Quanto tempo são sessenta minutos? “Tranquilo, calma. Com calma viene”, voltou a dizer sempre em tom suave ajudando seu interlocutor a recuperar-se. Desejava saber, tinha muitas perguntas e algumas versões. O mate era a chave para um labirinto de infinitas possibilidades, um objeto que narra em si uma história circular, e por vezes nauseante. Perguntas e mais perguntas. Por me deixar respirar, por me deixar existir, Deus lhe pague. Palavras, a disputa era por palavras. Era disso que se tratava. Não consigo imaginar, e por isso minhas palavras se fazem mais abstratas, a indizível circunstância em que calar não é trair, em que calar é resistir, a prova mais extrema de compromisso e amizade. Calar para salvar outro: calar e aniquilar-se². A luta era pelo poder da palavra que mesmo maltratada, se renova, e era por ela que suportava o longo flagelo. Esse cheiro nauseante é o odor da História. Contudo, a infância e a juventude evocam outros aromas que vinham com a brisa refrescante das noites de verão sob os parreirais. Também havia o canteiro, que de muito menino aprendeu

Entre os membros do Movimento de Libertação Nacional -Tupamaros, havia a orientação de que ao cair o militante deveria suportar o mínimo tempo de uma hora sob tortura, tempo considerado suficiente para que rotas de fuga pudessem ser acionadas pelos demais integrantes do movimento. Ruben foi capturado em sua casa e ali mesmo submetido ao primeiro interrogatório sob tortura. Suportou, segundo relatos, mais de 60 minutos.

¹ Julián Fuks, op. cit, p. 39-40.

² Ibid., p.52.



com seu avô que era *prohibido pisar en las flores!* Quem eram? Como se organizaram? Qual a sua participação em tudo isso? Perguntas e mais perguntas, em meio a aquela fumaça, desgraça que o fez tossir.

Em 25 de setembro de 1983 finalizava a Semana do Estudante organizada pela Associação Social e Cultural de Estudantes de Educação Pública (ASCEEP), que para o encerramento da atividade convocou a um "Desfile de primavera". O país ainda estava submetido à ditadura Cívico-militar, no entanto os estudantes tomam as ruas de Montevideu para reivindicar a volta à Democracia no Uruguai. Foi uma das maiores manifestações estudantis contra a ditadura imposta que precocemente lhes havia roubado a democracia e as esperanças. Para mais informações, recomendo o documentário *Prohibido pisar las flores*, uma produção de TevéCIUDAD, dirigida por Luiz Gonzales Zaffaroni. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E5FPJupn4MA>

Beatriz (As estações)

Figura 1 - As estações: El abuelo Sixto y yo



Fonte: *Acervo pessoal* (verão de 1986)



Intramuros (Como andam seus fantasmas?)

Hoje estive observando detidamente as manchas da parede. É um hábito que me veio da infância. Primeiro imaginava rostos, animais, objetos, a partir dessas manchas; depois, fabricava medos e até pânicos relacionados a elas. De modo que agora é bom convertê-las em coisas ou caras e não sentir medo. Mas aquela época distante em que o máximo do medo era provocado por manchas fantasmagóricas que nós mesmos fantasiávamos também me provoca um pouco de saudade. Os motivos adultos, ou talvez as desculpas adultas para os medos que chegam depois, não são fantasmas, mas insuportavelmente reais. Sem dúvida, às vezes acrescentamos fantasmas de nossa produção, não é? A propósito, como andam seus fantasmas? *Hoy es un día cualquiera, como todos, como tantos otros, sólo que hoy es imposible no escuchar las voces del viento en su estrepitoso chocar contra los muros y los vidrios. Me he puesto a observar como grita, con fúria incontenible, tratando de juntar en sus infatigables remolinos las hojas caídas, los papeles perdidos y algún que otro solitario. ¿Qué dice, qué cuenta que le duele tanto, que hasta las almas y las flores se inclinan a su paso, en exagerada reverencia, como queriendo ahí clamar su fúria? Entonces mientras me pregunto esta y tantas otras cosas, lo escucho, lo veo, lo espero en su ir y venir y pienso que aunque no tengamos el mismo lenguaje, hoy, soy capaz de entender al viento*².

Mas volto às manchas. É preciso entender que quando se está aqui *tudo pode chegar a ser interessante*³. *Cuando un preso lleva mucho tiempo en soledad desarrolla una percepción cada día más aguda, sobre todo en matéria de oído: todos los ruidos que se suceden diariamente en la cárcel se van llenando de significado: el paso de una bota militar es muy distinto al de unos pies calzados con alpargatas. Con el tiempo uno puede diferenciar hasta a qué arma pertenecía el autor de los pasos que del otro lado de la pared se desplazaban por el piso (el soporte de goma de las botas de un infante es muy diferente a la suela de las botas de un caballero): tintineo de llaves, golpes de garrotes, conversaciones de los guardias, corridas, puertas que se abren, puertas que se cierran, todo, absolutamente todo es registrable como si uno fuera ciego. Con los años, fui capaz de adivinar – con muy poco margen de error, por cierto – el preciso instante en que se abriría la ventanilla de la puerta de mi celda porque allí estaba el sargento de piso para notificarme una sanción por tener los bigotes por debajo de las comisuras de los labios; o si era el cantineiro que traía el pedido semanal,*

¹ Mario Benedetti, op. cit., p. 27.

² Susana Pacifici; Alfredo Alzugarat, Alfredo. Quisiera decirte tanto, 2015. p. 80.

³ Mario Benedetti, op. cit., p. 27.



*o el bibliotecário, según el caso: ninguno corría la perilla de la misma manera y, menos aún, bajaba la ventanilla con el mismo cuidado. Enseguida, por ese marco de luz el ojo abarcaba rápidamente todo el campo visual posible fuera de la celda: quien estaba en la planchada, que hacía la guardia, o aquel tipo desgrabado que caminaba enfrente por el tercer piso ¿no era el Flaco Rodríguez Larreta? ¡Cuánta información en pocos segundos! Pero, inexorablemente, terminaba cerrándose la ventanilla y la opacidad metálica volvía a reinar sobre la puerta. Uno se ponía a caminar en ese vaivén tan característico de todo mamífero enjaulado. ¿Sería el Flaco? De la puerta a la ventana. ¿Otra vez en cana? De la ventana a la puerta. ¿Desde cuándo? Las fieras en el zoológico te miran como si fueras transparente. Y un preso ¿cómo mira?*⁴

Nem vou falar do que significa poder, de repente, distinguir um pássaro entre as grades.⁵ *Podría ponerme a hablar de lo lindo que se presentan los anocheceres de buen tiempo o cómo a las seis y media, cuando la llamada, el día empieza ya a colorear, pero Uds. dirían: Ruben ya empezó a estirar la Carta. Pero lo que fuera de broma vale la pena comentar es la presencia ronroneo y demás de las palomas. Son preciosas. Vienen, se paran en la ventana y como tienen los ojos tan a los costados hacen unos movimientos de cogote para observar, que me resultan de lo mas simpáticos. Cuando te acercás mucho, vuelan, por supuesto. Y no tomen esto último como estirada. De veras, vale la pena.*⁶

Quando me dou conta do tempo que faz que não os vejo: você, Sole, Camilo,¹¹ o Velho. E sobretudo quando penso no tempo que ainda pode transcorrer antes que volte a vê-los. Quando meço esse valor do tempo, não vejo nada para rir. Acredito que tampouco para chorar. Eu, pelo menos, não choro. Mas não me orgulho dessa minha parcimônia emocional.⁷

*El viejo parece no acostumbrarse a mi situación. Claro, cada uno reacciona a su manera frente a las cosas y cada uno es como es, pero la visita debe enfrentarse con serenidad. Para que las ideas que deseamos transmitir, fluyan naturalmente. A veces pienso que yo soy un poco frío y muy poco es lo que me comueve, otras, creo que tiene que ser así. Me trajo tabaco, yerba, termo y mate. Yo no habia pedido nada y nada necesito. De que pienso es que no se resignan a venir con las manos vacías, como si su sola presencia no fuera mas que suficiente.*⁸

Mas cada um tem seu estilo. O meu é tratar de dominar essas mini-crises pela via do raciocínio. Na maioria das vezes tenho sucesso, mas noutras, em compensação, não há raciocínio que dê jeito.⁹ *A la emoción el*

⁴ Marcelo Estefanell. Op. cit., p. 43-44.

⁵ Mario Benedetti, op. cit., p. 27.

⁶ DS. 49; 2, 59-67.

⁷ Mario Benedetti, op. cit., p. 27.

⁸ S. 38; 1/2, 5-12.

⁹ Mario Benedetti, op. cit., p. 28-29.

Adapto os nomes dos personagens aos familiares de Ruben, como neste caso, seus irmãos Soledad e Daniel Camilo.



dicionário que tenemos, la define como una excitación repentina del ánimo. Yo la concibo como un desacomodo, como un desequilibrio, como una superación de los recursos y defensas que poseemos. Por eso, creo, debemos tratar de lograr siempre nuestro cerebro controle nuestros sentimientos de forma que alegrías o tristezas no nos quiten la calma, no alteren nuestro equilibrio, o el deseado equilibrio pues bien saben, o supongo que saben, los nerviso que soy.¹⁰ Diria que às vezes a razão tem arrebatamentos que até o coração desconhece. Conte-me de você, do que anda fazendo, do que anda pensando, do que sente. Como gostaria de ter caminhado algumas vezes pelas ruas que você agora percorre para que tivéssemos algo em comum aí também. É o inconveniente de ter viajado pouco.¹¹ Hay un libro muy bueno del que seguramente habrás oído hablar. Se llama Martín Fierro y fue escrito hace mas de 100 años por José Hernandez. Muchas de las cosas allí dichas valen hoy a pesar del tiempo transcurrido. Al escribirte pienso en un consejo que el personaje da a sus hijos. Dice Fierro "Procuren si son cantores, el cantar con sentimiento, no tiemplan el instrumento, por solo el gusto de hablar y acostumbrense a cantar en cosas de fundamento". Pienso que es eso muy cierto y creerlo me pone remiso en escribir cartas por el solo gusto de escribir. Vos sabés que te recuerdo a vos y a todos. Pero para escribir como dice Fierro debemos hacerlo con fundamento, es decir sobre cosas que tengan importancia y que en algo puedan servirnos. Y eso no es fácil. Para serte sincero, creo que me llevaría horas de reflexionar hacerlo. Por eso pido sean tolerantes en cuanto a la frecuencia de las cartas. No sé que opinás vos y los tuyos. Y te hablo siempre como hablarían dos amigos que marcharan juntos por la vida. Nunca tuvimos muchas oportunidades de hacerlo y dificilmente lo podemos hacer por lo que una forma de intentar alguna forma de diálogo puede ser este. ¿No te parece?¹² Anoche tuvimos cine. Vimos "Gervasia" un drama social basado en un libro de Emillo Zola, suburbios de Paris de principios de siglo. Me gustó mucho. A mi compañero no. A veces es la inversa. Una película o la impresión que te produce, a nosotros que no somos muy críticos, depende de tantas cosas. Aunque te parezca mentira, aún recuerdo las que vimos juntos cuando vos viajastes los fines de semana, o cuando te visitamos en Durazno y nos llevaste al cine. Ahí lo que importa era que estábamos juntos¹³. Como tudo isso parece distante. Esse terremoto nos trouxe à terra, a esta terra. E agora, claro, quem tem que sair vai para outro país da América. E é lógico. E mesmo aqueles que hoje estão, por razões distintas, em Estocolmo ou Paris ou Brescia ou Amsterdã ou Barcelona, prefeririam

¹⁰ G. 1;1, 10-17.

¹¹ Mario Benedetti, op. cit., p. 28.

¹² G. 24; 1/b, 23-39

¹³ DS. 15; 1, 30-37.



seguramente estar em alguma de nossas cidades. Afinal de contas, eu também estou fora do país. Eu também suspiro pelo o que você suspira. O exílio interior, exterior, será uma palavra-chave desta década. Sabe, é provável que risquem essa frase. Mas quem o fizer deveria pensar que talvez ele também seja, de alguma maneira estranha, um exilado do país real¹⁴. *Cuando vinimos el Director nos dijo que “deseaba cuando saliéramos no encontráramos la sociedade podrida que dejamos”*. Ignoro en que medida esa transformación se ha operado¹⁵. Se a frase sobreviveu, você deve ter percebido como ando compreensivo. Até eu me espanto. É a vida, minha cara, é a vida. Se não sobreviveu, não se preocupe. Não era importante. Dê-se beijos e mais beijos, de minha parte.¹⁶

En los últimos meses del 72, los primeros del penal, prácticamente no había censura. Tal vez porque la mayoría de los presos pertenecía al “M.C.N. Tupamaros”, y a las autoridades de Libertad les preocupaba más el aspecto militar que ideológico. Pero pronto esto cambió y comenzó una censura “ideológica” que poco a poco se fue perfeccionando y fue encontrando más y más sospechosos entre los hombres y letras. Una vez más los militares convalidaron la hipótesis de que censurar ha sido, históricamente, como rascarse: se sabe cuando se empieza pero no cuándo y dónde se termina. PHILLIPPS-TREBY, Walter e TISCORNIA, Jorge: *Vivir en Libertad*. Montevideo, EBO, 2003. p. 142 e 143.

Ruben trocava muitas cartas com sua irmã Blanca Aquino Roja. No livro de Benedetti, Santiago escreve à sua esposa, Graciela. Ruben era solteiro quando foi preso e não estava em nenhum relacionamento.

¹⁴ Mario Benedetti, op. cit., p. 29.

¹⁵ G. 7; 1, 8-10.

¹⁶ Mario Benedetti, op. cit., p. 29.



O outro (Única testemunha)

(d4)

Os primeiros movimentos neste jogo serão torpes. Mas uma vez aprendidas as suas regras, entendidos os seus fundamentos básicos, é possível arriscar alguns movimentos. Atenção para o cenário no qual há tempos sucedem memoráveis combates. Imagens, quadros, fotografias em preto e branco, cartas... A casa do canto inferior direito é branco, como fundo que reclama ser preenchido com negras letras e, assim, dar início a uma espécie de jogo em que a memória será um elemento fundamental. Nessa disputa que transcorre em um painel formado de pequenos quadros, pequenos retalhos de um quadro maior, que se alterna conforme a disposição do tabuleiro ou do manuseio das peças eleitas, pois o palco da contenda se presta a outras disputas. Tudo consiste em dominar algumas regras. Elas aparentam impor limites, exigem respeito para que o jogo possa ter andamento, porém, dado o primeiro passo, tem início uma fascinante disputa. Por onde iniciar? Quem sabe dispondo as peças sobre a mesa. Estão todas aqui... meus fantasmas queridos... esparramados sobre a escrivadinha, diferentes componentes desse jogo que me atrevo a escre(vi)ver. Gente simples, de origem humilde, de quem somos filhos e netos; operários, amas de casa, trabalhadores urbanos, gente do campo, simples peões. Miseráveis errantes, a quem o tempo, seu mais precioso bem, lhes foi sequestrado. Engrenagens básicas do jogo e sobre as quais estão depositadas as promessas da vitória, por terem em si o potencial revolucionário, a capacidade de transmutar-se, desde que tomem de assalto o horizonte. Algumas se detêm no caminho, outras se oferecem em holocausto pela causa de suas irmãs. Quase sempre negligenciadas, quando não esquecidas, é hora de fazer-lhes um pouco de justiça.



Foi num domingo de páscoa que Ruben Roja, juntamente com centenas de presos políticos ganharam a liberdade. Entre os familiares, sou a única testemunha viva do abraço entre irmãos. Ao ser apresentado a ele, Ruben fixa seus olhos nos meus e pronuncia a frase que aqui expus.

(Cc6)

Es muy importante que estés acá viendo todo esto. A dificuldade em compreender o embate reside em não (re)conhecer seus enigmáticos movimentos, e receio constatar que algumas peças estão, ameaçadoramente, sendo repostas no tabuleiro para novo confronto. Democracia só existe quando suas Forças Armadas assim o querem.¹ Viver em companhia do medo e da insegurança. Estes talvez possam ser os sentimentos das peças que estão no centro do embate. Não podem confiar nem mesmo nas intenções de suas peças irmãs quando estas se aproximam. Quem é o inimigo?

¹ Presidente Jair Messias Bolsonaro em declaração pública do dia 07/03/2019.



Indagam-se algumas delas em meio à disputa que transcorre. Dúvida ampliada ao perceber que a sua igual pouco difere de sua oponente. Reafirmo, há regras, normas que permitem reconhecer o embate, mas há também os maus jogadores, os que não aprenderam a vencer, mudam regulamentos, criam outros e auto-proclamam-se ganhadores. *La lucha armada desata siempre la derecha cuando la situación legal no le permite seguir manteniendo sus privilegios de una forma u otra*². A partida que me decidi jogar é determinada a seu ritmo, pela passagem do tempo, por correspondência, assumindo ares de entretenimento, sem ser simples distração. Aguardo com paciência o próximo lance, que pode ser descrito em carta endereçadas a outros. Estar atento a todos os detalhes amplia a consciência do que está em disputa. Cada movimento, cada palavra é tomada com precisão e cuidado. Cada ponto, cada vírgula, cada frase. Este jogo inicia assim, circunscrito a vinte e cinco linhas por página. Escrevo mergulhando a pena no tinteiro de minhas vísceras. Tomando a frente por sobre as demais, avanço com a pedra favorita que, em batida seca e inquisidora, sentencia: *Libertad*.



² Depoimento de Pepe Mujica ao documentário alemão: Tupamaros.



Exílios (Convite cordial)

Outra noite insone. Os ruídos são outros na escuridão da madrugada. Tem sido assim desde que iniciei esta jornada. Lá fora chove insistentemente. Ouço o vento, que traz consigo muito mais do que a precipitação fina deste início de primavera. Fustiga minha janela como desejando invadir. Impaciente, acorda meus pensamentos.

– *¿Sabes la puerta de al lado? ¿Allí al lado del comedor? Aquel era el cuarto de Ruben. Y más a la derecha, había un portón de madera.*

No escuro do quarto, escuto também várias vozes que, como o vento, vêm e vão, disputando entre elas, exigindo minha atenção. O vento (o verbo), bate(m) na janela do meu quarto sacudindo minha persiana, conturbando minhas lembranças. Também sei que lá fora o tempo tem se mostrado inóspito.

– *¿Te acordás que en la puerta tenía una manito para golpear? Bueno, en la madrugada él sintió el "tac-tac", y luego de tras del "tac-tac", ¡bummmm, aquel portón voló!*

As rajadas de vento são irregulares. Há momentos que sacodem com violência as persianas impedindo assim o meu sono, parece conclamar: acorda! Medo de sentir frio. Esse sempre foi o maior temor, me revelou. *"Dormían vestidos. Sabían que a cualquier rato los iban a buscar."* O vento insiste... Está frio... Tento encontrar uma posição mais cômoda para retomar o sono. Inútil. Lembrei da minha conversa com meu primo Gustavo Aquino: *Mamá tenía las botas y la ropa siempre listas al lado de la cama, cosa que si toca el timbre por la madrugada, poder vestirse y trata de salir lo más abrigado posible.* Outra rajada. A janela estremece. Novos pensamentos me afligem. Teremos algo a Temer?

– *...Y siente las botas, "toc-toc". Los milicos entrando. Se tiró de la cama y cuando llegó a la puerta, el viejo Roja ya había salido.*

Assim estava el Coco, vestido em sua cama quando bateram repentinamente naquela madrugada. Os que estavam na casa de Durazno ouviram os passos acelerados de botas, e golpes fortes na porta de entrada, e simultaneamente, ouvem o ruído provocado pelo arrombamento da porta lateral da habitação que dava acesso ao quarto de Ruben. O velho Sixto atendeu a porta e quando seu filho se aproximou, o conduziram até um carro onde alguém do seu interior pronunciou *"És ese"*.

– *Quien dirigió el operativo fue un tal de Mario Ramos. ¡Un amigo personal! Vivía ahí, metido en la casa con los Roja. Criado ahí! Amigo de*

Ruben é transferido para o presidio de Libertad na primavera de 1972.

As palavras em espanhol são reminiscências confessadas por Gustavo Aquino, filho de Blanca Aquino Roja, irmão de Ruben. Ela era o principal contato de Ruben fora dos muros de Libertad. Dedicou-se a organizar as visitas para que o irmão nunca ficasse só, estabeleceu contatos com familiares de presos políticos e organizaram campanhas de denúncias contra o tratamento dispensado aos presos políticos, chegando a estabelecer contato com embaixadas europeias e a Anistia Internacional.

Quando da escrita deste texto, o Brasil estava sob o governo de Michel Temer (MDB), que alçou o poder executivo graças a uma manobra golpista que resultariam dois anos depois na eleição de Jair Messias Bolsonaro (PSL), declarado defensor de regimes ditatoriais apoiador da prática da tortura, admirador declarado de Pinochet, Strossner, Ustra.



infancia! El loco tenia no sé cuantos hermanos y iba ahí, a matar-se el hambre en la casa del Viejo Sixto.

Assim que o identificaram, o encapuzaram e o levaram para o galpão dos fundos da casa. Foi ali mesmo, em sua residência, na presença de seus pais e irmã de 3 anos que ele foi preso, encapuzado interrogado e torturado. Conseguiu reconhecer uma voz, possivelmente de quem conduzia a operação e tentou travar um diálogo, apesar dos golpes que recebia. – Mario Ramos.

– Dijo: Mario, Mario. Como que comprometiendolo a que interviera a su favor para que pararan de darle aquella paliza. A lo que le responden: "Acá no hay ningún Mario". – Y contestó Ruben, bajo trompadas: – El Mario que és mi amigo. Y el loco le dijo. – Yo no soy amigo de ningún Tupamaro. Y el Coco le contestó: – En la casa de un tupamaro te matastes el hambre de niño.

Agora o vento acalma, quase silêncio... Eventualmente, uma rajada para lembrar que ainda está lá e que vai me acompanhar por mais tempo em minhas noites de insônia, provocando minhas memórias e trazendo essa lembrança do frio. Agora ouço uma porta entreaberta bater de tempos em tempos, produzindo um ruído intermitente como o de uma torneira com defeito, que lentamente vai derramando gotas, só perceptíveis durante a frustrante tentativa de dormir. A porta, as persianas, as gotas, ressoam discretamente misturadas às sonoras distrações do dia a dia que nos impõem outras demandas. Na madrugada insone elas golpeiam.



Feridos e Contundidos (Uma ou duas paisagens)

O envelope, de um desbotado azul, precisou ser reaberto com delicadeza, provocando um ruído característico de goma ressecada pelo tempo. Em seu interior, duas folhas amareladas, dobradas hermeticamente mostrando um dos versos, onde na linha superior deveria constar a assinatura, seguida do nome e identificação do setor e da cela. A margem à esquerda acusa a década. Já eram os anos 80, a data precisa, 1982... ainda lhe restavam mais três anos... *Querida gente: dispuesto a compartir este rato en vuestra compañía, empiezo estas líneas en la tarde de un domingo lleno de sol... y de frío.* Como decíamos en otra, en estos días y más precisamente en los mediodías, nuestros pensamientos vuelan a uds. para imaginarlos disfrutando de eso tan hermoso que son las reuniones de familia¹. Quantos domingos podem existir naquele lugar de tempo fracionado entre tarefas, refeições, e alguma recreação? Em desenhadas letras, convida a um passeio numa tarde de inverno de luz cristalina... *Ojalá el frío no los amilane y la tarde de sol les invite a disfrutarla con una buena caminata. Decía la semana pasada a Papito, en carta al rancho, de lo saludable de esa práctica. Saludable no solo en lo físico, que lo es y mucho, sino en lo espiritual. Bien mirada, les decía, una caminata es como un viaje. En el que son tantas las situaciones a que nos vamos enfrentando, que si sabemos ser sensibles, es viaje rico y variado. La naturaleza, un árbol, un jardín, un parque. Las escenas de la calle, un vendedor, niños jugando, un anciano, todo; si sabemos ser sencibles repito, nos genera una idea o un sentimiento.*² *Y por encima de todo éllo: la relación.* Aceito o convite e caminho por ruas e paisagens de minha infância, por ruas de cidades ao sul em tarde fria e ensolarada de inverno, e assim desloco mais uma peça de um quadro a outro, sem estratégia definida, apenas para observar os próximos lances.

¹ 12G. 21; 1, 3-7.

² G. 21; 1, 7-15.



Dom Roja (Uma culpa estranha)

Ruben queixou-se a Blanca de que faz tempo que não lhe escrevo. Está certo. Mas o que lhe dizer?¹ *Que me canso, me duelen los ojos, que no sé qué poner, que la empiezo, la dejo empezada y cuando voy a seguirla no me gusta lo anterior. Me gustaría escribir cartas que se fueran armando en el correr de los días, porque así tendría muchos estados de ánimo, muchos ratos compartidos. Lo mejor entonces, no leer lo anteriormente escrito, y seguir*². Que me sinto um pouco culpado por não ter falado o bastante com ele (quando ainda era tempo de falar e não de engolir as palavras) para convencê-lo a não seguir esse caminho? Isso ele talvez não saiba conscientemente, mas talvez imagine. Também deve imaginar que mesmo que ele e eu tivéssemos tido essas discussões em profundidade, ele teria seguido o caminho que definitivamente escolheu de qualquer maneira. Que cada vez que acordo no meio da noite não consigo evitar a apreensão, a sensação ou o mau pressentimento, que sei eu, de que por acaso o estejam torturando naquela mesma hora ou que esteja se recuperando de uma sessão de tortura ou se preparando para as próximas ou maldizendo alguém? Talvez não tenha vontade de imaginar uma coisa assim. Já tem o suficiente com o seu próprio isolamento, sua própria angústia³. *Papito, vos sabes que somos uno. Releio agora em sua última. Los dos amamos la vida. Y en que forma. Pero creo sabemos no es una forma de amor egoísta. Amamos la vida porque la vida son los demás. Y mas nos sentimos satisfechos cuando nos damos cuenta que hemos logrado que nuestra preocupación es la de querer servir, ser útil, aportar. Y estamos alcanzándolo en la medida de nuestra firmeza de ánimo. De nuestra voluntad. Eso se transmite; en un sentido o en otro. ¿Tenés idea de la fuerza que me aporta tu actitud siempre positiva? – Por mi parte oigo decir a Blanca (está bien que en ésto habrá un poco de galanteria), que le agradan mis líneas, que las lee mas de una vez, etc. Entonces hemos de pensar que contemplamos, en lo limitado que puede permitirlo un hospital en tu caso, una cárcel en el mío*⁴. Quando alguém suporta sofrimentos próprios não tem necessidade de atribuir-se dores alheias. Mas, às vezes, imagino que estão aplicando choques elétricos nos testículos de Ruben e nesse mesmo instante sinto uma dor real (não imaginária) em meus testículos. Ou se penso que o estão submetendo ao *submarino*, afogo-me literalmente eu também. Por quê? É uma velha história ou, melhor dizendo, um velho sinal: o sobrevivente de um genocídio experimentalmente uma estranha culpa por ter sobrevivido. E quem consegue por

Blanca Roja de Aquino era a irmã mais velha de Ruben. A chamavam de Blanca, mas por sua aparência, semelhante à de sua mãe: cabelos negros e pele morena, com evidentes traços indígenas, não raro também era chamada de Negra. (La Negra Blanca Roja, Así le decían). Nascida em 1930, em Passo de los Toros, no interior do Uruguai, filha de um funcionário público de baixo escalão e de uma empregada doméstica, foi a segunda de uma prole de cinco irmãos. Somente pôde estudar até o quinto ano do primário, pois teve que auxiliar nas tarefas domésticas, principalmente após a chegada de seus irmãos menores. Aos dezessete anos de idade, tomou o trem para a capital, a procura de emprego, em uma época em que empreender essa aventura era como em dias atuais, arriscar-se a ganhar a vida em outro país – apenas para fazer um comparativo. Em Montevideú, trabalhou em duas casas de família antes de conhecer Albino Aquino, com quem casou e teve dois filhos: Carlos e Gustavo. Albino, o companheiro de Blanca era mais conhecido por el Negro. Em virtude da prisão do irmão, a doença do pai, o exílio de meu pai, ela assumiu uma atitude militante, organizando desde as visitas familiares e ficando encarregada de distribuir a correspondência do irmão, para que ele nunca ficasse sem amparo, mobilizou-se junto ao grupo de familiares de presos políticos mantendo importante atuação política. Ruben, ao referir-se a militância de sua irmã a comparava a personagem Pelagia de Maximó Gorki, em seu romance "A mãe" (1907).

Logo após a queda de Ruben, Sixto Roja foi diagnosticado com Câncer de Próstata. Com mais de sessenta anos, duas crianças pequenas em casa, Soledad e Camilo, um filho preso e o outro no exterior, o Velho Sixto se submeteu a exames regulares e internações no Hospital de Clínicas em Montevideú. Um filho preso e outro no exterior.

¹ Mario Benedetti, op. cit., p. 47.

² DS. 1; 1, 5-10.

³ Mario Benedetti, op. cit., p. 47.

⁴ S. 6; 2



alguma razão válida (não considero aqui as razões indignas), escapar da tortura experimenta uma certa culpa por não ser torturado. Ou seja, não tenho muitos assuntos. Certos assuntos logicamente não podem ser mencionados numa carta a um preso, ainda mais quando está na prisão por subversão⁵. Há sempre uma tensão na disputa por esses detalhes, como se cada mídico fato não se resumisse a si mesmo, à sua pequenez evidente, subjugando-se a alguma versão maior sobre os acontecimentos⁶. *Espero aproveches el tiempo en la reflexión, la lectura la relación con tus compañeros de hospital. Cada día que vivimos, importa*⁷. Quanto a outros assuntos, sou eu quem não quer mencioná-los. Os temas que restam, depois dessas ressalvas, são bem estúpidos⁸. É o que pude deduzir quando em sua última se despede deixando parte do papel em branco: *Así que de salud ando bien. E igual anímicamente. Ahora, mientras escribimos, le estamos dando duro al amargo. Y por aquí la carta há tenido una interrupción pues nos han indicado cambiarnos de sector y por supuesto de celda. La reinicio cuando la tarde está llegando al fin. El traslado y la instalación nos há consumido un buen rato. Estamos ahora en la celda siete derecha, del sector A. El mate no se vino muy a pique y portanto también se reinicia. El panorama vuelve a ser el del campo y una vez mas trocamos amaneceres por atardeceres. Dificulto pueda plantear em redactor los dos carillas habituales. Sé que no he dicho nada, pero diré mas llenándoles otra hoja? Intentarlo es saber por lo menos los entretengo un poco más. Pero cuando no hay más, no hay más ¿no?*⁹

⁵ Mario Benedetti, op. cit., p. 47-48.

⁶ Julián Fuks, op. cit., p. 39.

⁷ DS. 15; 1, 19-21

⁸ Mario Benedetti, op. cit., p. 48.

⁹ DS. 17; 1, 32-42



Intramuros (O rio)

El Penal está casi en silencio. Ha pasado la hora de la cena y desde su cucheta mi compañero toca y canta las coplas del “Gurí Pescador” que Osiris compusiera para nuestro hermoso río. Bueno... ahora empezó a cantarle al Uruguay. No te tenés que olvidar que es de Paysandú y a ese río Uruguay lo llevan tan metido como nosotros al Yi¹. Venho do rio. Acha que estou um pouco louco? Nem muito nem pouco. Se não enlouqueci em outras circunsntâncias, creio que a essa altura já estou vacinado conta a loucura. E no entanto, venho do rio. Há algumas semanas descobri o sistema. Antes, as recordações assaltavam-me sem ordem. De repente estava pensando em você ou em Soledad ou no Velho, e dois segundos depois num livro que li na época do ginásio e quase imediatamente em algumas das sobremesas que a Velha me fazia. Ou seja, as recordações me dominavam². Vos dirás: A Ruben ¿qué bicho le picó? Y es que Ruben busca a alguien que le conteste. Escribí a Daniel, a Papito, a Sole, y nada. Espero que la próxima no tenga que dirigirla al abuelo. De no haber venido Papito a visitarme, pensaría que se han olvidado de mi. Siempre escuché decir que esto de hablar sólo, era cosa de poetas y locos. También escuché decir, ante mis soliloquios de niño, que de poetas y locos todos tenemos un poco. Pero a decir la verdad a mi me gustaría más charlar con uds. Y ese espíritu tienen siempre mis cartas. Como charlamos el mes pasado con Papito. ¡Que visita más linda! Creo que hacía mucho que no conversábamos así. No sé como le habrá resultado a él. Creo que con Papito vamos aprendiendo a dialogar. Con Papito, como con todos, pero subrayo su caso porque uno descubre a esta altura de la vida, los ratos de amigo que ha perdido y que por supuesto no quiere seguir perdiendo o volver a perder³.

E uma tarde pensei: vou pelo menos libertar-me desse domínio. A partir de então sou eu quem dirige minhas lembranças. Parcialmente, claro. Sempre há certos momentos do dia (geralmente quando o desânimo me invade ou me sinto fodido) em que as recordações ainda me pegam desprevenido⁴. *Allá despacito o mejor acá despacito se oye la voz de Pilín cantando una cancioncita. Se oía mejor dicho, pues empezaron los parlantes. Buenos tangos⁵.* O normal agora é que eu planeje a memória, isto é, que decida o que vou recordar. Por isso comecei dizendo que hoje venho do rio. E é uma recordação em que você não está. Quando tinha doze ou treze anos, ia passar as férias de verão na casa de uns tios. A propriedade não era muito grande (na realidade, um sitiozinho), mas chegava até o rio. E como



Daniel Camilo Rosano Reja, filho caçula de Sixto Reja com Elima Rosano (Chela). Quando Ruben foi retirado de sua casa, Chela estava grávida de três meses de Camilo.



¹ G. 29; 2, 36-41.

² Mario Benedetti, op. cit., p. 49.

³ DS. 9; 1, 3-15.

⁴ Mario Benedetti, op. cit., p. 49

⁵ G. 11; 2, 51-53.



havia entre a casa e o rio muitas e frondosas árvores, quando estava na margem ninguém podia me ver da casa. E aquela solidão me agradava. Foi uma das poucas vezes em que ouvi, vi, cheirei, apalpei e soboreei a natureza⁶. *Cuando a mi compañero le cuento esa costumbre que con Tabaré teníamos de madrugar, para escribir, leer, tomar mate; mientras sentíamos llegar el día me dice: “Pero vos de chico ya eras medio loco.” Yo le contesto. “Pero vos no sabés apreciar la naturaleza, ¿no ves como hablamos del sol, las plantas, los pájaros: con la gente del rancho? ¿No te gusta la naturaleza, no te gusta el sol? Y el cumpa me dice: “Me gusta sí la naturaleza, soy sensible, pero mas me gusta la luna”⁷. Os pássaros se aproximavam e não se assustavam com a minha presença. Talvez me confundissem com uma arvorezinha ou uma moita. Em geral o vento era suave e talvez por isso as grandes árvores não discutiam, mas simplesmente trocavam comentários, cabeceavam com bom humor, faziam-me sinais de cumplicidade⁸. Alisar a cortiça de uma árvore experimentada é como acariciar a crina de um cavalo que se monta diariamente. Estabelece-se uma comunicação muito sóbria (não melosa, como pode ser a relação com um cão insuportavelmente fiel), mas bastante intensa para se sentir falta dela quando se volta à agitação da cidade. Em outras ocasiões entrava no bote e remava até o meio do rio. A equidistância das duas margens era particularmente estimulante. Sobretudo porque eram distintas e polemizavam. Nem tanto os pássaros, que as compartilhavam, mas antes as árvores, que se sentiam locais e um pouco sectárias, cada uma na sua, ou seja, na sua ribeira. Eu não fazia nada. Simplesmente olhava. Não lia nem brincava⁹. *Y yo que crecí en silencio, bajo los sauces del Yi. Cobrizo de soles largos, comprendo bien al guri...* A vida passava sobre mim, de margem a margem. E eu me sentia parte dessa vida e chegava à estranha conclusão de que não seria chato ser pinho ou salgueiro ou eucalipto. Mas como aprendi vários anos mais tarde, as equidistâncias nunca duram muito, e tinha que me decidir por uma ou outra margem. E estava claro que pertencia apenas a uma delas¹⁰. *Esta puesta de sol que miro a través de la ventana esta tarde, merece un párrafo. Es realmente hermosa. Un derroche de amarillos y rojos que es un disparate. Siempre miro los atardeceres como antes miraba los amaneceres. Y siempre conservo el mismo gusto por ese espectáculo cambiante y siempre hermoso de la naturaleza¹¹. Pode ver como estava certo o que eu disse no início: venho do rio¹².**

Versos de Guri
Pescador, de Osiris
Rodríguez
Castillos.

⁶ Mario Benedetti, op. cit., p. 50.

⁷ DS. 48; 1, 5-11.

⁸ Mario Benedetti, op. cit., p. 50.

⁹ Mario Benedetti, op. cit., p. 51.

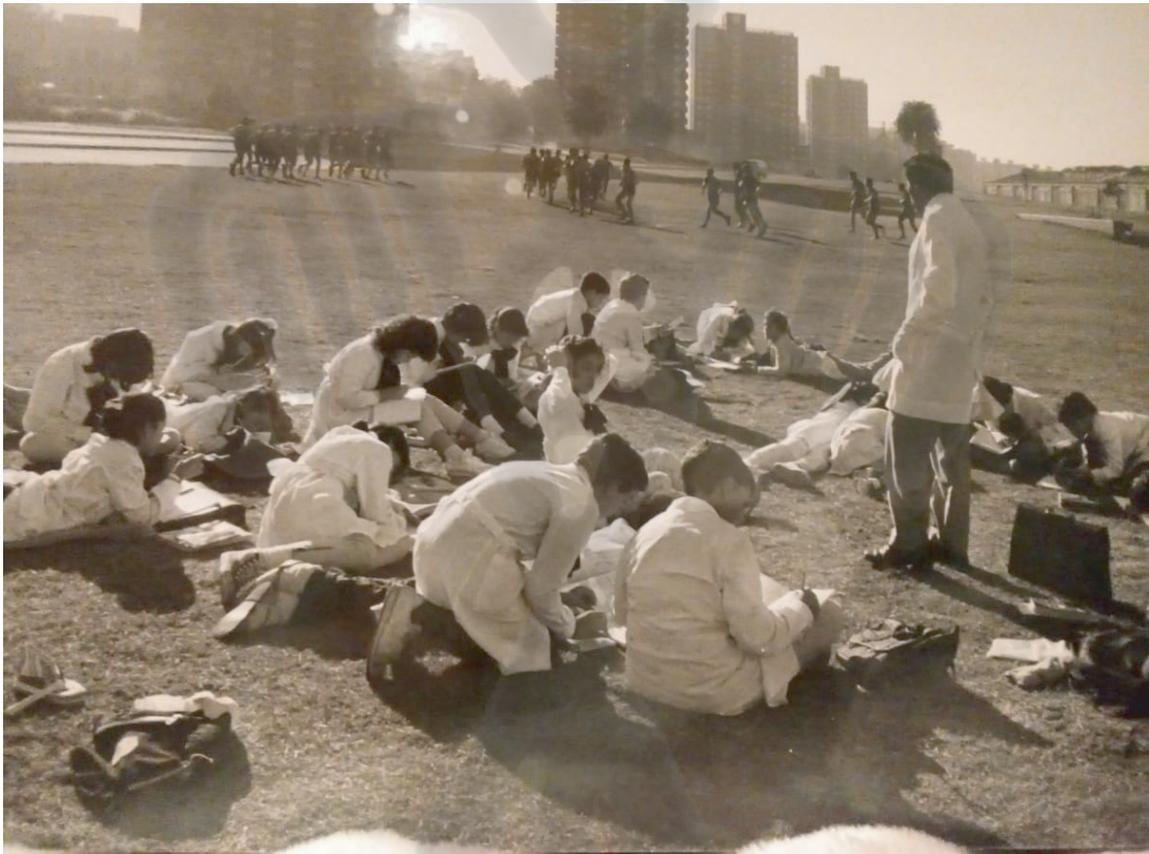
¹⁰ Mario Benedetti, op. cit., p. 51.

¹¹ G. 25; 1, 8-13.

¹² Mario Benedetti, op. cit., p. 51.

Beatriz (Os arranha-céus)

Figura 2 - Os arranha-céus: El sembrador



Fonte: *Acervo pessoal*



Exílios (Vinha da Austrália)

A letra alongada, espreguiçada, e aparentemente mais fluida, contrastava com as comprimidas e desenhadas letrinhas de outras cartas. Escrita de margem a margem, sem pautas, aproveitando ao máximo todo o papel, tem início formal: *Para Sixto Roja. Solís 1003 Durazno. – a velha casa da esquina. Libertad, jueves 2 de marzo de 1978*¹. O tom sépia do papel manifesta o passar do tempo, na segunda linha desnuda-se em menos de uma polegada. *Querido Papito... Cada milímetro será conquistado. Quanto se tomou nas futuras margens de três centímetros em no máximo 25 linhas por folha contendo apenas o que era permitido dizer? Cento e cinquenta centímetros usurpados. Impiedosa linha em branco, exigidas aos de dentro e aos de fora, por onde transbordaram afetos subversivos. Celebro tener que escribirte*², declaram as primeiras palavras dedicadas a complementar o diálogo pouco antes transcorrido. Difícil tarefa de aparar possíveis arestas em comunicação cada dia mais controlada. Frente a frente, o espesso vidro que impedia o contato físico, também bloqueiam o dizer autorizado em meia hora a cada mês. Quanta proximidade em manuscritos! Quanta distância em voz telefônica, quase sempre inaudível. *La visita me resultó de la planta. Te encuentre bien de bien, que es lo fundamental pero, me parece que estuve poco cariñoso es decir, que te exigí demasiado, sin darnos tréguas para algún arreguaco. Si fue así, es decir si vos lo notaste así, vamos a echarle la culpa a la tiranía del tiempo que nos hace emplear un lenguaje telegráfico. Lacónico. Pero yo estaba y confío lo hayas sabido captar en la cara, muy contento de estar con vos y verte bien*³. Duas gerações sobrepostas no reflexo que cada um vê, quanto há de um para si? Rostos magros, compartilham marcas e, frente a frente, buscam sinais positivos um no outro, que lhes assegurem que estão superando, ambos, suas respectivas internações. Cabeças raspadas, roupas surradas, gestos contidos, *la sonrisa ancha*, pela qual sua irmã Soledad o reconhecia em dia de visitas de niños, mantinha-se ali, como estampa, como selo, como bandeira ao vento, mesmo quando lhe frustraram as esperanças. *Ya tendremos oportunidad de compartir largas charlas y también silencios que son igualmente lindos de compartir cuando no implican falta de comunicación, sino que llegan a ser hasta una forma. Estas son cosas que se me ocurren a poco de venir de la visita. Vos has de estar ya, o próximo a estar con los nuestros, danto tu opinión. ¿Cual será?*⁴ Relata um pouco sobre a rotina del hotel e do clima que interfere nesta última. Descrições de aparentes banalidades. *Mañana talvez tengamos cancha pues ha secado bastante, aunque el intenso calor no habla de estabilidad*

é evidente que as condições em que ocorriam as visitas eram sempre muito tensas, difíceis. O entorno físico do encontro era de um profundo constrangimento tanto para a visita quanto para o preso. Todo contato físico era proibido, inclusive beijos e abraços. O afeto devia ser transmitido na forma de olhares, palavras, sorrisos e pequenos gestos codificados; tudo muito contido, muito discreto. A visita das crianças, aguardada com grande expectativa por todos os presos e presas, era uma experiência onde se mesclavam a alegria e a dor. A exposição das crianças ao duro tratamento da guarda na aplicação das normas vigentes de revista e de comportamento gerava sentimento de culpa nos presos. Além da vergonha sentida pelo aspecto físico e pela falta de higiene. Alguns ficavam abalados de serem mostrados aos familiares após sessões de tratamento violento.
ENTERRADOS VIVOS: A PRISÃO POLÍTICA NA DITADURA URUGUAIA E O CASO DOS REFÊNS

Enrique Serra Padrós
Espaço Plural · Ano XIII ·
Nº 27 · 2º Semestre 2012 ·
p. 13-38 · ISSN 1518-4196

Los niños quedaron fuera de estas disposiciones, y sus visitas siguieron siendo en un patio abierto, al costado del locutorio, donde los recibían sus padres. Todos vigilados, dentro del pequeño cerco, por guardias mujeres. Fuera de ese perímetro la guardia era la habitual de soldados.
PHALLIPPS-TREBY,
Walter e TASCORINJA,
Jorge. *Vivir en Libertad*.
Montevideo, EBO,
2003.p.41.

El Hotel, é uma das expressões irônicas para referir-se a Libertad.

¹ DS. 44; 1, 1-2.

² DS. 44; 1, 2.

³ DS. 44; 1, 3-9.

⁴ DS. 44; 1, 9-13



*del tiempo. ¿No te parece?*⁵ Uma ou outra linha dedicada aos aniversariantes transmutadas em um abraço do filho ao pai, ainda que proibido. *¿Vos cuántos cumplis? ¿Puede ser 72? Si estoy en lo cierto ¡que dicha! Y que ancho me hace poder verte como te veo, guapeando y guapeando. Frente a achaques, dificultades económicas, responsabilidad por el rancho, por la formación de los gurises y de Uds. En fin. No es filo, viejo. Quiero que sepas que no dejo de verlo. Y de enorgullecerme*⁶. Algumas linhas para os familiares que consegue lembrar e então se dedica ao tema que mais lhe apraz: *Hablemos de los gurises. ¿Qué importancia podés dar a lo que sobre el tema opino? Éso. El valor de una opinión. De quien quiere lo mejor para los gurises, como para todos los gurises. Y que tiene cachitos de lo que los gurises son y cosas común a todo guri. Me resulta de lo mas correcto y beneficioso el que ayudes a Soledad en la búsqueda del conocimiento. Podés estar tranquilo que ésas han de ser horas inolvidables. Para el niño y para vos. Además calibrá qué papel estás desempeñando. Estás acercándole a ese niño que día tras día descubre el mundo que le rodea, nuevos elementos recogidos en tu largo trajín. Ahora, ¿cuál es el marco adecuado? El de la palabra comprensiva que trata de hacer sentir al niño la necesidad del conocimiento y el gusto por el conocimiento. Que con humildad muestra que nosotros adultos tenemos tanto por conocer y que incluso a determinados conocimientos hemos de llegar juntos, pensando juntos. Despertar el gusto por las cosas bellas como la lectura, o la observación de la naturaleza; para poner ejemplos de dos áreas. Ubicándonos en el niño, no diciendo: ¿Cómo no te va a gustar ésto o no vas a entender aquéllo? El niño ve las cosas con su óptica, no con la nuestra. Ahora, la suya se apoya en cosas que toma de la nuestra, de la del medio. Ello nos debe generar un sentimiento de responsabilidad. Estamos prolongándonos en ellos. Prolonguemos lo mejor de nosotros pues. Bueno y lo que digo de los juguetes o de la disciplina, son cosas que se me ocurren. Uds tienen que llegar a la correcta. Y lo fundamental es obrar no a impulsos sino reflexivamente. Cada situación problemática que los gurises nos generan analizarla, con método, desde todos los ángulos y ver que es lo que nos parece mejor. Enriquecer esa conclusión con la opinión de gurises nos merece confianza y después, obrar en consecuencia. No obrar por capricho, o por nervios, o por inconsecuencia. Formar los gurises es la tarea superior y que nos forma. Porque analizándolos con objetividad y analizando la relación de Uds. con ellos han de superar o descubrir carencias en Uds.*

⁵ DS. 44; 1, 19-20

⁶ DS. 44; 1, 29-34



Y vemos así como la formación es permanente. Bueno, unos días más y asistirán al espectáculo de ver partir los dos gurises a clase. Espero a Daniel no le desilusione, como ocurre muchas veces. También espero hayas tenido suerte Papito en los análisis y puedas estar pronto de regreso en el rancho; expresado de otra manera: que éstas líneas las recibas por el pago. Tal qual a tirania do tempo, o limite do papel o obriga a encerrar o encontro em oito linhas... ¿De aqui, qué puedo decirles? Andamos bien. Al parecer así andan todos los paisanos. Todo tranquilo. Encomendarte Papito te cuidés mucho. Pienso que antes de los fríos nos veremos alguna otra vez y cuando los fríos lleguen esperar con paciència a que se vayan. No es prematuro hablar estas cosas. Dijimos ya adiós a febrero ¿No? Papito quiero hayas entendido bien lo que decía a propósito de las sorpresas. En todo caso pensalo bien y así comprendés bien lo que quiero decir. También comprendo que a vos te resulte difícil planificar. A vos y a Uds. planificar con éxito, se entiende. Pero a ello tendemos. Imprevistos, mala suerte, ¿no? ... E acrescenta, em sorradeiras, diminutas e apressadas palavras, quase fugidias, sua despedida... Un fuerte y cariñoso abrazo para todos de quien les quiere. Vuestro Ruben⁷.

⁷ DS. 44; 1/2, 34-77.



O Outro (Querer, poder, etc.)

Um passo de cada vez: (*“De ese tema no se habla”*). Dentre as regras desse jogo, uma delas foi essa. Nessa disputa, cabiam-nos movimentos tímidos, mas que nos permitiram mesmo assim, avançar. Lenta e gradativamente. Essas peças podem assumir importância fundamental. Avançam, conduzidas pela utopia do horizonte, almejam atravessar o longo tabuleiro, tomar espaços, romper silêncios e, uma vez coroadas, podem retomar alguma outra importante peça à cena.

O bom jogador sabe o potencial e versatilidade dessas peças aparentemente frágeis, por vezes sacrificadas em jogadas estratégicas, mas que nunca devem ser negligenciadas. (*Es muy importante que estés acá viendo todo esto.*). Elas carregam em si a centelha, o poder de ressuscitar as peças mal sepultadas.

A frágil pedra que progride intenciona recuperar algo que o inimigo deseja considerar olvidado. No entanto, há perigos. Oponentes, que por vezes, nos impedem a caminhada. Dizer teimosamente “estas coisas se deram assim”, e dizê-lo em voz alta, como forma de colaborar minimamente com a tarefa de romper com a herança maldita da ditadura: a propulsão ao silêncio¹.

É enorme o desafio de transpor o tabuleiro quadro a quadro e recuperar uma peça fundamental que nos permita resistir por mais tempo a difícil contenda. Afinal, a vitória do inimigo atual ameaça até os mortos, pela falsificação ou pelo esquecimento de seus combates².

Neste instante, observo sobre a minha mesa o movimento de gerações de peões que marcham silenciosos passo a passo, como *uma constelação salvadora que liga o presente ao passado*³, e num gesto rápido simultâneo à batida seca da base daquela pequena peça sobre a mesa, questionam: *¿Y qué pasó?*

¹ Walter Phillipps-Treby e Jorge Tiscornia. *Vivir en Libertad*, 2003. p.13. (tradução própria).

² Michael Löwy. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*, 2005. p. 66.

³ *Ibid.*, p. 68.



Feridos e contundidos (Um medo terrível)

Lá onde a noite não é o descanso e nem a paz, havia estado só, apenas ele e sua sombra. *Múltiplos son los motivos por los que te pueden sancionar. Hablar en formación o reirse, conversar por la ventanilla, no tener la celda en condiciones, no levantarte cuando te llaman, hacer un planteo impropio, en fin. Yo he tenido suerte, dado que hasta el momento (toco madera) no he sido sancionado. Y digo suerte porque está un poco en relación con el humor ambiente*¹. Condenado à solidão, ao silêncio, à mudez e à surdez do mundo, receava morrer e deixar a sombra sozinha. *Una tarde traen a un compañero que lleva meses aislado. Se le ofrece comida, lectura, lo que quisiera. Nada, no le interesa nada, más que conversar. Comienza a oscurecer y dos o três se ponen a tocar el tambor en unos tarros de plástico, en una caja. El recién llegado se incorpora, ensaya unos pasos de baile. Gritos, aplausos. Sigue bailando, un instante más. Y luego no para, sigue. Se mueve, el cuerpo busca el ritmo, lo encuentra. Se hace espacio en el medio de la celda, poco a poco se forma un coro de hombres sentados en el suelo, en los colchones, al rededor del que baila. Y el recién llegado baila, baila. Com ojos cerrados gira, alza los brazos, mueve la cadera, los hombros, quiebra el cuerpo, se detiene, gira en el otro sentido. Los músicos se cansan, se aburren, pero la música no puede parar, otros recogen el tambor, el tarro de plástico abandonado. La música debe seguir, para que este hombre siga volando, viajando, en su baile, en su cosa, en su felicidad. Está feliz, feliz, se le ve em la cara, en los ojos cerrados, en las manos, en el cuerpo liberado. Hace meses que está solo, que su cuerpo no siente el calor de otro cuerpo amigo cerca. Y baila, el cuerpo baila, una hora, hora y media. ¿No estará enfermo? En todocaso, enfermo y feliz. Cuando por fin para, se sonríe, nos mira. Se pone a hablar. ¿Hay algo para comer? Es otro, ya se olvido de que nos tuvo más de una hora expectantes, alegres, preocupados. Ya visito al sitio que necesitaba visitar, vaya a saber donde, con quiénes. Ahora es otro, y está aquí. Quiere comer.*² Conclui que não deveria ficar preocupado pois a sombra não iria ficar sozinha, porque a sombra da sombra a estaria acompanhando. *No sé como habrá salido la carta pues la hice un poco a los saltos en la guardia de un compañero que a cada rato nos tenía en la vuelta. Esa noche no durmió nadie en el sector. Por suerte lo llevaron. Acá nosotros no podemos hacer nada e íbanos camino de enloquecernos todos. Ya tenemos a otro a media campana y el compañero médico dice que es consecuencia de la situación anterior.*³ Voltei a conversar com minhas alpargatas. Tento evitar ao máximo encará-las⁴. O vento, fustig a a minha janela.



¹G. 23; 1, 6-11.

²Carlos Liscano, op. cit., p.173-174.

³DS. 26; 1, 8-13.

⁴Mauricio Rosencof. Conversaciones con la alpargata, 1989, p.11.



Intramuros (O complementar)

Son mas o menos las tres de la mañana de este domingo de abril. No se sorprendan. Ocorre que he quedado de guardia en la celda de un compañero enfermo y aprovecho para llegar hasta uds. Recuerdo en este momento otras vigílias menos gratas en las que, para darme fuerzas, estaba con el pensamiento puesto en uds., contanto las campanadas de la San Pedro que me anunciaban la proximidad de un nuevo día que parecía nunca llegar¹.

*¿Les he contado lo que son aquí los amaneceres? Sé en una de las últimas lo hice. Y les convendría de pronto verla dado que Uds de amaneceres han de saber, o sabían, muy poco. Bueno, tratemos de retornar el hilo de la carta². Ter notícias suas é como abrir uma janela. O que me conta de você, de Sole, do Velho, do trabalho, da cidade. Tenho em mente o horário de todos, assim posso organizar minha visualização a qualquer momento: Blanca agora está escrevendo à máquina, ou o Velho vai terminar sua aula nesse instante, ou Sole está tomando um café-da-manhã apressado porque se atrasou para a escola³. *Pienso en mí y por un momento y creo ser el mismo que abría el zaguán y sentía unos: úben, úben y una preciosura pendiéndose a mis pantalones⁴. Quando se tem que ficar parado, é impressionante a mobilidade mental que se pode adquirir. Pode-se ampliar o presente tanto quanto se quiser, ou lançar-se vertiginosamente para o futuro, ou dar macha a ré, que é mais perigoso porque lá estão as lembranças, todas as lembranças, as boas, as regulares e as execráveis⁵. *Pienso que talvez sea porque estás unida a los lindos recuerdos de la niñez. A saber que fuiste quien primero comprendió que “los niños no son hombres en miniatura” y deben ser tratados como niños y no como hombres chiquitos. Una vez me atreví a decirte todo esto, en la forma que podía hacerlo a los 12 años. Habías pasado cuatro meses junto a nosotros y cuando te fuiste, te escribí una cartita que seguro ya no existe, pero a la cual recuerdo, porque en ella había volcado mi sentir. Había conocido la alegría de una torta de cumpleaños, de la matinée de los domingos, de aquella tradición de los matecitos a las brazas por la noche, de tu presencia en nuestras fiestitas de niños... – Siempre fuistes para mi un motivo de admiración, de orgullo y por sobre todo de esímulo⁶. Nos últimos e penúltimos tempos antes da internação forçada, tudo aconteceu de maneira tão atropelada e em meio a tantas tensões, rodeado por tantas urgências implacáveis, por tantas decisões a tomar, que não havia tempo nem ânimo para reflexão. Agora***

¹DS. 35; 1, 4-9.

²S. 9; 1, 36-39.

³Mario Benedetti, op. cit., p. 73.

⁴S. 30; 1/2, 9-11.

⁵Mario Benedetti, op. cit., p. 73.

⁶G. 15; 1, 13-23.



sim, há tempo, tempo demais, insônia demais, noites demais com os mesmos pesadelos e as mesmas sombras. E a tendência natural, e também mais fácil, é perguntar-se de que me serve o tempo agora, para que esta meditação tardia, atrasada, anacrônica, inútil. E, no entanto, serve. A única vantagem desse tempo baldio é a possibilidade de amadurecer, de ir conhecendo os próprios limites, as próprias debilidades e fortalezas, de ir se aproximando da verdade sobre si mesmo, e não se iludir acerca de objetivos que nunca se poderia alcançar e, em compensação, aprontar o espírito, preparar a atitude, treinar a paciência para obter o que algum dia poderá estar ao alcance⁷. *Papito me decía en una anterior, que los cumpleaños son motivo de alegría para niños y jóvenes, no así para los ancianos. Como imaginarás se la rebatí enseguida, poniendo el acento en los aspectos positivos del aniversario, sin dejar de aceptar la parte de razón que le asiste. Nosotros mismos, al llegar a nuestra edad, cada hoja que se desprende de nuestro almanaque nos genera alguna inquietud, por pequeña que sea. Pienso que en el caso de los ancianos esa inquietud está determinada por el temor a la muerte y en el nuestro caso por el temor a la vejez. ¡Qué fenómeno éste de los temores! ¡Cómo dificulta al hombre ser feliz! Y pensar que estamos naturalmente capacitados para alcanzar la vejez y la muerte sin sobresaltos. Ningún animal se sobresalta o inquieta porque está envejeciendo o porque va a morir. Por el contrario, hay especies que se preparan de manera notable para esa instancia. A nosotros, justamente los más desarrollados, la sociedad que vivimos, ha alterado el ser natural. Los chicos, desean un año más porque el mundo es de los adultos, está hecho a la medida de los grandes. Y ¿cómo trata y considera esa misma sociedad al viejo? Vale la pena pensarlo. Entonces ¿Son cosas que nosotros aún no podemos cambiar, pero como decíamos a ti Blanca a propósito del racismo o el antifeminismo, podemos cambiar en nuestro interior, para que no nos juegue y ayudar a cambiar a los que nos rodean. En lo que me es personal pienso que debo aceptar en cada momento los años que tengo y vivir acorde a ellos. No puedo pensar correr como a los 20. Como no puedo plantear montones de cosas que a los 20 no me podía plantear. Aceptar el desgaste del organismo como la obligación de cuidarle. Pero por sobre todo, tengo que llenar mi vida de objetivos. Ese es el gran secreto⁸. Embora não possa fazer um plano quinquenal de meus pesadelos, posso sonhar acordado e em capítulos. E assim vou debulhando, esmiuçando o que quis e o que quero, o que fiz e o que farei. Pois algum dia poderei voltar a fazer coisas, não acha?⁹ *Si bien la posibilidad de volver a ser libre ni siquiera**

⁷Mario Benedetti, op. cit., p.74.

⁸G. 34; 2, 40-63.

⁹Mario Benedetti, op. cit., p. 74.



*este en el horizonte, el día de los abrazos llegará aunque tenga que escupirle mil veces el rostro a la muerte*¹⁰. Algum dia deixarei esse estranho exílio e me reintegrarei ao mundo, não? E serei alguém diferente, creio mesmo que alguém melhor, porém nunca inimigo do que fui ou do que sou, mas antes complementar. *No soy el mismo pero me parezco*.¹¹ Sim, ter notícias suas é como abrir uma janela, mas então me dá uma vontade quase irreprimível de abrir mais janelas¹². *Acá el agua caliente se reparte antes de la llamada. Y en consecuencia podemos empezar el día con un amargo. Para mí, está todo dicho. Aún no há llegado el agua. Aunque no puedo ver al sol en su salida, lo veo a través de los campos que empiezan a sentir su caricia. En la música con que los pájaros reciben al día, predominan la de gorriones y golondrinas. Aquí. Y viste que llamo música y no ruido, al canto de golondrinas y gorriones. A mí me gustan. Al gorrión lo identifico con la ciudad y con los pobres y mal vestidos y a la golondrina con los trotamundos. Se escucha también a algunos pájaros de monte o de campo que a esta hora se aproximan hasta nosotros. Me parece que el hombre es el animal que recibe com menos alegría al día*¹³. Ter notícias suas é como abrir uma janela, mas ainda não é como abrir uma porta. Talvez repita demasiado a palavra porta, mas precisa entender que aqui essa palavra é quase uma obsessão e, embora possa lhe parecer incrível, muito mais obsessiva que a palavra grade. As grades estão aí, são uma presença real, admitida, compreendida em toda a sua chata magnitude. Mas as grades não podem ser outra coisa senão o que efetivamente são. Não há grades abertas e grades fechadas. Em compensação, uma porta é muitas coisas. Quando está fechada, e sempre está, é a clausura, a proibição, o silêncio, a raiva. Se abrisse (não para um recreio ou para um trabalho ou para um castigo, que são várias outras maneiras de estar fechada, mas para o mundo) seria a recuperação da realidade, da gente querida, das ruas, dos sabores, dos cheiros, dos sons, das imagens e do tato de ser livre. Seria, por exemplo, a recuperação de você e de seus braços e ah, de que adianta tentar dar voltas em um trinco que não cede, em fechadura empedernida. Mas é certo que a palavra porta está entre aquelas que mais vem à baila por aqui, mais ainda que as outras palavras que esperam atrás desta porta, pois todos sabemos que para chegar a elas, para chegar às palavras filho, mulher, amigo, rua, cama, café, biblioteca, praça, estádio, praia, porto, telefone, é imprescindível transpor a palavra porta. E ela, que sempre nos mostra as coisas, mas está aqui, nos olha férrea e sectária, cruel e duríssima, sem nos fazer nenhuma promessa, sem nos dar nenhuma esperança e fechando-se sempre em

¹⁰ Marcelo Estefanell, op. cit., p. 111 [adaptado].

¹¹ Ibid., p. 9.

¹² Mario Benedetti, op. cit., p. 74.

¹³ G.17; 1, 35-45.



nossos narizes. No entanto, não nos deixamos vencer assim sem mais nem menos, nós também organizamos nossa campanha anticlausura, escrevemos cartas, considerando simultaneamente o destinatário e o censor, ou projetos de carta onde, por hábito, continuamos a nos autocensurar, mas somos um pouquinho mais ousados ou mastigamos livres monólogos como este que jamais chegará ao papel e a seus limites.¹⁴ *En el borrador había llenado todos los huequitos pero como posteriormente me autocensuré, me sobra un poquito de espacio que lo dejo por si en lo que falta para la entrega de la carta, acontece algo. (llega alguna carta, autorizan el mate, me visita el abogado, decretan mi libertad, o cualquier menudencia por el estilo)*¹⁵. Mas um dos matizes mais notáveis e positivos dessa campanha é justamente fazer promessas a nós mesmos, dar-nos esperanças (não as incríveis e triunfalistas, mas as austeras e verossímeis), imaginar que abrimos a porta em nossos narizes. Às vezes, podemos jogar xadrez ou cartas, mas nem sempre.¹⁶ *Pero ahora las circunstancias son un poco especiales. Estamos muy faltos de entretenimiento y más vale ir suave. El rato de sol ya fue por sí solo una cosa buena y si la primavera se porta volveremos a ponernos en forma. Si es que alguna vez lo estuvimos*¹⁷. Também falamos de música e músicos, sempre e quando não nos levem, a meu companheiro de turno, ou a mim, para outra parte com a música. Mas a sós ou com alguém, posso recordar, por exemplo, minhas várias glórias de espectador¹⁸. *Pilín me cuenta pegado a su casa han instalado un circo. Por el tamaño del baldio, que recuerdo, debe ser pequeño. Mas de cualquier manera, si las chirolas se lo permiten, deberían verlo los gurises. No sé si los niños de esta época son demasiado diferentes a los gurises que nosotros fuimos. Pues para nosotros el circo era una de esas diversiones o novedades que constituyeron un recuerdo inborrable. ¿Te acordás viejo cuando nos llevaban a Tito y a mí al pequeño circo que funciona pegado a lo Carbajal? Yo lo recuerdo. Y recuerdo otros, a los que fui de niño mas grande. Los circos van a desaparecer. Casi podría decirse que para las ciudades del interior, ya han desaparecido. Estos que pueden ver son pedacitos, parientes pobres y lejanos, de aquellos que fueron. Pero que de cualquier manera creo vale la pena ver. Talvez cuando reciban esta, el circo habrá seguido con su peregrinar. Talvez aún esté sembrando la sorpresa en los niños y recogiendo sus risas y desepción en los grandes que añoran otros circos con fieras, pruebas mortales, varias pistas, etc. Tal vez lo hayan visto y en la vuestra cuenta impresiones*¹⁹ Lembranças de menino, de adolescente, de homem, mas lembranças indiscutivelmente minhas. Ou seja, quando levanto a cortina

¹⁴Mario Benedetti, op. cit., p.74-75.

¹⁵G. 23; 2, 108-112.

¹⁶Mario Benedetti, op. cit., p.76.

¹⁷S. 13; 1, 27-30.

¹⁸Mario Benedetti, op. cit., p. 76.

¹⁹DS. 31; 1, 44-63.



eu sou, como você deve ter percebido, interessantíssimo, e eu mesmo me aplaudo e me exijo outra, outra, outra²⁰. *Tengo en el piso un compañero de Bella Unión que no ha recibido ni una sola visita y ni siquiera sabe escribir para comunicarse con los suyos. Frente a él me siento un privilegiado*²¹.

²⁰ Mario Benedetti, op. cit., p. 77.

²¹ DS. 5; 1b, 46-48.



Exílios (Um homem no saguão)

Caminhava distraidamente pela Feira de Tristán Narvaja. Fazia um friozinho agradável naquela manhã de final de outono. Já havia percorrido um longo caminho, me sentia um pouco cansado e por vezes frustrado com os resultados até ali alcançados. Resolvi tomar meu tempo. Havia perdido o contato. Não tinha mais notícias suas. Perdi a comunicação, os rastros, as pistas... "É assim. Não há um caminho certo", ouviu-se dizer. Mas sentia que desta vez, retornar a velhos lugares, percorrer alguns velhos caminhos poderiam ajudar, e ao fazer isso, sentia – com um certo misto de dor e alegria – que o percurso também o modificava. Isso já se manifestava em seu corpo. Forma de andar, o novo cabelo, as novas velhas formas de se vestir. Mas as dores também reclamavam seu lugar e se manifestavam em seu rosto, reações cutâneas e novas cicatrizes que lhe diziam de forma clara que já não era mais o mesmo. "Tornei-me o que antes", concluiu em seu monólogo, ruminando palavras enquanto se deixava levar pela agradável desordem da feira.

Sempre foi divertido caminhar por aquela Feira. Descobriu que além de comprar coisas, encontrar raridades, passear, aquele lugar também era para desfrutar e decidiu que iria comer mais uma torta frita... O ruído dos comerciantes, os músicos de rua, os velhos discos de vinil tocando em velhas vitrolas, o entusiasmo de alguns turistas em meio a banquinhas de roupas, queijos, artesanatos, quinquilharias, antiguidades, revistas, livros, ovos, frutas, verduras, legumes... "Cosas que la tierra ofrece! Siempre dicia el viejo Sixto cuando veía una feria", a frase em língua materna revelou-se como um sussurro aos seus sentidos e sentiu como se tivesse escutado baixinho a voz de *Coco*, como quem revela um segredo, ao recordar de quando com ele foi pela primeira vez para conhecer essa que talvez seja uma das mais autênticas manifestações da idiosincrasia montevideana. Parou diante de uma velha bicicleta e se apaixonou. Examinou com brilho nos olhos e indisfarçável alegria de ter encontrado algo, ou, como agora já era capaz de admitir, algo o encontrou... Caminhou mais um pouco e inquietou-se com a sensação de que olhos o vigiavam, que o acompanhavam em seus movimentos, a presença de alguém que o observava a uma certa distância entre as pessoas. Discretamente lança um olhar e o reconheceu em seguida, mas ficou olhando por um período de tempo como quem estranha um velho conhecido e ficou feliz diante daquele velho espelho de parede. Sim, já não era mais o mesmo... Mas finalmente se reconheceram.

Beatriz (Este país)

Figura 3 - Este País: Da direita para esquerda: o patriaca Sixto Roja, sua 1º esposa Juana Portes, abraçada por Ariel Roja Portes, meu pai, seguido de Blanca Roja e Osvaldo Roja, el Tio Tito.



Fonte: Foto registrada por Ruben Roja



Don Roja (Loucos lindos e feios)

El Coco me escreveu e está bem . *Yo ando bien física y anímicamente. E acrescentou. Duermo bien¹, aunque con medicación. El Toto, como llamamos al compañero médico, sabe lo que hace y el sabrá cuando debe retirármela². Como comprenderás de acá poco o nada tengo para comentarte. Seguimos a la espera de la reiniciación de los recreos con deportes, que nos den la posibilidad de aprovechar un poco más el solcito³. Pienso si no existirá alguna forma de poder introducir cambios en nuestra manera de redactar que signifique en las cartas alguna innovación. Aquí bromeamos en el sentido de que vamos a hacerles con carbónico o de que le vamos a pedir a la flía., les vayan cambiando la fecha, actualizándolas. Lo cierto es que, es difícil encontrar la manera de dotar a éstas de cosas que las tornen interesantes⁴. Aprendi a ler suas entrelinhas e sei que ele continua mentalmente são. Meu temor era ese. Não que delatasse ou esmorecesse. Isso não. Acho que conheço meu filho. Meu temor era de que deslizesse da sanidade para sabe-se lá o quê. Como um diretor da prisão disse a ele, não sei se o último ou o penúltimo: “Não nos atrevemos a liquidar todos vocês quando tivemos oportunidade e, no futuro, teremos que soltá-los. Temos que aproveitar o tempo que nos resta para deixá-los loucos.” Pelo menos foi franco, não é mesmo? Franco e abjeto. Mas de alguma maneira essa confissão impúdica nos deu a chave: é neles, nos tiras, que existe algo de demente. São eles que aproveitaram o tempo para enlouquecer. Mas não são loucos lindos; são loucos disformes, grotescos. Loucos por vocação e livre escolha, que é a forma mais ignóbil de loucura. Atualmente, embora aquele diretor da Prisão tenha dito essas palavras há mais de cinco anos, continuo me agarrando às únicas seis palavras aproveitáveis de seu programa arrepiante: “No futuro teremos que soltá-los”. Digamos que não se atreveram a liquidá-lo quanto tiveram a oportunidade, mas Ruben estará entre os que eles serão obrigados a soltar antes de tê-los enlouquecido? Espero que sim. Ruben conseguiu gerar, ou talvez descobriu em si mesmo, uma estranha vitalidade. Sua descida aos infernos não o incinerou. Chamuscou talvez⁵. É o que pude depreender de suas linhas: *¡Qué don precioso la serenidad! Que no es pasividad, por supuesto. Tenemos que tender a lograrla. Mirar el porvenir siempre. Lo pasado no puede ser mas que como fué. Papito me contaba que encontraba al Tata un poco derrotado. No sé si fue esa su expresión. Así la capte yo. Pues muchos le han abandonado en esta hora. Pienso que de todo debemos extraer una enseñanza. Es decir, lo positivo. Entonces nos damos cuenta que**



¹ Mario Benedetti, op. cit., p. 91.

² G. 26; 1, 3-5.

³ S. 18; 1, 16-19.

⁴ S. 20; 1, 2-7.

⁵ Mario Benedetti, op. cit., p. 91.



*muchas cosas, por duras que sean en definitiva sirven. A Ariel en otro plano totalmente distinto, le puede ocurrir lo mismo, si sus males de salud persisten.*⁶ Penso que, mais do que se entregar a uma esperança, o que conta ali é agarrar-se à sanidade. E ele continua sensato⁷. Disse que espera *el 78 con el optimismo con que nos despedimos del 77. Uds dirán que es el de siempre. Y sí. Estas pausas que nos marcamos cada 360 días, proclives a la reflexión, nos encuentra más unidos cada vez y cada vez dándole a la relación una mejor dimensión. Por lo menos éso me parece a mí*⁸. Quando supliciam um homem, matem-no ou não, martirizam também (apesar de não prendê-los, embora os deixem desamparados e atônitos em sua casa violada) sua mulher, seus pais, seus filhos, aqueles com quem se relaciona. Quando arrebatam um militante (como foi o caso de Ruben), empurrando sua família para um exílio involuntário, rasgam o tempo, transmutam a história para esse ramo, para esse mínimo clã. Reorganizar-se no exílio não é, como se diz tantas vezes, começar do zero, mas começar de menos quatro ou menos vinte ou menos cem. Os implacáveis, os que ganharam seus galões na crueldade militante, esses que começaram puritanos e acabaram corruptos, eles abriram um enorme parêntese nessa sociedade, um parêntese que certamente se fechará um dia, mas quando ninguém mais for capaz de retomar o fio da antiga organização. Será necessário começar a tecer outra, a incorporar outra na qual as palavras não serão as mesmas (porque houve também lindas palavras que eles torturaram e justificaram ou incluíram na lista de desaparecidos), na qual os sujeitos e as preposições e os verbos transitivos e os complementos diretos já não serão os mesmos. A sintaxe terá mudado nessa sociedade, ainda recém-nascida, que nessa ocasião se mostrará débil, anêmica, vacilante, excessivamente cautelosa, mas que com o tempo irá se recompondo, inventando novas regra e novas exceções, palavras chamejantes a partir das cinzas das que foram prematuramente calcinadas, conjunções copulativas mais adequadas a servir de ponte entre os que ficaram e os que se foram e que então voltarão. Mas nada poderá ser igual à pré-história de setenta e três. Para melhor ou para pior; não tenho certeza⁹. *Yo espero mucho de Gustavo. Y de Sole y Camilo. Yo espero de todo corazón. Cosas que ellos como jóvenes deben aportarme para que no me convierta en un conservador, en un freno. También espero darles mucho de lo que he vivido y aprendido. Juntos, nos esperan un mundo de relaciones. La sociedad por causas que serian tema de charla en otra, fomenta un rechazo de los jóvenes por parte de los que no lo son y de los viejos, por todos. Si aprendemos a valorar al hombre en cada edad, nos valoraremos a nosotros mismos única posibilidad de*

Ariel Roja Portes,
irmão mais velho de
Ruben, era o meu pai.
Sofria com
frequência de dores
na coluna o que
levou a fazer uma
cirurgia de hérnia de
disco no início dos
anos 80.

⁶ G. 26; 1, 8-15.

⁷ Mario Benedetti, op. cit., p. 91-92.

⁸ DS. 24; 2, 63-66.

⁹ Mario Benedetti, op. cit., p. 93-94.



vivir en plenitud, de alcanzar la felicidad¹⁰. A nova sociedade não será erguida pelos veteranos como eu, nem sequer pelos jovens maduros como Carlos, Gustavo y Arielito. A veces me pregunto yo, que bolilla le darán a las cartas que les escribo¹¹. Somos sobreviventes, claro, mas também feridos e contundidos. Eles e nós. Será construída então pelas crianças de hoje, como minha neta?¹² *Creo que lo fundamental debe estar dado por la actitud frente a la vida. Es decir, como concebimos esta cosa chiquita que es nuestro pasaje sobre la tierra. – Si la entendemos como la búsqueda del buen pasar aún a costa de nuestros semejantes, o la aceptamos como una actividad de servicio en la que nos importa tanto nuestro bienestar como el del prójimo. Porque somos animales sociales y en consecuencia lo nuestro, está íntimamente ligado a lo de los demás. Son cosas difíciles de plantear y más aún resolver*¹³. Não sei, não sei. Talvez os oficientes, os fazedores dessa pátria pendular e peculiar sejam aqueles que hoje são crianças mas permanecem no país. No máximo pode ser que ajudem que transmitam o aprendido, que perguntem pelo desaprendido, que tentem se adaptar e lutar. Mas quem forjará o novo e peculiar país do futuro mediato, essa pátria que ainda é um enigma, serão os púberes de hoje, os que estiveram e estão lá, os que a partir de uma ótica infantil, mas nada amnésica, viram uma boa parte dos duros confrontos e viram como outros adolescentes, os de sessenta e nove e setenta, eram feridos como inimigos e como sequestraram seus pais, às vezes suas mães e até seus avós, que eles só voltariam a ver muito mais tarde e ainda atrás das grades e de longe ou também de uma proximidade feita de incomunicações e distâncias. (*vidrio por médio como los informes contagiosos*)¹⁴. E viram chorar e choraram eles mesmos junto de ataúdes que era proibido abrir, e viram como depois veio o silêncio estrondoso nas esquinas, e as tesouras nos cabelos e no diálogo, e isso sim, muito rock e jukeboxes e caça-níqueis para que esquecessem o inesquecível. Não sei como nem quando, mas essa garotada de hoje será a vanguarda de uma pátria realista. E nós, os veteranos? Nós, as carroças, como dizem os galegos? Bem, os que ainda estivermos lúcidos na época, nós as carroças que ainda estivermos rodando, nós os ajudaremos a recordar o que viram. E também o que não viram.

Luego, de a poco, se regulo el régimen de visitas.

Frecuencias, personas autorizadas, duración de los encuentros, todo se registro en los reglamentos. También la vigilancia a la que estaria sometida todo el proceso.

–“Usted estará vigilado durante la visita de los miembros directos de su familia y abogado.”

–En los primeros meses el control consistía en que cuando una hablaba con su abogado – a través de un círculo calado en un vidrio – un oficial se sentaba a su lado a escuchar la conversación.

En octubre de 1973 cambiaron el procedimiento y las visitas, siempre en el mismo locutorio pasaron a ser telefónicas. Ahora todo lo dicho pasaba a ser registrado.

“Pinchazo” mediante, el ojo central pasó a tener oídos.

–En la versión oficial, los teléfonos se colocaron

–“para que se puedan escuchar mejor con sus familiares y abogados.”

PHILLIPPS-TREBY,
Walter e TISCORNIA,
Jorge: *Vivir en Libertad*.
Montevideo, EBO, 2003. p.
41.

¹⁰ G. 2; 2, 58-66.

¹¹ G. 29; 2, 43-44.

¹² Mario Benedetti, op. cit., p. 94.

¹³ G. 7; 1, 22-29.

¹⁴ DS. 33; 1, 46.



Exílios (A solidão imóvel)

Que ganas tengo de escribirte, en letra bieeen chiquita. De esas que apretan los ojos al leerlas. Y así, poder decirte tanto en tan pocos renglones. Quisiera tener tu capacidad de elegir el mejor sinónimo para no decir más de lo mismo y con eso romper con la estúpida y aburrida burocracia. Quisiera poder contestarte, en menuditas y dibujadas letras, que todavía no alcanzo comprender muchas cosas. Otras sí. Que todavía quedaron cosas que me aprietan el pecho aun más que la necesaria caligrafía angosta. Decirte que no fallamos al encuentro. Que cosas no eran dichas y mismo así golpeaban, y las que solían ser dichas hieren hasta hoy a punto de dificultar sostener la mirada. Quisiera escribirte así, con palabras bieeeeeen apretaditas, de esas que nos obligan a mirarlas de bien cerquita, como forma de aproximarnos, porque ellas van cargadas de mundo. Escribirte así, igual al pulsar de la vida. Decirte que logré entender que todas las decisiones fueron nada más que una u otra forma de amor. Quisiera poder, como tú, enviar palabras minúsculas y germinadas, palabras que apuntan para un porvenir, palabras embarazadas de esperanzas. Ser capaz de escribir tal cual. Mismo que con palabras escojidas y abreviadas, bien finitas como un alfiler, y así transponer barreras. Quisiera escribirte algo para que pudieras leerla entre tus compañeros en alta voz. Como aquellas que aguardabas con ansiedad algún tipo de contestación que confirmaran que alcanzaron cumplir su destino. De esas que las leías repetidas veces y te alegraban a punto de ser tema para una futura charla en una de esas tan aguardadas visitas que no pudimos ir. Como desearia poder decirte que tu hijo ya es un hombre y lleva tu sonrisa. Esa sonrisa que nos distingue y que espero reconocer en mi hija. Que nada fué en vano. Que seguiremos aportando, y que me enseñas mucho siempre que te acaricio con los ojos. Me encantaría poder agradecerte, aunque en pequeñitas y germinadas letras. Decirte que no tardaremos en contestar. Quisiera poder pedirte disculpas por las veces que te dejamos semanas vacías, por las veces que te dejé esperando. Por no saber lo que hacer, por olvidar que la sabiduría también estaba en aquella quinta. Quisiera saber, como tú, aprovechar hasta el último renglón para reiterar tal cual a la anterior que los años mejores son los que aún faltan vivir. ¿Quizas la vida no sea como esos mismos limitados y fiscalizados renglones? Al que debemos observar con extremado cuidado cada letrita que le agregamos. Decirte que no voy a fallar al encuentro.

Em carta de 22 de fevereiro de 1984, Ruben comenta sobre as expectativas que havia feito para o esperado encontro com los sobrinos brasileiros. Nós nunca fomos a Libertad, ou por todas as dificuldades que uma visita implicava, ou porque nossos pais não faziam muita questão para não nos submeter a essas situações. De qualquer sorte, eu fui o único sobrinho presente em sua libertação e única testemunha familiar viva presente naquele dia dos abraços, dos reencontros. Es muy importante que estés acá viendo todo esto.





O outro (Titular e suplente)

Xeque ao rei. Domingo 21/10/2018, o movimento já havia sido sinalizado. Basta um soldado e um cabo. Ainda não é o xeque-mate, este aguarda o último movimento em poucos dias. Entre as alternativas possíveis para evitar o eminente xeque-mate, está a captura da peça que está nos ameaçando.

Deslocar o rei para uma casa não-ameaçada. Evitar o quanto for possível o golpe fatal e pensar estratégias em meio ao intenso ataque. Essa jogada já não é mais possível, o rei já está isolado, sem escapatória.

Domingo 29/10/18, xeque-mate. Ao vencedor o seu tempo de celebrar a vitória. O dia seguinte. Aos derrotados só lhes resta esperar pelo reinício da partida enquanto ruminam as razões de sua derrota. Já era prevista? Que sinais não foram observados com o devido cuidado? Qual foi o movimento fatal entre tantos? Uma partida iniciada com dificuldades por termos nos submetidos às manobras ilusórias do oponente que sempre conduziu a partida, quando não adaptou as regras aos seus interesses. É madrugada e tudo está quieto, mais quieto do que em outras vezes. Está frio. O longo inverno se aproxima.

Já ocorreram outras derrotas, mas esta foi diferente. Talvez porque em função das últimas vitórias julgávamos capazes de dominar o jogo. Onde ocorreu o descuido? Retorno ao questionamento. Reiniciada a disputa, haverá a chance de uma revanche, a possibilidade de impor algum revés nesse duro adversário será maior na medida em que soubermos recordar e apreender com os movimentos cruciais de partidas anteriores.

No momento, olho para minhas pedras caídas. Há outras que ficaram de pé, também perderam, mas preferem manter uma aparente dignidade conferida pela inércia, pela não participação na contenda. Em suas posições em pé, inertes e derrotadas. Há também as que estão dispersas, restos de um combate solitário, sem estratégia definida. Demonstrem, humildes, alguma altivez, porém, mais expostas que as demais, também revelam ressentimentos com suas iguais. Reside aí um duro e necessário aprendizado. Para retomar o jogo, serão elas que devem retornar à base e, identificadas com suas cores, tomem posição, lado a lado com as caídas e com suas inanimadas irmãs para que a contenda reinicie.



Intramuros (O balneário)

Querida gente: cuando ya estamos en los últimos matecitos de la tarde y los últimos rayitos del sol que se pone abandonaron la celda, me pongo a la tarea de llegar hasta Uds. Habitualmente empiezo bastante antes pero hoy me he dicho: si aquellos escriben un poco antes de dormir y les sale, porque no he de poder hacer otro tanto¹. Não sei por que hoje estive rememorando longamente os verões em Solís. A casinha era linda e bem próxima da praia. Às vezes fico impaciente ou irritado, penso nas dunas e me tranquilizo.² Le preguntaba a Ariel si sus gurises conocían el mar. Olvidaba los años de Arielito en Maldonado. Es que el mar, pienso, ha de desarrollar como ningún otro paisaje la imaginación de los niños. ¿Sole y Daniel han visto el mar?³ Penso naquelas pequenas temporadas tão calmas, tão parecidas com a felicidade, quem poderia pensar que depois viria o que veio?⁴ Como pasa el tiempo! Dentro de algunos días voy a cumplir dos años por estos lares. Los hechos familiares permanecen, sin embargo, aún muy próximos. La expresión de tango que usa Ariel: “no fumás, no vas al cine, las carreras no te gustan...” O algo parecido, para ser sincero, me duele un poco. En fin. Cada cual con su cada cual. Como diría Doña Cornelia⁵. Mas não me lembro apenas desses detalhes costeiro-bucólicos; também tenho presente certo mal-estar incômodo que não me deixava usufruir plenamente daquele sóbrio conforto de três semanas⁶. Ahora estamos tomando unos amargos mientras la tarde se va yendo; que es un decir. Los atardeceres que esta ventana muestra son, algunos, sencionales. Atardeceres y amaneceres que hoy por ejemplo amanecieron los bajos con ríos de niebla. Y en tanto la naturaleza nos regocije es que no hemos perdido sentido de lo bello. ¿No les parece?⁷ Lembra-se do que conversamos umas tantas vezes, quando a tarde caía sobre a casa e a hora do ângelus nos punha melancólicos e até um pouco sombrios? Y nosotros no ha de precisar decírtelo, somos pobres. A veces las cosas no son como queremos sino como podemos. No debemos desesperar sino tratar, esforzarnos por comprender por qué las cosas son como son. Cuando me contaste lo de los Reyes por ejemplo, me vine pensando porqué, dejan mas a los que tienen mas y menos a los que menos tienen. Pienso que querrán conformar a todos y pensarán que quienes tienen mucho se conforman con mucho y quienes tienen poco, con poco. Y ves que a veces se equivocan. Lo que no debemos sentir es envidia. Por lo contrario. Lo poquito que tenemos debemos tratar de compartirlo con los que aún tienen menos que nosotros. Que bien sabes son muchos.⁸

Em carta datada de 26 de setembro de 1974, Ruben revela esta informação, que permite deduzir que sua prisão tenha ocorrido no final de setembro, início de outubro. Na primavera de 1972. Há ainda margem para controvérsia pois ele pode estar se referindo a sua transferência para Libertad, uma vez que já havia permanecido detido em um destacamento militar de Durazno por pelo menos cinco meses.

¹ G. 25; 1,4-8.

² Mario Benedetti, op. cit., p. 103.

³ S. 35; 2, 73-76.

⁴ Mario Benedetti, op. cit., p. 103 [adaptado].

⁵ DS. 46; 2, 40-45.

⁶ Mario Benedetti, op. cit., p. 103.

⁷ G. 27; 1, 27-31

⁸ S. 34; 2,68-78.



Sim, nosso conforto era terrivelmente austero, nosso descanso era baratíssimo e nada ostentoso, e no entanto pensávamos naqueles que nada tinham, nem trabalho, nem pão, nem moradia, e muito menos uma hora especial para a melancolia pois sua amargura era em tempo integral. E assim acabávamos em silêncio, sem solução à vista, mas nos sentindo vagamente culpados. E obviamente, na manhã seguinte, quando o ar fresco de maresia e o primeiro sol penetravam desde cedo na casinha, diante desse respaldo da natureza, a tristeza ia embora e voltávamos a nos sentir plenos e otimistas⁹. Mas esse verão coletivo também tinha seu lado ruim, pois nos tirava intimidade e cerceava nossa possibilidade de diálogo¹⁰. *A nosotros no nos enseñaron a dialogar. Y esto que Papito no lo entienda como crítica. Simplemente que a él tampoco le enseñaron. Creímos incluso que la nuestra era una muy buena relación. Y comparada con muchas otras lo era. Pero nos faltaba diálogo. Abrirnos. Charlar con el corazón en la mano. Plantearnos nuestros problemas, nuestras dudas, nuestros sentimientos. Escuchar y ser escuchado. Crecer con el aporte del otro y ayudar con el nuestro. Respetar y ser respetado. Lograr en una palabra la comunicación. Terreno del afecto y de la amistad. De grande cuesta más aprender. Hay que cambiar y cambiar cuesta. Quien ha vivido cerrándose en si mismo, difícilmente aceptará las cosas de los demás. O mejor dicho, las aceptará con esfuerzo. Porque tenemos que creer que es posible cambiar y superarse, a toda edad. Papito me ha dado múltiples ejemplos de éllo, y espero recibir de él mucho más*¹¹. E em que dispersão terminou todo o clã. De manhã cedo era bárbaro caminhar e caminhar na beira da praia, recebendo nos pés as ondinhas suaves que davam vontade de seguir vivendo. Acho que gostávamos disso também porque de alguma forma simbolizava o Uruguai de então, pais de ondinhas suaves, não das tempestades furiosas que vieram¹². *Bueno, espero en las cartas próximas entretenerme como marchan las cosas en este Uruguay cada día mas espeso*¹³.

⁹ Mario Benedetti, op. cit., p. 103.

¹⁰ Ibid., p. 104.

¹¹ DS. 9; 1/2, 15-30.

¹² Mario Benedetti, op. cit., p. 104-105.

¹³ S. 38; 2, 69-70.

Beatriz (Uma palavra enorme)

Figura 4 - Uma palavra enorme: Ruben y su sonrisa



Fonte: *Acervo pessoal*



Feridos e contundidos (Verdade e prorrogação)

Revolvo meus alfarrábios como um velho alquimista. Cinco linhas encobertas. *Este mes de marzo se inicia con notas para mi reconfortantes. La primera desde luego tu visita, y la segunda, no menos grata, el retorno de un compañero desde hace un mes recluso*¹. Não adianta dar voltas ao papel. A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido². O que buscam aqui pretensos leitores de sombras? A extorsão, o insulto, a ameaça, a carraspana, a bofetada, a surra, o açoite, o quarto escuro, a ducha gelada, o jejum obrigatório, a comida obrigatória, a proibição de sair, a proibição de dizer o que se pensa, a proibição de fazer o que se sente e a humilhação pública são alguns dos métodos de penitencia e tortura tradicionais na vida familiar. Para castigo à desobediência e o escárnio da liberdade, a tradição familiar perpetua uma cultura do terror que humilha a mulher, ensina aos filhos a mentir e contamina com a peste do medo. – Os direitos humanos deveriam que começar por nossa casa³.

O homem cifrado, o recluso número zero trinta e oito. Outros 2.835 chegarão depois dele. Ele os verá chegar. Muitos cruzaram aquele portão. Outros tantos não. De pouco adiantou, apenas havia chegado à capital, o centro do mundo, onde se acumula a prodigiosa escória⁴. Em pé, olhar reto e sério enfrenta com sua presença o homem que se afasta, finge não vê-lo. Evita encontrar aqueles olhos. No mundo intramuros, não era permitido encarar os torturadores que agora compram biscoitos nas padarias da cidade.

Esboçar as narrativas evocadas pelas cartas conforme o seu desenvolvimento. Nisto reside o método. Seu componente propriamente problemático: não renunciar a nada que possa demonstrar que a representação materialista da história é imagética [bildhaft] num sentido superior que a representação tradicional⁵.

Sentado à janela esperamos enquanto a noite cai⁶, prenunciando sua chegada, a ave noturna, mensageira que, de assalto, prolonga em manuscritos a visita que havia anunciado em sua última.

*P.D. A Tito y Ariel yo les haré saber la fecha de las próximas visitas. Manden las direcciones*⁷.

¹ G 23 1

² Walter Benjamin. Obras escolhidas VI, 1994, p. 224.

³ Eduardo Galeano. El libro de los abrazos, 2010, p. 129.

⁴ Walter Benjamin, op. cit, p. 19.

⁵ Walter Benjamin. Passagens, 2018, p. 768.

⁶ Com base no conto de Kafka descrito no Prefácio de Obras Escolhidas.

⁷ G 15. 1 b



Don Sixto (Noticias de Ruben)

Enero 11 – 1977: querida Lela y demas personal les deseo que todos lo estén pasando bien y sin problemas de salud. Nosotros felizmente bien incluso yo que soy el más achacoso y los calores las lluvias nos tratan un poco mal. Mi compadre Carlos es un bolsa, ya que me sacó un pasaje para el domingo a las ocho de la noche a Libertad y no al penal y ya viejo me senté muy tranquilo en el coche y una señora me reclamo el asiento y yo no se lo queria entregar porque tenia el boleto y tubimos que esperar al guardia que nos aclaró el asunto y cual no seria mi sorpresa y la verguenza cuando el guardia me dice. Ese es un boleto de ayer de noche y ya estaba el coche con orden de salir pero igual conseguí viajar, el guardia me parecio un tipo bien y escuchó mis ruegos donde yo le decia que como consecuencia de errores me iba a perder la visita al penal y fué como me dejó viajar y de yo perder la visita vuelvo y lo degollo al compadre Carlos. Pero todo se arregló a pesar que hubo gente que perdió la visita por llegar un poco tarde. Yo felizmente anduve bien aunque la visita la dieron en él sótano y era horrible el calor y tanta gente pero despues de casi cinco años pude tenerlo a mi hijo en brazos por largo rato a pesar que estube un poco emocionado y sin poder ocultar mi emoción por lo que yo en ocasiones pensé que nunca mas lo tendria en mis brazos como cuando era un niño y Dios me permitió que se cumplieran mis deseos y considero que fue uno de los días mas felices de mi vida y charlamos mucho y bien abrazados y me dijo que se encuentra bien de animo y de salud y preguntó por todos a quienes lo recuerdan y a quienes nunca olvida. Si alguno pregunta ya sea Blanca o Tito cuando es la próxima visita le diran que es el 20 y yo he pensado de que Blanca y Gustavo no van a estar para esa fecha y Tito no se lo que piensa. Nosotros resolvimos volver el 20 que es visita para niños y llevar paquetes y he pensado que quienes pueden ir es Carlos y el Negro pero no se los permite entrar aunque ustedes diran que hace como dos meses que solo yo quiero ir pero son cosas que se dan y esto lo hago para que ustedes Lela si habla con Blanca se los explique y se ponga tranquila y que alguno nos va ha prestar con que ir y sera Chela, Sole y Daniel y después irá el Negro.

El viaje de regreso fue muy malo por tanto calor y salimos a las once y media y aprovechamos todo el sol del medio día y todos se quejaban del calor el único era yo que no me lamentaba y solo sentía alegría por el encuentro que tube con mi hijo, de tenerlo en brazos por largo rato y respirando el mismo aire. Bueno Lela y todos los demas les deseo pasen bien y el Negro que se cuide y reciban un fuerte abrazo de Ruben y de todo los de acá de casa¹.

Sixto.

¹DS. 54; 1\1b.



O outro (Embasacado e tudo)

30/06/2017. Leio no jornal de minha provinciana cidade notícias de um ontem que se recusa a ser passado. Penso no jogo, penso nas peças, penso. Identifico uma figura basilar nesse embate. Limitado a sua minúscula casa na qual e da qual se desloca com grandes restrições, mesmo assim, resiste...

“*Libertad, 6 de febrero de 1973*”¹. Que horror! Que horror! No olhar, a perplexidade de quem toma consciência naquele exato instante. E assim, outra peça é acionada: a história. Sorrateira, ladeando poderosos, agindo em diagonal, surpreendente, avança, retrocede, desvia seu curso e todos os seus trajetos passam pelas casas centrais da contenda. *Querida Chela: aún cuando es posible, cuando ésta llegue a tus manos me haya visto con Papito, no dejo pasar esta oportunidad de saludarte a través de estas pocas líneas. Tal vez también me haya visto con Sole, dado que Tito insistía en que viniera. Yo no me mostraba muy partidario, aunque me sobran ganas de verla, pero no imagino como pueden los niños acomodarse a nuestra condición. Algunos sostienen que es mejor que niños y adolescentes se acostumbren a vernos, para que ellos que son quienes mejor nos conocen, sean en el futuro los mejores jueces nuestros y de nuestra situación. – De aquí nada para contar. Seguimos solo y esperando el mate, siempre con un gran espíritu. Los días pasan rápido y ya estamos casi pisando el otoño. Esperamos que el invierno no sea muy riguroso, aunque ahora estamos mas fuertes. Aunque es mucha la quietud, siempre trato de compensar haciendo gimnasia y día por medio jugando al fútbol en los recreos. Así que físicamente estoy bien, tratando de no envejecer. Hace dos domingos tuvimos misa, celebrada por los compañeros curas y pastores, y seguiremos teniendo una vez al mes. Yo los tuve presente a todos en mis oraciones, no sé si serán oídas. Bueno me despido con un gran abrazo y el deseo de que Daniel se porte como corresponde, ya que Sole según Tito, se porta muy bien. – Hasta una próxima. Saludos a los tuyos Coco.*²

Hoje a história recuou e busca defender-se com a movimentação de seus incansáveis peões: GREVE GERAL!

Nesse dia nos jornais da cidade de Pelotas/RS, noticiavam a mobilização de Pais de uma escola privada da cidade junto ao MBL e Movimento Escola sem Partido, para que fossem tomadas medidas punitivas contra um professor de história que teria utilizado "material ideológico de esquerda" em uma charge utilizada para um exame escolar.

O discurso do presidente do Uruguai, Juan Maria Bordaberry, em 27 de junho de 1973, transmitido em rede nacional, é considerado como o início da ditadura. O pretexto para fechar o Congresso e decretar um Conselho de Estado para substituir o parlamento foi o da necessidade de realizar uma reforma constitucional que reafirmasse os princípios republicanos e democráticos. Realiza a manobra golpista com o apoio das Forças armadas e tres dias depois, inicia a dura repressão, tornando ilegal a CNT – Convenção Nacional dos Trabalhadores, levando presos seus dirigentes. Ruben, já estava preso a pelo menos 4 meses em Libertad.

¹DS. 13; 1, 1

²DS. 13; 1, 1-19

Beatriz (a poluição)

Figura 5 - A poluição: Ruben y su sonrisa 2



Fonte: *Acervo pessoal*



Intramuros (Uma mera possibilidade)

Ontem o advogado esteve aqui e me deu a entender que as coisas estão caminhando muito bem. Que não é improvável. Que talvez. Uma mera possibilidade, já sei. Mas devo reconhecer que me produziu uma comoção, creio que até uma taquicardia¹. *¿Porqué la alegría? Porque pienso, los años no han pasado en vano. Y hemos aprendido dolor y alegría pueden convivir y firmar la alegría siempre. Dolor en el cuerpo, podríamos decir, alegría en el corazón. Dolor por la impotencia, la incomunicación el aislamiento. Alegría por la fuerza de poder revertir esas situaciones, de ver también todas las cosas buenas que traen aparejados los sufrimientos, por los sentimientos que llegamos a experimentar. Tan gratos. Que hacen que el pesimismo no tengan cabida. Por unos cuantos años. Y ¡que velóz pasa el tiempo: Parece incluso que en estas condiciones pasara más veloz aún. A decir verdad cuesta hacer conciencia de la edad. Uno se siente muy joven aún cuando anda pisando la cuarentena. Por eso le decía a Papito, que edad y muchas veces salud, están ligadas a disposición de ánimo. Una actitud optimista nos mantiene bien, como una pesimista nos decae². Não é que alguma vez tenha perdido a esperança. Sempre soube que algum dia ia me encontrar com vocês novamente.³ Y a vos Papito, hace bastante no te veo. Pienso mucho en vos y ultimamente, tal vez a propósito del cumpleaños, he soñado también. ¿Como estás? Pienso en el significado de cerrar un año más. En cómo debe ser para nosotros. En el convencimiento de que juventud o vejez no la determinan los años. Se és joven cuando se tiene un corazón joven, cuando se está dispuesto a comprender a los más jóvenes, cuando se tiene una perspectiva por delante y la voluntad de alcanzarla. Tener un corazón joven es empezar cada día, como los pájaros, con alegría con ganas de vivir intensamente. De hacer, pensar, charlar provechosamente. Llegar a la hora del descanso con la satisfacción del esfuerzo realizado. La que nos hace esperar la jornada venidera con la misma fé. Es también conservar sin claudicar, el amor a las cosas esenciales de la vida: buenas relaciones con gente buena. Su aprecio. Los mejores sueños. Cuando hablamos de comprender a los más jóvenes, hablamos de comprender el cambio, y cambiar también. Vivir el tiempo que se vive. Y la perspectiva, qué necesario! Sin ella, dejamos de ser jóvenes. Envejecemos. Perspectiva que identifico con capacidad para imaginar lo que vendrá. Con esperanza. Con sueños. Y voluntad para alcanzarlos. También. De todo ésto, Papito, creo nos has dado lecciones. Y sé las seguirás dando. Te he visto empezar cada día con la misma fuerza, el*

No livro de Benedetti, Santiago está próximo a ser liberto após cinco anos. Ruben foi condenado aos 29 anos de idade. Era um dos mais velhos do grupo. A maioria iniciavam os 20 anos de idade. Ruben foi liberto aos 42 anos.



¹ Mario Benedetti, op. cit., p. 147.

² DS. 1; 1, 17-30.

³ Mario Benedetti, op. cit., p. 147.



*mismo ánimo. Ubicándote en tu tiempo. Cambiando y; de qué manera! Siempre com objetivos por delante. Con cosas que querés hacer, y en las que ponés tu empeño. Así procuro vivir, para nunca dejar de ser joven, no claudicar; llegar al final contento de haber vivido lo que nos toque en suerte vivir, plenamente. ¿No te parece?*⁴ Mas uma coisa é conjecturar que alguns anos terão que passar antes que isso ocorra e outra bem diferente é que tal perspectiva ingresse no campo do possível. Não quero alimentar ilusões, e no entanto, as alimento, não posso evitar. É compreensível, não acha?⁵ *Soledad y Camilo. Como se lo prometí, he estado recordándolos en muchos momentos del día. Juntando ganas de estar juntos, de jugar, de charlar.*⁶ Doze anos sem ver um irmão, sobretudo se é uma criança, significam uma eternidade.⁷ *Como es natural em mi caso, estoy aún un poco bajo la carga emocional que significa esta rotura con la rutina de todos los días. Yo también, como vos, y aunque te parezca un sin sentido, siento ganas de tenerlos siempre junto a mi. Asistir al espectáculo maravilloso que es ver crecer, desarrollarse, un niño.*⁸ Doze anos sem ver um adulto, por mais querido que seja, são simplesmente doze anos e também é horrível. De minha parte, sei que o Velho terá algum cabelo grisalho a mais. Mais rugas não, porque aquele velho ladino nasceu enrugado.⁹ *A no impacientarse por la distancia que separan nuestros encuentros. Ya vendrán tiempos mejores.*¹⁰ Sinto água na boca só de imaginar que poderia recuperar uma vida normal. Há 15 dias tenho alguém com quem compartilhar o espaço, um companheiro de quarto, digamos, que é muito boa gente, nos entendemos magnificamente. É curioso, mas o bom companheirismo não consiste sempre em falar ou ouvir, em contar vidas e mortes, amores e desamores, em narrar romances que lemos há muito tempo e que agora já não temos à mão, em discutir filosofia e seus meandros, em tirar conclusões de experiências passadas, em analisar e nos analisar ideologicamente, em intercambiar as respectivas infâncias ou, quando se pode, em jogar xadrez. O bom companheirismo consiste muitas vezes em calar, em respeitar o mutismo do outro. Em compreender que é disso que o outro necessita naquela precisa e obscura jornada, e então envolvê-lo com o nosso silêncio ou deixar que ele nos envolva com o seu, porém, e esse porém é fundamental, sem que nenhum dos dois o peça ou exija, mas que o outro compreenda por si mesmo, numa espontânea solidariedade. Às vezes uma boa relação de clausura ou reclusão, uma relação que pode se converter em amizade para sempre, constrói-se melhor com silêncios oportunos do que com confidências intempestivas.¹¹

⁴ DS. 45; 2, 23-51.

⁵ Mario Benedetti, op. cit., p. 147.

⁶ G. 5; 2, 51-53.

⁷ Mario Benedetti, op. cit., p. 148.

⁸ S. 6; 1, 26. 4-6, 24-26

⁹ Mario Benedetti, op. cit., p. 148.

¹⁰ DS. 47; 2, 67-68.

¹¹ Mario Benedetti, op. cit., p. 151.



*Porqué llegás a conocerte profundamente y a sentirte como un hermano. Aunque como es lógico, no siempre es así*¹². Não acredito (nem sequer depois desses últimos e duríssimos anos) quando o taciturno existencialista diz que o inferno são os outros, mas em compensação posso admitir que muitas vezes os outros não são exatamente o paraíso¹³.

¹² DS. 39; 1/2, 39-40.

¹³ Mario Benedetti, op. cit., p. 151.



Don Roja (Um país chamado Nelly)

Minha mãe gastou os seus olhos fazendo tricô madrugadas adentro. Era uma forma de ajudar no sustento da casa. “Faz –se roupinhas de nenê”. Foram as primeiras palavras em língua portuguesa que ela me pediu para escrever em um cartaz que seria fixado na janela da frente de nossa casa. Como eu ainda não dominava a grafia da língua do novo país que aos poucos adentrávamos, ela preferiu esperar por meu pai, que ao chegar em casa revisou o que eu havia escrito. Minha mãe gastou seus olhos fazendo tricô para seus filhos e o marido. Aceitava encomendas como uma forma de auxiliar no sustento da casa na medida em que também tricotando esperava pela família que aumentava. Duas meninas e depois, bem depois, veio o caçula. Sozinha, sem familiares por perto e muitas vezes sem o próprio marido que teve que buscar trabalho no interior desse novo país, sem telefone, sem maior contato do que algumas cartas, passou suas madrugadas e meses tecendo... Muitas vezes, eu a acompanhei em suas largas horas de trabalho, madrugadas adentro, pois era necessário fazer a entrega o mais breve possível e, assim, ajudar no orçamento doméstico. Eram madrugadas assistindo TV, onde aprendíamos aos poucos esse estranho e ao mesmo tempo semelhante idioma. Eu, ao seu lado, descosia velhos blusões ou o que haviam saído errado, enrolava a lã em forma de bola, e observava suas mãos ágeis produzindo mais um blusão para aplacar o frio de alguém, feito com apenas duas agulhas. Minha mãe gastou seus olhos tricotando e esperando por notícias.

Três filhos rumo à Santa Catarina, nesse momento foi separação evidente com a terra que a viu nascer. No novo destino, ela continuou a fazer tricô, cozinhar pastéis caseiros, vendia produtos de uma revista convidando para sua casa clientes que eram recepcionadas com um repleto café, cheio de tortas e coisas para vender. Eu já havia entendido, era necessário auxiliar no sustento e passei a vender picolé, e eventualmente algum outro trabalho. Nunca senti tristeza, era comum e até divertido. Afinal, fazia isso com outros amigos da rua em que morava. E me sentia orgulhoso de poder chegar em casa com o pão que levava ao final do dia. – *Ocho pães, por favor.* – gostava da pronúncia daquele sotaque açoriano que recordava o idioma dia a dia mais distante. Nessa nova terra, conheci frutas incríveis, que jamais havia visto. Havia uma bem grande, que sempre que soprava um vento forte, caía sobre o telhado da casa de madeira que ficava aos fundos da casa de quem alugamos. Nunca gostei daquela casa. Mas passei



a gostar daquela fruta que tinha uma semente enorme da qual minha mãe descobriu receitas maravilhosas. Minha mãe aprendeu abraçar de dentro para fora. É um abraço especial, algo que vai aquecendo aos poucos, em pequenas doses, confortando e animando. Seu abraço é generoso e ofertado sempre que deseja demonstrar afeto, cuidado e carinho. Minha mãe abraça de dentro para fora. E tem sido assim muito antes de me conhecer por gente. Todos os dias, até hoje, ela segue presenteando em pratos quentes e frios, fundos e rasos o abraço que melhor sabe ofertar.

Chegados ao Paraná, fomos adotados por outra família, os Portes. Outro desses sobrenomes que servem para abrigar os enjeitados do mundo. E assim, de tanto andar, foi deixando coisas pelo caminho e adquirindo outras. O sotaque da minha mãe conta de uma vida, carrega muitas histórias. Minha mãe sacrificou seus sonhos para que seus filhos sonhassem.

Beatriz (A anistia)

Figura 6 - A anistia: La persistencia de la memoria



Fonte: *Intendencia de Montevideo (2018)*



Feridos e Contundidos (Merda de vida)

Solis, 1003. 24 de janeiro de um ano qualquer. *Liberdade não é estar solto. Pode-se sair da prisão, mas não da condenação*¹.

No quintal daquela esquina que teve o nome alterado, havia uma horta. Que fim levaram todas as flores? *La quinta* tomava quase todo o seu tempo, e tempo era tudo de que dispunha. (Fazer do tempo um aliado, que possa jogar a seu favor é uma arte). Daquela mesma terra que pacientemente revirava, nutria e retorcia os torrões secos de amarguras, ele também colhia *todo lo que la tierra ofrece*. Colhia, entre outras coisas, palavras para serem servidas em sopa de letrinhas dispostas em papel moldado e, assim, esperava estender ternura, aquecer e manter viva a esperança. Colhia flores, para mitigar a dor.

*Lo que dices, en tu carta, daría para conversar muchísimo. Dices que tu tristeza surge no solo por mi situación sino por la de tantos. Por la dureza e ingratitud de la realidad que los rodea y ese cinchar y cinchar que caracteriza nuestra existencia. ¡Cuánto podría decirse a propósito de esas expresiones tuyas! Pero el sentimiento que deben generar en nosotros no es de tristeza y desesperanza. Por el contrario, si querés, aún en la desventura debemos sentir la alegría de no vivir engañados. De ser conscientes porqué, las cosas son de determinada manera y no de otra. Todo lo hermoso que há sido realizado, a partir de la naturaleza, es fruto del trabajo del hombre. Directo o indirecto. De seres como vos, como los tuyos, como todos los que con su esfuerzo transforman la naturaleza a servir a quienes lo hacen. ¿Por qué entonces los bienes no llegan a los hombres de acuerdo a su esfuerzo? ¿Por qué esa desigualdad de posibilidades? ¿Por qué la injusticia? ¿Son uds que elaboran los bienes, inferiores a quienes los disfrutan? No importa que, por el momento, parezcan impotentes para solucionar cuánto los aqueja. No entristecerse por la lucha que significa la obtención del alimento, la vestimenta, la educación de los niños, las recreaciones. Lo mas importante es no vivir engañados. Ser claros. Concebir otra forma de vida en la que el hombre no explote ni esclavice al hombre. En la que Daniel y Sole y todos los niños tengan las mismas posibilidades. Confiemos en el hombre. En su capacidad para crear la sociedad mejor que anhelamos. Y esa confianza nos dará fuerzas para luchar, para vivir plenamente, para superar las contrariedades y encontrar alegría en la consciencia de nuestro esfuerzo*².

Quem tem consciência para ter coragem? Revolver o solo ano após

07/04/18 Data da prisão do Ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, determinada pelo juiz Sergio Moro.

¹ Victor Hugo. Os miseráveis, 2014. p. 136.

² DS. 35; 2, 47-70



ano. Confiar no tempo e perseverar igual a quem delira sem ter febre? Confiar nas sementes escolhidas e preparadas com áspero afeto, vê-las brotar e redobrar o cuidado para que no futuro possam germinar. Sementes daquela terra que esconde muito mais do que a cotidiana luta pelo que virá. Naque-las mãos, a força que resiste.

*Pero el hombre, como todo, cambia. Adelanta, se desarrolla, se supera. Y es bueno que así sea. A veces, hay momentos que nos parecen de retroceso, pero no es así. Hay que ver en conjunto. Aunque claro el optimismo te lleva a ver no solo el adelanto del conjunto sino el nuestro, individual. Y es bueno que sea así.*³

A batalha todavia segue, travada em suas minúcias, no gesto que não demonstra abatimento diante de tanto horror, de tanta brutalidade, tanta dor... *Pienso que quienes nos rodean actúan como lo hacen, por ignorancia. Entonces nuestra tarea, aunque parezca muy humilde, debe estar centrada en la búsqueda del esclarecimiento que surge de la charla del café, la oficina, etc. Parece muy poco, pero no lo es.*⁴

A luta segue dia a dia, palavra a palavra, negras em brancas... agora digitalizadas mas continuam no centro da engrenagem. São palavras o que ele planta, mesmo que algumas lhe tenham sido proscritas, outras negadas, cultiva sementes híbridas, que suportam a estiagem. Lança-as pela pequena janela, espalha-as ao vento e com elas *encontra a contra-mola que resiste*. Sementes aladas como as de jacarandás que depositam confiança no tempo e trazem consigo a primavera entre os dentes. *Un fuerte abrazo para todos. Ruben*⁵.

³ DS. 20; 1, 30-34

⁴ G. 7; 1, 36-39

⁵ DS. 35; 2, 70



Don Roja (Remover os escombros)

É estranho. Meu filho vai sair da prisão. Vai chegar aqui qualquer dia desses e eu recebo a notícia com toda a naturalidade, quase como se fosse o corolário de um presságio. Seria mesmo tão previsível? Quantos, até com menos anos de prisão que Ruben, um dia não aguentaram mais a angústia ou o câncer ou a sua própria história e morreram? Quantos outros enlouqueceram de desalento e impotência? No entanto, desde o começo eu sabia que ele ia sair. Por instinto, talvez, por intuição de um velho coração!¹ *Pasarán veinte y nueve años antes de que encuentre una voz que pueda hablar de los viejos tiempos. Un día la voz entenderá que la relación entre el individuo aislado y las palabras tienen suficiente jerarquía, e interés literario, como para ser contada, y escribiré "El lenguaje de la soledad", y creeré que eso es todo lo que soy capaz de decir. Pero un día, un año después, de golpe, la voz se abrirá camino, se me impondrá, querrá decir, contar, con o sin jerarquía, con o sin calidad literaria. Y la voz se hará indetenible, me dirá qué escribir, rescatará hechos, sensaciones, sentimientos que no recordaba.² Me preguntaba cómo sería volver a ver a sus amigos y cómo sería sentarse con toda la familia alrededor de la mesa y si volvería a enamorarse alguna vez y en qué podría trabajar o quizás podría retomar sus estudios y en lo político qué hará?³ Qué movida esos últimos días, me acuerdo de la última visita en el locutorio porque fue ahí que se enteró de que el Parlamento había aprobado la Ley de Pacificación Nacional el día antes que dicho en criollo era una amnistía con ciertas restricciones.⁴ Ele reagiu com um intenso brilho nos olhos que rompiam a opacidade do implacável vidro que nos impedia o contato. Disse: *No imaginas cuantas he revivido ya. Unas ganas enormes de estrenar mi condición de hermano mayor. Que ¿como será la realidad? Mejor que como la imaginamos ¿no te parece?*⁵ Só pensei em sua mãe, em Juana. Pensei nela como se estivesse viva, como se meu legítimo, razoável impulso fosse ir correndo avisá-la, dizer que logo poderia abraçá-lo, apertá-lo tocar seu rosto, chorar em seu ombro, sei lá mais o quê.⁶ Embora a pronuncie muito raramente sei que para ele os acontecimentos do mundo em geral e de seu mundo em particular se dividem em primaveris, pouco primaveris e nada primaveris.⁷ *Hace demasiado tiempo que estamos separados. Uds. se mueven en una realidad que desconozco, como desconocen Uds en la que vivo.*⁸ Certa vez me disse. Suponho eu estes últimos 12 anos não tenham lhe parecido primaveris. Pois bem, agora vai sair. A vida continua, dizem e repetem as canções banais ou,*

Uso como referência 1985, ano da soltura da maioria dos presos políticos no Uruguai em que estava presente, dia em que vi a abertura de um campo de concentração e a data de início deste doutorado. 2015.

Lei de anistia promulgada em 8 de março de 1985.

Quando Ruben foi levado, Elima Rosano Roja estava grávida de 3 meses de Daniel Camilo. Os irmãos somente puderam conviver depois da soltura dos presos políticos.

Altereí o nome da personagem de Beneetti por Juana Roja Portes, primeira esposa de meu avô Sixto Roja. Falecida antes de Ruben cair preso. Não cheguei a conhecê-la.

¹ Mario Benedetti, op. cit., p. 191.

² Carlos Liscano. El furgón de los locos, 2014, p.183.

³ Marcelo Estefanell. El hombre numerado, 2007, p. 203.

⁴ Ibid., p. 202.

⁵ G. 5; 2, 53-55.

⁶ Mario Benedetti, op. cit., p. 191.

⁷ Ibid., p. 193.

⁸ G. 16; 2, 52-54.



se não o dizem, pelo menos insinuam. E como as canções banais que dizem isso, nós os sensatos, descartamos radicalmente essa xaropada. E, no entanto, em tudo o que é cafona há sempre uma semente de realidade. A vida continua, evidente, mas não há uma forma única de continuar. Cada um tem seu caminho e seu rumo⁹. Confidenciou-me *que pese al tiempo pasado en la cárcel, su cuerpo todavía estaba fuerte y sano. ¿Cuántos años le quedarán? ¿Y cuántos años más le quedan por vivir? ¿Treinta? No tantos. ¿Veinte?*¹⁰ *Todo tiempo futuro puede ser mejor.*¹¹ *Es que la vida, el futuro está tan lleno de cosas por hacer y vivir que no puede haber lugar para la incertidumbre, frente a temores. Estoy seguro de que los momentos más felices, las horas más hermosas, son las que aún nos faltan vivir. Esas no las cambio por nada ¿no te parece?*¹² Disse também que *en esos veinte años deberá vivir su libertad, no equivocándose nunca, o equivocándose lo menos posible. En ese momento cree que es capaz de lograrlo, fijándose una meta y marchando hacia ella, contra todo lo que se ponga por su delante, sin cometer errores*¹³. *Creo que el ideal es, aceptar los años que tenemos. Aceptarlos con alegría. No añorando los que ya pasamos sino pensando que éstos que vivimos hoy, los que tenemos hoy, son los más ricos que hemos vivido. Porque hemos aprendido más cosas. Sabemos hacer mejor las cosas. Y el año que viene será mejor. Y mejor el otro. Cada vez, sabemos más, y estaremos en condiciones de vivir mejor. Cuando hablo de saber, no me refiero únicamente al conocimiento que incorporamos en la escuela o el libro, sino en general. Saber más de nosotros, de los demás. Aprender a relacionarnos, a querer, a sufrir; que a todo se aprende. Digo que ése es el ideal, o sea algo por lo que luchar; pues muchas veces te verás añorando el tiempo que pasó o anhelando el que vendrá*¹⁴. *La pasión por aprovechar el tiempo, por hacer, por aprender, conocer. Así, muchas cosas de la vida quedarán fuera de sus intereses. Cuando lo descubra será tarde otra vez, pero él lo habrá elegido. Esa prescindencia, esa elección de algunos intereses dejando otros de lado, aún en el error, habra sido su ejercicio de la libertad*¹⁵. *En ese día sentirá que la vida le pertenece, que es suya, solo suya, y que puede hacer con ella lo que quiera. Enseguida se dará cuenta de que eso es mucho más difícil que estar preso*¹⁶. Todo esse terremoto nos deixou mancos, incompletos, parcialmente vazios, insones. Nunca mais seremos o que éramos antes. Melhores ou piores, cada um saberá. Por dentro, e às vezes por fora, uma tormenta passou sobre nós, um vendaval, e essa calma de agora tem árvores caídas, telhados desmoronados, terraços sem antenas, escombros, muitos escombros. Temos que nos reconstruir, é

⁹ Mario Benedetti, op. cit., p. 193.

¹⁰ Carlos Liscano, op. cit., p. 183.

¹¹ S. 9; 2, 73.

¹² G. 34; 2, 65-69.

¹³ Carlos Liscano, op. cit., p. 182-183.

¹⁴ S. 14; 1/2, 25-40

¹⁵ Carlos Liscano, op. cit., p. 183.

¹⁶ Ibid., p. 182.



claro: plantar novas árvores, mas talvez não haja nos hortos as mesmas mudas, as mesmas sementes. Erguer novas casas, fantástico, mas será melhor que o arquiteto se limite a reproduzir fielmente o projeto anterior ou será infinitamente melhor que repense o problema e desenhe um novo projeto, que contemple as nossas necessidades atuais? Remover os escombros, dentro do possível, pois também haverá escombros que ninguém poderá remover do coração e da memória¹⁷.

¹⁷ Mario Benedetti, op. cit., p. 194.



Extramuros (Fasten seat belt)

Algunos dicen que a él se lo trago el mar. Otros afirman que no, que él sigue nadando. Incluso hay gente que jura haberlo visto luchar pacientemente contra las olas al rededor de la península de Cabo Polonio. Dicen que es lindo ver como nada, en ritmo constante, sereno. En total harmonia com el mar, acompañando con sus brazadas, el movimiento de las olas, se complementan. Por supuesto que a él le encanta nadar. Otros más, afirman que lo vieron caminando por la orilla del mar, por la playa de La Viuda en Punta del Diablo, Por Valizas. O caminando por la costa entre Punta Negra y Punta Colorada. Aseguran que no raro lo ven sobre las piedras de Piriápolis o mismo por las dunas de alguna de esas playitas cercanas a la capital, siempre escuchando y en conversaciones con el viento. ¡Hasta por la rambla de Montevideo dicen que lo vieron! Cuentan que cruza la ciudad vieja arrastrando por la mano a un cayak saludándole a la gente. ¿Y eso no es de dudar, eh? Parece que hasta por el Yi él anduvo dando unas remadas. Él y su hermanita Soledad. Lo que si, és que siempre lo describen igual, con su inconfundible sonrisa ancha, como un sol, una bandera al viento.

Hay gente que sin querer descubre, revolviendo sus memórias, que también lo vió, o estuvo con él sentado sobre alguna piedra escuchando el murmullo de las voces que vienen con el viento, con las olas, que repiten, repiten y repiten. Escuchálos, escuchá. A veces, lo ven con un termo bajo el brazo y su inseparable mate amargo, recogiendo niños para hacerles cuentos.

Yo mismo lo vi una vez por esas playas del sur, lo vi de espaldas, miraba el mar compenetrado, en lo suyo pero dispuesto a confrontarse otra vez más con Netpuno. ¡Andá a saber lo que dialogaban mirando-se uno al outro a medida que se aproximaba la tormenta! Lo vi ahí, parado en una especie de trance poco antes de tirarse al agua. Tenía a sus pies, una botella de tinto.



Extramuros (Arrivals Arrivées Chegadas)

Retornava do inferno e por isso tomou o seu tempo antes de colocar o pé esquerdo na soleira da porta. Mãos apertadas uma contra a outra, na altura do peito, pareciam querer juntar-se para agarrar aquele momento e impedir que algo escapasse. Olhos fixos na porta, inspira, solta o ar em um longo suspiro de regresso, sorri e entra. Passos morosos, dados na medida em que enchia seus olhos com as impressões daquele tão querido lugar. Identificando marcas do tempo, o que permanecia e o que havia alterado. Olhos curiosos e marejados o acompanham em seu lento caminhar pelo corredor, adentra a sala, contempla à distância seu antigo quarto, de onde foi arrancado há mais de uma década. Permanece imóvel, lembra do tempo em que dormia vestido, todos acompanham o seu olhar. Havia muitos, mas o silêncio era o que predominava, um silêncio respeitosamente alegre, emotivo. Vira-se, volta a olhar para um outro quarto de onde foi informado que ali estariam guardadas as coisas que por ele também esperaram. Abrem-lhe a porta e caminha em direção a um pequeno armário, abre-o e dispara em gargalhadas. -- “Como são burros!” – Diz em voz alta. -- “Revisaram a casa inteira e não encontraram as armas! As armas secretas!” O garoto, a sombra que o seguia desde a entrada, passo a passo, logo atrás, observando o semblante do ressuscitado, correu para ver do que se tratava e viu-se diante de uma biblioteca. O renascido imediatamente retira alguns volumes e os entrega ao rapazote, e naquele gesto uma herança foi transmitida.



VOLVER A LOS DIECISIETE

Eram azuis as letras impressas que imitavam anotações manuscritas em uma agenda que recebi de presente em um natal do final dos anos 80. Teria havido alguma intenção oculta naquele obséquio? Ainda alcanço recordar as passagens que ilustravam aquelas páginas acompanhadas de exóticas gravuras e o nome do autor. Foi assim que o conheci, mostrando-se em pequenos trechos, quem sabe retirados de algum livro, ou algum ditado popular. Não sei bem. Apenas recordo de ter lido: Eduardo Galeano. Não usei a agenda, gostava mais de ler aqueles parágrafos em uma língua que, embora me fosse familiar, assim eu não o sentia. Meu idioma também havia sido fragmentado. Não demorou muito para ter contato com a obra mais conhecida desse conterrâneo escritor ao qual fui apresentado não em seu original, mas em outra língua, desta mesma comarca do mundo a que se convencionou chamar de América. O título tinha a força de um martelo, capaz de rachar a carapaça invisível daquele silêncio muito parecido com a estupidez¹. As veias, mesmo expostas, seguem seu fluxo contínuo que nutre o coração do sistema. Ao longo do tempo, conheci outras obras até que finalmente decidi conhecê-lo em seu idioma original, e foi como voltar... mais do que uma leitura, foi antes, uma conversa, *una charla con viejos conocidos*, personagens que habitam minha memória. Páginas que se demoravam em avançar, muito embora os textos fossem curtos e aparentemente descontínuos, tinham poder de abrir pequenas janelas no tempo... eram paginelas. Uma vez mais o título. Sem perder a vitalidade, soava mais como um acalanto, e o livro se assemelhava a um relicário para depositar, esse primeiro e último gesto humano, o abraço. O livro transbordava como os parágrafos de uma carta, com palavras que pareciam acolher todos os abraços ofertados, os recebidos e especialmente os que faltaram.

Eduardo Galeano é considerado *um escritor que não pertence a nenhum gênero literário, embora queira pertencer a todos, e alegremente viola as fronteiras que separam o ensaio da narrativa, o documento da poesia. Por que a necessidade de saber há de ser inimiga do prazer de ler? E por que a voz humana há de ser classificada como se fosse um inseto?*²

Compreendo que é Galeano, cuja obra resiste a qualquer delimitação mais rígida, quem melhor possibilitou para mim a aproximação com a tarefa central que Walter Benjamin defende para o historiador, que é a de escovar a *história a contrapelo*³, afinal, *a escritura da história está enraizada na arte (e no prazer) de contar*.⁴ Por isso, esta narrativa se mostrou,

¹ Eduardo Galeano. *As veias abertas da América Latina*, 1992, p. 7.

² Eduardo Galeano. *Nós dizemos não*, 1990, p. 32.

³ Walter Benjamin. *Obras escolhidas VI*, 1994, p. 225.

⁴ Walter Benjamin. *Obras escolhidas VI*, 1994, p. 13.



por vezes, vagarosa e pulsante, em ritmo orgânico e artesanal como eram as leituras e escrituras de cartas. *O ritmo do trabalho artesanal se inscreve em um tempo mais global, tempo onde ainda se tinha, justamente, tempo para contar.*⁵

Em suas teses “Sobre o conceito de História”, Benjamin nos recorda que ela deve ser antes de tudo uma *reflexão crítica sobre nosso discurso a respeito da história (das histórias), discurso esse inseparável de uma certa prática. Assim, a questão da escrita da história remete às questões mais amplas da prática política e da atividade da narração*⁶. O narrador, comprometido com essa perspectiva, busca no acervo de toda uma vida – *uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia*⁷ – elementos para mostrar, mais do que explicar, um tempo saturado de “agoras”⁸. A elaboração desta tese teve como pressuposto esse olhar sobre instantes; instantes de lampejo, em que passado, presente se mesclam, *pois a vitória do inimigo atual ameaça até os mortos [...] pela falsificação ou pelo esquecimento de seus combates*”⁹

Neste percurso investigativo de retorno a velhos sítios, a literatura se mostrou uma ferramenta fundamental, e como era de se supor, recorri aos conterrâneos em busca da compreensão de expressões idiomáticas, significações, figuras de linguagem, de modismos linguísticos que não dispunha. Nessa busca, cheguei a outro escritor uruguaio: Mário Benedetti, integrante da Geração de 45, considerado um dos mais importantes escritores da literatura latino-americana. Como jornalista, Benedetti compôs a redação de importantes periódicos como *La Mañana*, *El Diario*, *Tribuna Popular* e o influente semanário *Marcha*, por onde passaram escritores como Juan Carlos Onetti e o próprio Galeano. Benedetti está *vinculado às mais diversas classificações que tangenciam o universo da literatura de testemunho, de denúncia das atrocidades de uma época que não se pode esquecer. Afinal, a memória parece ser o melhor antídoto contra o horror e buscar formas ficcionais de transfigurá-la representaria, em última instância, um ato de resistência. Por esse viés, a literatura acabaria assumindo a missão de recontar, sob as vestes da ficção, aquilo que só quem viveu ou testemunhou pode lembrar. E a lembrança, assim ficcionalizada, torna-se necessária porque exerce a função de propalar a toda humanidade, a fim de que não se recaia no erro novamente, a crueldade, a baixeza de atos que, no auge de nossa desumanização, somos capazes de cometer. Testemunhar, nesse sentido, significaria reabilitar, de algum modo, a voz dos que, diante do horror, foram obrigados a calar*¹⁰.

⁵ Walter Benjamin. Obras escolhidas VI, 1994, p. 11.

⁶ Walter Benjamin. Obras escolhidas VI, 1994, p. 7.

⁷ Walter Benjamin. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Em: *Magia e técnica: arte e política*, 1994, p. 221.

⁸ Walter Benjamin. Sobre o conceito de História. Em: *Magia e técnica: arte e política*, 1994, p. 229.

⁹ Michael Löwy. Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”, 2005, p. 66.

¹⁰ Maria Célia Martins. O preso que sonhava, 2012, s/p.



PUNTO FINAL

*Nunca sé si acabaré
el verso que te escribo.
Una tarde
 quedará suspensa
la palabra
 que nos cierra el punto,
y serán sus letras
 sólo tinta fría.
Pero tú
comprenderás mi amor
aún en el verso
 que no diga.
(Mauricio Rosencof)*

Querida gente: Esta é antes de tudo a confissão de um fracasso. Há fracassos lindos e feios, diria Benedetti. Reconheço meus limites. Ou, como diria Ruben à sua irmã, em carta de abril de 1978, *me gustaría escribirte cosas más lindas, como las que te merecés y no se me ocurren*¹.

Não resultou simples a tarefa que me dispus a realizar. Por favor, entendam que sempre houve um constrangimento que nos caracterizou por muito tempo, digo no plural porque somos muitos, dentro e fora *del paisito*. A ignorância muitas vezes imposta; o não ter conhecimento; o não falar... E também porque tínhamos a consciência de que nossas penas eram bem menores, quase indignas diante de tanto horror e tanta luta.

Transcorreram-se mais de trinta anos e, todavia, busco a melhor forma de dizer, de responder, de tentar contar esta história. É que é tanta gente, tanta vida... Por respeito às dores alheias, guardei silêncios. Sim, há coisas que ainda doem.

Não são os quase treze anos que encerram ou dizem de uma vida, nem muito menos se contará dela em vinte e cinco linhas, ou mesmo ainda nas cento e vinte e cinco cartas que esta tese se utiliza para contar toda esta história.

Quando iniciei esta jornada, não dispunha muito mais que alguns indícios (uma cuia, algumas coisas que ouvi dizer, outras que vi e um livro de Benedetti: *Primavera num espelho partido*). Munido de suspeitas e muitas indagações, busquei por entre leituras diversas, algo que pudesse

¹ S. 29; 1



sugerir caminhos para abordar o tema. As possibilidades de abordagem se abriram em um infundável leque multiplicado pelas circunstâncias em que ocorreu a investigação. A todas elas dei vazão pela escrita, são registros que condensam diversos sentimentos e com eles também fui, aos poucos, me escrevendo, me contextualizando.

Para escrever, foi necessário viajar, caminhar, perder-se. Retornei a velhos sítios de minha infância e juventude. E li muito, que é outra forma de viajar, porque as palavras são viajantes, e é preciso pôr-se em movimento para escutá-las. Foi numa destas errâncias lúdicas por entre a literatura que, tomado pela mão de Cortázar, desejei contar uma história assim, com diversos caminhos, um jogo, uma brincadeira, um saltar de um ponto a outro como pular amarelinha, imitando o movimento do cavalo no xadrez ou como aqueles passeios a esmo pelas ruas de Paris, em que a Magá² me revelou um segredo: para encontrar o que procuramos, é antes de tudo necessário saber perder-se. Sair de nossa zona de conforto, trilhar caminhos que tratem de ir além do consabido. E não é que o Walter Benjamin já dizia o mesmo?

E foi também assim, errante, por entre diferentes caminhos que as cartas de *Libertad* chegaram até minhas mãos, em uma dessas minhas andanças por Montevidéu, logo ali, naquela esquina, acidente histórico e geográfico desta comarca do mundo. Centenas de cartas, entregues de uma única vez. E agora, de pesquisador me fiz guardião e salvador.

Ao receber *las cartas de Libertad*, escritas pelo irmão do meu pai, vaguei e ainda vago por parágrafos, buscando por alguém transformado em letras, e ainda sigo acariciando com os olhos a caligrafia a cada linha mais íntima. Busquei pelo papel os abraços por tanto tempo proibidos, os abraços que faltaram. Busquei romper prisões.

Por diversos meios, tentei dar alguma resposta a tudo que incessantemente continuava a chegar.³ Dediquei-me às cartas e as transcrevi, traduzi algumas, citei parágrafos, teci comentários e até as respondi. Mas ainda não era o que possibilitava narrar... Foram muitos os ritos em busca de algum caminho possível para o que se pretendia como escrita e assumir minha condição de narrador. Primeiro, as organizei em ordem cronológica, afinal parecia ser o mais sensato. Desisti, resolvi experimentar ler as cartas ao acaso, deixando que elas chegassem até a mim. Hoje eu sei também que os muitos envelopes fechados possuem um tempo de espera, para que as condições de leitura se façam mais próximas. E, assim, o narrador anuncia pelas palavras de *Libertad* que esta história ainda seguirá.

//
Faço aqui referência
a sua obra *Rayuela*
(1963) publicado em
português com o
título de *Jogo da*
Amarelinha. //

² Personagem de Cortázar, em *Rayuelas*.

³ Ininterruptamente, ao longo desta investigação, chegaram até minhas mãos diversos materiais (fitas k-7, jornais, documentos, artesanato produzido pelos detentos, fotografias, novos relatos...).



São fracassos lindos, os que nos ensinam. Foi por entre cartas que flanei nestes últimos anos. Um passeio em busca de algumas respostas para perguntas que não me eram claras. Andei mais pelo que intuía e se fez necessário parar, observar, escutar, pois andar na penumbra, requeria alguma orientação. Foi então que percebi que as cartas estavam para mim como a topografia de Paris estava para Benjamin e, munido de uma tesoura, recortei os parágrafos que reuni em quatro categorias (*Sombras, o Educador, Esperanza e Pájaros*) em que aglutinei a escrita de Ruben.

Em *Sombras* agrupei o que interpretei como sinais de fumaça a respeito dos fantasmas da história, buscando entre linhas o que se deseja esconder, o que foi propositadamente escondido e o que as cartas dizem a respeito disso e o que ainda podem dizer, pois se é verdade que o inimigo não tem cessado de vencer, reside aí a importância de o porquê contar esta história.

Em o *Educador*, selecionei como um colecionador, as palavras que pautaram sua vida, *que lo fundamental debe estar dado por la actitud frente a la vida. Es decir, como concebimos esta cosa chiquita que es nuestro pasaje sobre la tierra. – Si la entendemos como la búsqueda del buen pasar aún a costa de nuestros semejantes, o la aceptamos como una actividad de servicio en la que nos importa tanto nuestro bienestar como el del prójimo. Porque somos animales sociales y en consecuencia lo nuestro, está intimamente ligado a lo de los demás. Son cosas difíciles de plantear y más aún resolver.* Um caminho a trilhar pelas linhas e mãos de um educador que aponta para dias melhores, apesar das circunstâncias. *Todo tiempo futuro puede ser mejor*⁴. Esse é o sentido das linhas que se encontram na categoria *Esperanza*, palavra mantida em espanhol, por ser o nome de uma de suas sobrinhas. E por crer nela, busquei as palavras que dessem um sentido de esperança em um mundo tão carente dela. Não uma esperança passiva, mas a esperança do anjo da história de que nos fala Benjamin.

E foi pelos *Pájaros*, categoria em que recolhi as poéticas palavras echas em *libertad* onde encontrei o pássaro e a necessidade de preservar o voo, mesmo que, em alguns momentos, se mostre ou pareça impossíveis. Busquei nelas recuperar o sentido das palavras *Educação, pesquisar, escrever, professor de história*, através do que as *Cartas de Libertad* inspiaram como convite e desafio. É necessário continuar a buscar as correspondências perdidas, guardadas, escondidas, proibidas. É necessário acatar o desafio de ver o que não se mostra de imediato e que, aos poucos, vamos compreendendo.

⁴S. 9; 2



Agora que mais uma primavera se aproxima, observo através da minha escritanela cada amanhecer, que traz consigo a ameaçadora névoa que retarda a luz do novo dia. Insistente, não dissipa, teima em ocultar o sol. As brumas avançam, sorrateiramente. Gélido sussurro, que apesar da luz da aurora, insiste em retornar trazendo as noites frias de um prolongado inverno. Será esta também uma primavera rota? Através de minha escritanela, observo a névoa que intenta retardar o calor, porém, busco entrever nos contornos dos arbustos que timidamente insurgem as flores que irrompem, colorindo o monótono cinza, anunciando renovação e vida. Pois como dizia Neruda, a primavera é inexorável.

Tenho consciência de que esta foi uma escrita indolente, vagabunda, subversiva. Talvez por tratar justamente de um tema subversivo. E também porque estou convencido de que *a dignidade humana deve estar associada à imagem de um vagabundo e não à de um soldado obediente, disciplinado e arregimentado. O vagabundo será o último e o mais formidável inimigo das ditaduras*⁵.

Por aqui ainda são muito vivas as recordações do que se convencionou chamar de “Guerra Fria”. Por estas latitudes, essa etapa da história ainda carece de atenção. Acaso não fomos nós, conscientes ou não, os que convivemos com a guerra suja que caracterizou aqueles anos? Tempos de verdades incontestáveis e silêncios impostos. Sobre esse período ainda há muitas histórias que esperam por serem ditas e é sufocante o recorrente argumento de que devemos virar a página, sem ao menos tê-la escrita. Dizer; como verbo transitivo direto, pois já é passada a hora de começarmos a falar entre nós, a discutir, a expressar ideias e pensamentos a respeito das mais recentes ditaduras cívico-militares que sacudiram o nosso continente. As jovens e frágeis democracias nascidas em meados dos anos oitenta do século passado, mostram-se sob ameaça.

É falso todo o discurso que nos acena com a construção de um futuro novo, se não nos é permitido encarar nosso passado. Será somente por intermédio da memória manifesta em palavra que podemos sanar algumas dores, e quem sabe assim, evitar que o horror se repita. Ou, como diz Ganduglia, *toda memoria apunta, en realidad, hacia el futuro, y no hacia el pasado como solemos creer. Es una comprobación inquietante*⁶.

Busquei por entre parágrafos respostas para as palavras mudas no olhar do meu pai. (*Un dia me vás a entender*) – foi o que li refletido no pedaço que me corresponde nesse espelho roto. Para a estrutura deste texto, tratei de juntar os pedaços. Busquei nessas pequenas partes a dimensão

⁵ Lin Yutang. A importância de viver, 1959, p. 12

⁶ Néstor Ganduglia. Historias Mágicas del Uruguay Interior, 2017, p. 153.



humana que nem sempre encontrava nos livros.

A obra de Benedetti sempre me acompanhou ao longo desta jornada. Aos poucos, fui percebendo que minha escrita era assim, feita de fragmentos, como os de um espelho partido, refletindo mais de quem os observa do que de si mesmo. Foi assim que encontrei a forma de expressar o que aqui pretendi. E sim, o narrador também é fragmento, e é disso que resulta esta escrita imbricada no outro, entrecortada, uma história que não deseja resumir-se a si.

No momento em que escrevo, completo cinquenta e um anos. Sou um homem adulto, que é uma forma elegante de dizer que entrei na velhice. Seguirei o mesmo desorientado frente ao exercício da liberdade⁷, principalmente agora, em que mais uma noite se aproxima, venho acalentar novos sonhos no embalo sereno do sono de minha filha, assim como fizeram os que nos antecederam em canções de ninar na longa noite dos verdugos. Tal como as flores noturnas que, com seus aromas, buscam atrair pássaros, insetos e outros notívagos, somos chamados a desabrochar, exibindo mais as flores do que os espinhos.

Há fracassos lindos e feios, diria Benedetti. Esta foi a história que a este escritor, narrador, educador foi possível contar na busca por expandir os sentidos da palavra Liberdade, endereçando-a como cartas, convocando a compreender para que, afinal, servem os pássaros? Ou a quem servem?

O que podem nos mostrar os pássaros?

¿Dónde está tu pájaro, plumita?

Mi pájaro es un sueño:

se ha volado.

¿Volverá?

Nunca se va:

vuela y permanece

como vuela y permanece

todo lo soñado.

(Mauricio Rosencof)

⁷ Carlos Liscano. El furgón de los locos, 2014, p. 184 [traduzido e adaptado por mim].

REFERÊNCIAS

- AMORIM M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas.** São Paulo: Musa, 2001.
- ARENDT, H. **Homens em tempos sombrios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BENEDETTI, M. **Primavera num espelho partido.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- BENJAMIN, W. As teses sobre o conceito de História. In: **Magia e técnica: arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.
- BENJAMIN, W. **O Narrador.** Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica: arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas VI.** 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BENJAMIN, W. **Passagens.** Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- BENJAMIN, W. **Rua de mão única: infância berlinense.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BENJAMIN, W. **Sobre o Conceito de História.** In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica: arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOLLE, W. **Fisionomia da metrópole moderna: representação da História em Walter Benjamin.** São Paulo: USP, 2000.
- Cadernos Walter Benjamin.** Belo Horizonte, v. 19, p. 1-20, jul.-dez. 2017. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/328275581>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- CORTÁZAR, J. **As babas do diabo.** In: J. CORTÁZAR. **As Armas Secretas.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- CORTÁZAR, J. **Rayuela.** Buenos Aires: Prisa, 2013.
- CURBELO, A. P. **Para charlar con la memoria.** Recuerdos duraznenses, Durazno: Editora do autor, 2004.
- ESTEFANELL, M. **El hombre numerado.** Montevideo: Prisa, 2007.
- FREGA, A. (et al.) **Historia del Uruguay em el siglo XX (1890-2005).** Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.
- FUKS, J. **A resistência.** 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- GAGNEBIN, J. M. **História e narração em Walter Benjamin.** Campinas: Editora Estadual de Campinas, 1994.
- GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: 34, 2006.
- GAGNEBIN, J-M. **Apagar os rastros, recolher os restos.** In: SEDLMAYER, S,

- GINZGURG, J (Org.). **Walter Benjamin: rastro, aura e história.** Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- GAGNEBIN, J-M. Do conceito de *Darstellung* em Walter Benjamin ou verdade e beleza. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, p. 183-190, dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 jan. 2019.
- GALEANO, E. **As palavras Andantes.** Porto Alegre: L&PM, 1994.
- GALEANO, E. **El libro de los abrazos.** Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2010.
- GALEANO, E. **Nós dizemos não.** Rio de Janeiro: Revan, 1990.
- GALEANO, E. **Trilogia Memoria do Fogo: I. Os Nascimento / II. As Caras E As Mascaras / III. O Século do Vento.** Porto Alegre: L&PM, 2013.
- GALEANO, E. **Mulheres.** Porto Alegre: L&PM, 1998.
- GALEANO, E. **O caçador de histórias.** Porto Alegre: L&PM, 2016.
- GANDÚGLIA, N. **Historias mágicas del Uruguay interior.** Montevideo; Planeta, 2017.
- GORKI, M. **La madre.** Santiago de Chile: Roble, 1977.
- HABERKORN, L. **Milicos y Tupas.** 7ª ed. Montevideo: Fin de Siglo, 2015.
- HUGO, V. **Os miseráveis.** São Paulo: Martin Claret, 2014.
- Inauguración del Memorial Penal de Libertad.** Disponível em <https://ladiaria.com.uy/articulo/2018/5/pasado-pendiente/> Acesso em: 13/09/2019
- KONDER, L. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- La persistencia de la memoria.** Disponível em <http://montevideo.gub.uy/institucional/noticias/la-persistencia-de-la-memoria-0> Acesso em: 13/09/2019.
- LEWY, P. **Os afogados e os sobreviventes.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- LISCANO, C. **El furgón de los locos.** 2ª ed. Montevideo: Planeta, 2014.
- LOPES, E. M. S. T. Personagens em busca de um autor. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira de; RESENDE, Patrícia Cappuccio de; SOUSA, Maria José Francisco de. (Org.). **Cultura escrita no Brasil: estudos de caso nos séculos XIX e XX.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LÖWY, M. **Walter Benjamin: Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história.** São Paulo: Boitempo, 2005.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTIRANI, M. C. O preso que sonhava. **Jornal Rascunho**, v. 110, fev. 2012. Disponível em: <http://rascunho.com.br/o-presos-que-sonhava/>. Acesso em: 22 jul. 2019.
- MATE, R. **Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito da História”.** São Leopoldo: Unissinos, 2011.

- Matos, O. Passagens: cidades-viagem. In: MISSAC. P. **Passagem de Walter Benjamin**. São Paulo: Iluminuras, 1998. p. 7-12.
- MÈLICH, J. **La lectura como plegaria**. Barcelona: Fragmenta, 2015.
- MISSAC. P. **Passagem de Walter Benjamin**. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- PACIFICI, S.; ALZUGARAT, A. **Quisiera decirte tanto**. Montevideo: Rebeca Linke, 2015.
- PADRÓS, E. S. Enterrados vivos: a prisão política na ditadura uruguaia e o caso dos reféns. **España Plural**, v. 13, n. 27, 2º sem. 2012, p. 13-38. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/8570?fbclid=IwAR1qKbXrCROACyEOTb4VVlxHtQFhOn6ukaw0_G5DiySf_WQ1qge6Cm7BAwo. Acesso em: 16. out. 2018.
- PHILLIPPS-TREBY, W.; TISCORNIA, J. **Vivir en Libertad**. Montevideo: EBO, 2003.
- PROHIBIDO PISAR LAS FLORES**. Produção: TevéCIUDAD; Luiz Gonzales Zaffaroni. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E5FPJupn4MA>. Acesso em: 16 fev. 2019.
- ROJA, R. [Correspondência]. Destinatários: familiares. Montevideu/Durzano, 1973-1985.
- ROSENCOF. M. Conversaciones con la alpargata. 3ª ed. Montevideo: Arca, 1989.
- ROUANET. S. Apresentação: In: Benjamin, W. Origem do drama barroco alemão. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SAN MARTIN, M. Liberalización económica, ditadura y resistencia. 1965-1985. In: FREGA, A. et al. A historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005). Montevideo: EBO, 2008.
- SELDMAYER, S, GINZBURG, J. **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo horizonte: UFMG, 2012.
- SEMANARIO PAGINA CERO. Durazno, ano I, n. 12, set. 2005.
- TUPAMAROS. Produção: Rainer Hoffmann y Heidi Specogna. Uruguay, Alemania, 1997. 95 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YawUkV-GyHxE&t=568s>. Acesso em: 15 fev. 2019.
- VOLPE, M. L. **Geografias do exílio**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- YUTANG, L. **A importância de viver**. 4ª ed. Porto Alegre: Globo, 1959.

Fontes orais:

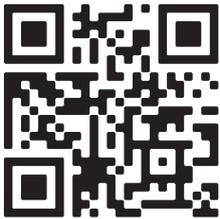
- Entrevista realizada pelo autor com Ariel Roja Portes e Nelly Fagundez Fernandez de Roja, em 15 de janeiro de 2010, em sua residência.

ANEXOS

Pájaros



Sombras



O Educador



Enperanza



Livros e filmes



El cumple de Sole

